UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

KÉSSIA KELLE FLOR DE LIMA

A RECEPÇÃO INICIAL DE *POEMAS* (1947), DE JOAQUIM CARDOZO, NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

João Pessoa - PB
2023

KÉSSIA KELLE FLOR DE LIMA

A RECEPÇÃO INICIAL DE *POEMAS* (1947), DE JOAQUIM CARDOZO, NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Teoria e Crítica.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Cristina Cintra.

João Pessoa - PB
2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732r Lima, Késsia Kelle Flor de.
A recepção inicial de Poemas (1947), de Joaquim Cardozo, no Diário de Pernambuco / Késsia Kelle Flor de Lima. - João Pessoa, 2023.
117 f. : il.

Orientação: Elaine Cristina Cintra.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Crítica literária - Jornais. 2. Lírica brasileira - Século XX. 3. Cardozo, Joaquim. 4. Poemas. 5. Diário de Pernambuco. I. Cintra, Elaine Cristina. II. Título.

UFPB/BC CDU 82.09:070(043)

Elaborado por WALQUELINE DA SILVA ARAUJO - CRB-15/514

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA
KÉSSIA KELLE FLOR DE LIMA

Aos sete dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e três, às dez horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: "POEMAS (1947), DE JOAQUIM CARDOZO, NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 40", apresentada pelo(a) aluno(a) Késsia Kelle Flor de Lima, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A professora Doutora Elaine Cristina Cintra (UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Everton Barbosa Correia (UERJ), e Joelma Santana Siqueira (UFV). Dando início aos trabalhos, a Senhora Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra à mestranda para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: **APROVADO**. Proclamados os resultados pela Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Elaine Cristina Cintra (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 07 de julho de 2023.

Parecer:

A despeito da excelência da pesquisa, e da capacidade de escrita da candidata, a banca considerou que algumas formalidades devem ser retificadas, a saber: 1) o título deverá ser sintaticamente reorganizado; 2) o resumo deverá ser reescrito, de modo compatível com o andamento do trabalho; 3) precisar as ocorrências de cidade, estado e região.

gov.br Documento assinado digitalmente
ELAINE CRISTINA CINTRA
Data: 07/07/2023 15:12:20-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Drª. Elaine Cristina Cintra
(Presidente da Banca)

gov.br Documento assinado digitalmente
JOELMA SANTANA SIQUEIRA
Data: 07/07/2023 12:29:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Drª. Joelma Santana Siqueira
(Examinadora)

Prof. Dr. Everton Barbosa Correia
(Examinador)

Késsia Kelle Flor de Lima
(Mestranda)

AGRADECIMENTOS

Ao povo brasileiro, responsável pelo financiamento da minha bolsa, expresso minha mais profunda gratidão.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Elaine Cintra, por ser a responsável pelo meu crescimento como pesquisadora. Sua presença é uma aula ininterrupta.

À Rosilene, minha mãe, por teu apoio que foi a bússola que me guiou com nada mais que amor e nada menos que nada.

Ao Wendson, meu companheiro, por teu incentivo e amparo em todos os momentos que precisei. Teu carinho me guiou, jamais me deixou desviar.

Aos meus amigos Felipe, Janaina, Marcos e Mirelly por serem fonte de incentivo e apoio tanto na minha vida acadêmica quanto pessoal.

À banca examinadora, por sua valiosa contribuição neste estudo.

Ao programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, pelas contribuições para minha formação acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida durante todo o período do meu mestrado.

RESUMO

O presente trabalho objetivou discutir como se desenvolveu a recepção de *Poemas* (1947), primeiro livro de poesias de Joaquim Cardozo, no *Diário de Pernambuco*, com o intuito de demonstrar o impacto da obra desse autor na região. Para tanto, foi necessário apresentar uma contextualização acerca da imprensa e da literatura em Pernambuco. Além disso, o primeiro capítulo dedica-se a expor um panorama acerca do contato entre Joaquim Cardozo e o *Diário de Pernambuco*, perspectiva que contribui para o entendimento da atuação do jornal pernambucano na divulgação do poeta. O segundo capítulo discute propriamente sobre *Poemas* (1947), expondo os colabores da obra e os seus leitores. Por último, são selecionados quatro estudos publicados no periódico na sequência da publicação do primeiro livro do poeta, ou seja, na década de 1940, críticas assinadas por Paulo Mendes Campos, Mauro Mota, Olívio Montenegro e Jorge de Lima. Ao examinar o contexto histórico, social e cultural da região, é traçado um percurso dos estudos publicados no *Diário de Pernambuco*, o que permite compreender a importância dos materiais divulgados pelo jornal para a consagração do poeta. Conclui-se, assim, que o *Diário* acompanhou as diferentes fases de Joaquim Cardozo em suas várias atividades e contribuiu para o reconhecimento e divulgação da poesia de Cardozo no cenário literário.

Palavras-chave: Crítica literária em jornais. Lírica brasileira do século XX. Joaquim Cardozo. *Poemas*. *Diário de Pernambuco*.

ABSTRACT

This study aimed to discuss the reception of *Poemas* (1947), the first poetry book by Joaquim Cardozo, in the *Diário de Pernambuco*, in order to demonstrate the impact of the author's work in the region. To achieve this, it was necessary to provide a contextualization of the press and literature in Pernambuco. The first chapter focuses on presenting an overview of the interaction between Joaquim Cardozo and *Diário de Pernambuco*, providing insights into the newspaper's role in promoting the poet. The second chapter specifically discusses *Poemas* (1947), highlighting the collaborators of the work and its readers. Lastly, four studies published in the journal during the 1940s, written by Paulo Mendes Campos, Mauro Mota, Olívio Montenegro, and Jorge de Lima, are selected for analysis. By examining the historical, social, and cultural context of the region, a trajectory of the studies published in the *Diário de Pernambuco* is traced, allowing for an understanding of the significance of the materials published in the newspaper for the poet's recognition. It is concluded that *Diário* accompanied Joaquim Cardozo through different phases of his various activities and contributed to the acknowledgement and dissemination of Cardozo's poetry in the literary scene.

Keywords: Literary criticism in newspapers. Brazilian lyric of the 20th century. Joaquim Cardozo. *Poemas*. *Diário de Pernambuco*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro poema de Joaquim Cardozo publicado integralmente no *Diário* 30

Figura 2 - “O Cego” de Joaquim Cardozo 31

Figura 3 - “Canção” de Joaquim Cardozo 32

Figura 4 - “Tarde no Recife” de Joaquim Cardozo 33

Figura 5 - “Recife morto” de Joaquim Cardozo 34

Figura 6 - “Composição” de Joaquim Cardozo 35

Figura 7 - “Soneto essencial” de Joaquim Cardozo 36

Figura 8 - “Soneto somente” de Joaquim Cardozo 37

Figura 9 - Gravura de Santa Rosa 41

Figura 10 - “Um poeta de bom-gosto”, Paulo Mendes Campos, 1948 65

Figura 11 - “Recife morto”, Mauro Mota, 1948 81

Figura 12 - “Os poemas de Joaquim Cardoso”, Olívio Montenegro, 1948 92

Figura 13 - “Os *Poemas* de Joaquim Cardoso”, Jorge de Lima, 1949 104

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 9

CAPÍTULO I: JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*: APRESENTAÇÃO GERAL 17

Publicação de poemas 29

CAPÍTULO II: SOBRE *POEMAS* (1947) 40

As edições de *Poemas* 44

O prefácio de Drummond 45

Outros leitores de *Poemas* 48

CAPÍTULO III: QUATRO ESTUDOS SOBRE *POEMAS* (1947) 59

"Um poeta de bom-gosto", Paulo Mendes Campos 60

"Recife morto", Mauro Mota 74

"Os poemas de Joaquim Cardozo", Olívio Montenegro 89

"Os *Poemas* de Joaquim Cardozo", Jorge de Lima 97

CONCLUSÃO 109

REFERÊNCIAS 113

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entre a relevância das publicações periódicas, além das notícias costumeiras apresentadas, pode-se destacar a importante exibição de cultura e conhecimento, que, em nosso país, constituem uma tradição na apresentação e discussão de obras para um determinado público. Nessa pátria, voltamo-nos para o *Diário de Pernambuco*, jornal que é uma importante fonte de cultura e intelectualismo em Pernambuco e que destaca em suas páginas as manifestações existentes na região, seja no âmbito musical, arquitetônico, esportivo, festivo e literário.

Entre os inúmeros periódicos existentes no país, o *Diário de Pernambuco*, fundado em 7 de novembro de 1825 pelo tipógrafo e jornalista Antonio José de Miranda Falcão, no Recife, destaca-se pelos seus 198 anos de materialização da história pernambucana, o que o torna o periódico mais antigo em circulação no Brasil e na América Latina. O respectivo jornal comunicou importantes fases do Estado, atuando como veículo de informação quando a capital da província do Estado de Pernambuco ainda era Olinda. Atuou informando quando o Brasil estava sendo governado pela monarquia, ou seja, tratava-se do Brasil Império antes mesmo da abolição da escravatura, divulgando inclusive as fugas dos escravos. Em 1829, o periódico pôde mudar seu formato, aumentando seu molde, acrescentando entre as notícias matérias de rotina, atos oficiais, preços referentes a importações e estatísticas comerciais de grandes negócios, diminuindo cada vez mais as divulgações dos pequenos anúncios, que eram seu foco inicialmente. O *Diário* manteve-se ativo e focado na prestação de serviços à sociedade pernambucana desde o Império, passando pela República Velha. Também fez ampla cobertura dos governos militares entre 1964-1968. Atualmente, continua em circulação, reinventando-se e adaptando-se às necessidades da sociedade pernambucana atual, incluindo suas tradicionais folhas de jornais, bem como sua presença nas redes sociais, aplicativos e em seu *site* oficial.

Com relação ao posicionamento político do *Diário de Pernambuco*, foi possível analisar que as perspectivas ideológicas expressas nas publicações e em suas atividades variavam de acordo com seus organizadores. No entanto, em seus anos iniciais, a fase mais árdua para manter um periódico em funcionamento, o jornal se manteve "neutro" em problemáticas espinhosas; ou seja, nos primeiros anos, o *Diário* tinha como objetivo informar seu público leitor sem demonstrar uma doutrinação explícita, o que garantiu sua preservação

por muito tempo, diferentemente de outros periódicos que não suportaram as consequências e interferências de se posicionar politicamente.

Em relação aos anos de efervescência do *Diário de Pernambuco*, um fato a ser destacado no século XIX é a transformação social, cultural, econômica e intelectual decorrente da instalação da Faculdade de Direito do Recife. O entusiasmo do centro de atividades intelectuais e universitárias contribuiu para que a elaboração das páginas da imprensa evidenciasse o espírito dos mestres e acadêmicos que se destacavam com a febre de publicar escritos (JAMBO, 1975, p. 190).

Acerca dos jornais e jornalistas do Recife, na conferência realizada no dia 29 de novembro de 1953, em Campina Grande, a convite da Associação Paraibana de Imprensa, Aníbal Fernandes[1] apresentou um panorama sobre o jornalismo pernambucano, intitulado "Jornais e jornalistas do meu tempo", presente em *Estudos pernambucanos* (1982). De modo geral, segundo Fernandes, o jornalismo local era dividido em duas perspectivas: o jornalismo de informação e o jornalismo de opinião. O jornalismo de informação se resumiria a apresentar os fatos da maneira como acontecem, de modo mais impessoal. Contudo, para se ter um jornalismo de informação, seria necessário que houvesse uma imprensa livre, o que, consequentemente, estimularia a existência de um jornalismo de opinião, que apresenta uma imprensa mais obstinada aos seus interesses, distribuindo a sua opinião como uma "opinião pública", até porque a opinião pública é aquela que é publicada, e não necessariamente a que vai de acordo com a sociedade de modo geral. A partir dessa distinção, é possível afirmar que, de maneira mais predominante, a imprensa pernambucana destacava-se com o seu jornalismo de opinião, no qual a polêmica era o maior combustível para que a tradição local não esmorecesse. Personalidades como Sílvio Romero e Tobias Barreto estimulavam a essência efervescente do jornalismo que produziam, com mais dedicação às inovações e às justificativas diversas para as problemáticas que surgiam (FERNANDES, 1982, p. 146):

> A polêmica sempre fora, aliás, do gosto do jornalismo político pernambucano; e terríveis foram as discussões, em que se empenharam José Maria de Albuquerque Melo, Mário Rodrigues [...]. Dir-se-ia que a polêmica era a nota dominante do jornalismo pernambucano. Nessa época, a imprensa do Recife era muito mais de opinião, do que de informação.

[1] Aníbal Gonçalves Fernandes foi jornalista, professor, deputado estadual e participou do governo de Sérgio Loreto como oficial de gabinete. Iniciou suas atividades no "batente" do jornal *Diário de Pernambuco*, como o próprio mencionava, e sua atuação iniciou começou sem remuneração, mas posteriormente alcançou o cargo de diretor. Essa experiência lhe proporcionou trabalhar ao lado de profissionais como Gilberto Freyre, Mauro Mota, Jader de Andrade, Assis Chateaubriand, entre outros.

No início do século XX, os conteúdos que estimulavam as polêmicas do jornalismo de opinião não seriam mais a filosofia, a crítica, a religião, mas sim o jornalismo político e o debate dos partidos. Porém, pode-se adiantar que o envolvimento do jornalismo com a política resultou em consequências severas, situação que, por diferentes fatos, não inibiram a atividade da imprensa (FERNANDES, 1982, p. 152):

> Se os jornais acutilavam os governos, estes por sua vez acutilavam os jornais ou prendendo e espancando os redatores; ou empastelando as oficinas; e depois lhes atribuindo a culpa de tudo. Mas aquele "maligno vapor pernambucano", de que falava o cronista, não desarmava, diante do ferro e do fogo. Ressurgiram os jornais das próprias cinzas e voltavam à liça. Dir-se-ia que os jornalistas, espancados e destroncados, tinham o diabo no couro.

Entre os jornais de opinião da época, podem-se destacar o *Jornal do Recife, Gazeta da Tarde, Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio* e *Jornal Pequeno.* Nessa esfera, o jornalista exemplar teria que apresentar duas capacidades: a primeira seria ter um bom faro de repórter e a segunda seria ter um bom gosto literário. Esse tipo de "avaliação" não se restringia apenas a Pernambuco, mas a todo o território nacional; um bom jornalista teria que ser um homem das letras.

À vista disso, é possível entender que o jornalismo da região exprimia a sua pernambucanidade[2] através de suas polêmicas, dos envolvimentos sociais e políticos. Vale destacar que entre os séculos XIX e XX, o jornalismo pernambucano era tão estimado quanto os da região Sul e Sudeste. Essa informação pode ser comprovada a partir do comentário feito por Aníbal Fernandes, no qual afirma ser o valor de um artigo pago no *Diário de Pernambuco* o mesmo de um jornal do Rio de Janeiro, lembrando ser, esta última, a capital do país na ocasião (FERNANDES, 1982, p. 158): "Seus artigos eram pagos à razão de 50 mil réis, cada; e parece que esse era o preço no Rio".

Dessa forma, é importante discutir e divulgar a relevância das publicações feitas em periódicos, buscando a preservação das histórias contadas nas páginas deste jornal, com o objetivo de um trabalho para a posterioridade, conforme afirma o jornalista e pesquisador

---

[2] Mas, afinal, o que seria essa "pernambucanidade", premissa básica das publicações desse periódico? Seria uma emanação própria da alma pernambucana, como Pereira entende?

> Que é Pernambucanidade? Pode-se entender por essa expressão um estado de espírito. Uma vivência histórica. Um modo de ser. O pernambucano, talvez mais do que qualquer outro brasileiro, tem a sua singularidade. [...] A Pernambucanidade deve ter nascido na luta contra o flamengo. Uma luta de vida e morte. Aqueles vinte e quatro anos de dominação holandesa contribuíram para dar a Pernambuco o sentido heroico de uma Pernambucanidade. Foi um sentido que venceu o intruso. Esse sentimento tem o nome de Pernambucanidade. É abrangente. Compreende todos quantos, daqui e de outras Capitanias, se juntaram para um ideal único: defender uma personalidade em formação (PEREIRA, 1983, p. 167).

Luiz do Nascimento, no prefácio de sua obra *História da Imprensa de Pernambuco* v. 1 (1968, p. 9):

> Trabalhar para a posteridade — eis a questão. Trabalhar hoje para que se conheça amanhã o que se publicou ontem. E trabalhar com apuro, com dedicação e honestidade, sem passar por cima do principal, sem claudicar na informação colhida, a fim de não deixar em dúvida o leitor de vinte, trinta, cinquenta, cem anos adiante, quando de milhares de jornais, de milhares de revistas só restarão papéis moídos e amarelados.

Após compreender a importância dessa substância memorialística, torna-se relevante explorar as duas esferas que abrangem esta pesquisa e que ressaltam a singularidade do povo pernambucano: o jornalismo, mencionado brevemente acima, mas que será mais amplamente discutido ao longo do estudo; e a literatura, a outra esfera de interesse. A princípio, sobre a literatura, a velha Capitania adotada por Duarte Coelho[3] é considerada o berço da literatura brasileira. Capitania essa que, em 1535, o seu capitão-donatário resistiu às privatizações, implantou os domínios e fundou a dinastia, as lavouras e os engenhos de açúcar, que até hoje são relevantes para a economia da região (FERNANDES, 1982, p. 188). Segundo Gilberto Freyre, em *O mundo que o português criou* (1940, p. 120), a economia canavieira do Nordeste foi primordial para a instauração da atividade intelectual do país, pois resultou em uma região próspera para os diferentes segmentos que surgiram posteriormente, como o primeiro jardim zoológico, o primeiro jardim botânico, o primeiro observatório astronômico, a primeira cidade urbanisticamente planejada, o jornal mais antigo do país e a primeira produção literária nacional.

Nesta mesma Capitania, em Olinda, nasceu Bento Teixeira Pinto, considerado pioneiro da literatura no Brasil com o seu poema *Prosopopeia*, publicado em 1601. Entre diferentes especialistas, Bento Teixeira recebe críticas severas em relação à qualidade do seu poema, no qual apresenta uma forte referência à literatura portuguesa, sendo chamado, por isso, ironicamente, de "Bento de *Os Lusíadas",* por Aníbal Fernandes (1982, p.191)[4]. A obra, composta de 94 estrofes, é considerada o pontapé para o início da essência pernambucana no âmbito literário, que posteriormente, efervesce com sua originalidade cultural em futuras produções de diferentes artistas.

---

[3] Duarte Coelho Pereira foi um militar português que desempenhou um papel importante na administração da colônia portuguesa no Brasil. Ele foi o fundador da cidade de Olinda, localizada em Pernambuco, e foi nomeado o primeiro capitão-donatário da Capitania de Pernambuco, uma das divisões administrativas do Brasil colonial. Sua contribuição foi fundamental para o estabelecimento e desenvolvimento da região.

[4] Além desse último, a produção do poeta também estimulou comentários de outros estudiosos, como Sílvio Romero e Gilberto Freyre, que demonstraram uma compreensão maior acerca de *Prosopopéia* e sua contextualização, uma vez que se trata de um poema oferecido a Jorge de Albuquerque e que descreve a Nova Lusitânia (FERNANDES, 1982, p. 186-187).

Isto posto, e tratando-se de uma pesquisa que busca analisar publicações de uma personalidade relevante da terra, não poderia ser diferente a escolha como *corpus* dessa pesquisa do periódico que iniciou a sua história junto à sua nação, isto é, a independência reconhecida oficialmente por Portugal ocorreu 8 (oito) dias após a fundação do *Diário de Pernambuco*, em 15 de novembro de 1825. A história de uma localidade e de um periódico, então, se confundem, porque com o passar dos anos o jornal da praça deixou de ser um simples noticiário que registrava os acontecimentos locais e passou a ser importante fator da própria representação e formação da região.

Sob a proposta de compreender o cenário jornalístico e literário do local, o presente estudo buscou apresentar e discutir a relação do *Diário* com uma das figuras mais instigantes de Pernambuco, Joaquim Cardozo. O poeta e engenheiro iniciou em 1914 a sua jornada profissional nesse periódico como caricaturista, aos 17 anos, e nessa ocupação publicou diferentes caricaturas ilustrando versos irônicos do jornalista Jader de Andrade[5], que usava o pseudônimo "X.T". A princípio, as ilustrações eram publicadas nas edições dos domingos e tinham como foco a representação de assuntos políticos.

Após a estreia como cartunista, o autor inicia em 1925 uma nova atividade no *Diário de Pernambuco*, exercendo a função de crítico literário a partir da sua primeira produção publicada no *Livro do Nordeste*, intitulada "Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira". Essa crítica, apresentada no livro que homenageia o centenário do *Diário*, teve como finalidade avaliar a poesia de Manuel Bandeira e discutir uma perspectiva da lírica bandeiriana diferente das que normalmente eram encontradas na ocasião, além de marcar o início do contato entre esses dois pés do tripé da poesia pernambucana, que seriam Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo e João Cabral de Melo Neto.

Posteriormente à contribuição de Cardozo como caricaturista e crítico literário no próprio *Diário de Pernambuco*, o autor de "Recife morto" permanece presente no periódico pelas suas atividades e contribuições na engenharia. O compartilhamento de informações acerca do engenheiro é recorrente no *Diário*, pois a sua personalidade estava sempre colaborando com os estudos desenvolvidos na Escola de Engenharia do Recife e através da sua atuação no Departamento de Obras Públicas do Governo de Pernambuco. Além desses

[5] Jader de Andrade, importante jornalista, político, poeta e empresário, nasceu em Goiana (PE).Uma figura multifacetada que deixou uma contribuição significativa no cenário jornalístico, político e literário de Pernambuco e do Brasil. Além de ser um jornalista renomado, também era poeta e empresário, o que demonstra sua versatilidade e habilidades em diversas áreas. Sua importância como jornalista pode ser destacada pela fundação do periódico *A Serra* em 1912, que contribuiu para enriquecer ainda mais o cenário da imprensa na região. Além disso, sua colaboração com o *Diário de Pernambuco*, especialmente no desenvolvimento de publicações de caricaturas em parceria com Joaquim Cardozo, revela seu talento artístico e sua capacidade de abordar questões políticas de forma satírica e criativa.

contatos, nos anos 30, os trabalhos do calculista Joaquim Cardozo tornaram-se ainda mais reconhecidos e divulgados nas páginas do periódico, uma vez que participou dos trabalhos desenvolvidos na Exposição do Centenário da Farroupilha, em Porto Alegre.

Mais adiante, em relação às suas produções poéticas, o pernambucano lançou tardiamente a sua primeira obra em 1947, *Poemas*, pela editora Agir, no Rio de Janeiro, quando já havia sido "exilado" de Pernambuco e radicado residência no Rio de Janeiro. Seguidamente, mais cinco livros seriam publicados: *Signo Estrelado* (1960), *Trivium* (1952-1970), *Mundos paralelos* (1970), *Interior da Matéria* (1975) e o póstumo *Um livro aceso e nove canções sombrias* (1981). Além das produções poéticas, é relevante destacar as obras teatrais cardozianas: *O coronel de macambira* (1963) e *De uma noite de festa* (1971); além dos contos "Voltando de Marcação", "Perdidos nos tabuleiros", "O rugido", "De novo em Cabedelo", "Minha tia Dondon", "Tramataia", entre outros. Ainda no Rio de Janeiro, Cardozo foi um crítico de arte respeitado, publicando vários estudos em revistas da época.

Durante essa época, assim como ocorreu com as atividades anteriormente mencionadas desenvolvidas por Joaquim Cardozo, o *Diário de Pernambuco* manteve-se ativo colaborando com a divulgação de tais publicações do autor, principalmente suas produções poéticas e teatrais. A partir da estreia da poesia cardoziana em livro no ano de 1947, o jornal publicou ou republicou as principais leituras críticas sobre sua obra por décadas.

À vista disso, pode-se entender que a relação de Joaquim Cardozo com o *Diário de Pernambuco* se interliga em diferentes situações e épocas, iniciando-se com a primeira experiência profissional de Cardozo, seguindo o seu percurso como personalidade importante do Estado de Pernambuco, tanto no âmbito literário quanto no âmbito da engenharia. Essa relação se estende através das homenagens póstumas na ocasião de seu passamento.

Reconhecer a personalidade de Joaquim Maria Moreira Cardozo como um poeta relevante, tanto quanto foi como engenheiro, é uma das formas de enaltecer a sua atuação na literatura nacional. Em pesquisas rápidas sobre quem é Joaquim Cardozo, a primeira informação que se evidencia é Cardozo como engenheiro estrutural. Não é de se espantar que a sua atuação com os cálculos se sobressaia às produções líricas em pesquisas rasas, uma vez que as regiões Sul e Sudeste têm privilégios em relação a outras regiões quando se trata da propagação dos estudos, evidência explícita desde os tempos de Dom Pedro II, que financiou publicações e pesquisas concentradas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, ignorando a Escola do Recife que já vinha produzindo estudos afinados às principais discussões científicas do final do século XIX, como comenta Rocha (2011, p. 83):

> No caso da Escola do Recife, posso dizê-lo sem diplomacia (e bem ao gosto de seu estilo): as periferias regionais disputavam a centralidade da vida literária localizada no Rio de Janeiro — problema que ainda hoje não foi de todo resolvido, pois a vida cultural segue concentrada no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. A questão era ainda mais urgente no período imperial, pois Dom Pedro II criou um influente sistema de mecenato, que concedia bolsas generosas de pesquisa, possibilitava viagens e financiou publicações de livros — por exemplo, a primeira e luxuosa edição de *A Confederação dos Tamoios*. Os membros da Escola do Recife contestavam esse modelo, talvez, pelo menos em parte, porque dele não se beneficiavam.

Além de o fato de Cardozo inicialmente constituir uma obra poética que evidencia mais a região Nordeste, a sua essência lírica também não contribuiu com a propagação das suas produções de modos mais intensivo e disseminado na imprensa como merecia. Talvez isso se deva, conforme os estudiosos de sua obra justificaram, ao desinteresse de Joaquim Cardozo em estar em evidência nas manchetes e notícias, pois o gênero lírico, em sua proposição tradicional, já demonstraria um desapreço pela audiência, como comenta Northrop Frye, em *Anatomia da crítica* (2014, p. 427): “A lírica é um gênero no qual o poeta, como escritor irônico, volta suas costas à audiência". Não se pode afirmar que Cardozo seguiu esta linha somente pelo fato de ser uma concepção do gênero, mas, pode-se refletir que Cardozo simpatizava com tal perspectiva, até porque o seu “desentusiasmo” em ser destaque fazia parte de todas as esferas da sua vida, como será comentado mais à frente na pesquisa. Contudo, mesmo com a sua personalidade discreta, Cardozo esteve presente nas páginas da imprensa, o que inclui o *Diário de Pernambuco*, que além de ser um relevante jornal para a história da região, também contribuiu com a evolução profissional e pessoal de Joaquim Cardozo, tanto como engenheiro como poeta.

Entendendo o cenário em que o poeta pernambucano está inserido, temos como objetivo desenvolver, nesta dissertação de mestrado, uma pesquisa que busca propagar as produções e os estudos críticos literários a respeito da lírica cardoziana, mais especificamente sobre as críticas literárias publicadas no *Diário de Pernambuco* sobre seu primeiro livro, *Poemas*. O recorte para esse objeto justifica-se não somente pela importância de tal obra, que trouxe para o reconhecimento nacional essa lírica tão escassamente divulgada, de altíssima qualidade, mas atende a uma necessidade metodológica, uma vez que as referências a esse autor nesse periódico são incontáveis e diversificadas. Desta forma, destacamos como *corpus* as publicações do *Diário*, referentes ao primeiro livro de poesia de Cardozo, *Poemas*, que vieram à luz nos anos 40, especificamente nos anos seguintes à sua publicação. Para tanto, foi realizado um exaustivo levantamento na Hemeroteca Nacional Brasileira da Biblioteca

Nacional do Brasil[6], além de consultas diretas ao acervo desse poeta que se encontra na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco.

Para isso, essa pesquisa foi conduzida conforme o seguinte roteiro: no primeiro capítulo, intitulado "Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco*: apresentação geral", realizamos um levantamento histórico sobre a relação entre Joaquim Cardozo e esse jornal, destacando como o periódico contribuiu com a propagação de notícias do autor, assim como de seus poemas; o segundo capítulo, "Sobre *Poemas",* tem como objetivo apresentar de maneira panorâmica esse livro*,* além de discutir algumas das principais leituras que a obra recebeu; "Quatro estudos sobre *Poemas* (1947)", o terceiro e último capítulo, apresenta, discute e reflete os textos publicados nesse jornal na década de 40 direcionados à lírica cardoziana. Para a análise do *corpus* propriamente dita, impressa nesse último capítulo, fez-se necessário um recorte estreito nas publicações críticas sobre a poesia do autor. Destacamos, então, quatro estudos publicados após a aparição do livro, que tinham como objetivo apresentar ao público essa obra em suas especificidades estéticas, bem como ao autor, que, sem ser exatamente consagrado, já tinha uma legitimidade constatada na região e na capital, onde ele residia.

Neste panorama, o percurso que envolve a relação da literatura e do jornalismo pernambucano afunila o contato de Cardozo e do *Diário*, servindo decisivamente para a escolha dessa relação com a imprensa como *corpus* da pesquisa. Tais justificativas se firmam não somente pelas questões apresentadas anteriormente, mas também pela importância das publicações presentes no *Diário de Pernambuco* para o entendimento da poesia de Joaquim Cardozo. Em sua maior parte, essas publicações não foram resgatadas em livros ou outras publicações sobre Cardozo, e, como mostraremos, de fato, são contribuições decisivas para a leitura de sua lírica. Desta forma, a análise das publicações voltadas para *Poemas*, de Joaquim Cardozo, no *Diário*, acentua, preserva e nos impulsiona a retomar as questões que envolvem a literatura e a imprensa presentes no contexto local, sendo esse o objetivo desta pesquisa.

[6]Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/.

CAPÍTULO I:
JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*: APRESENTAÇÃO GERAL

Para a apresentação de uma personalidade marcante no jornal, Joaquim Cardozo, que por momentos contribuiu com o periódico em sua organização e como tema para diferentes notícias, faz-se necessária uma explanação sobre o *Livro do Nordeste* e o sistema simbólico regido pela identidade local. Tal tópico aproxima-se do principal objetivo proposto por essa pesquisa, que é dar visibilidade e discutir os estudos críticos acerca da lírica de Joaquim Cardozo como uma figura importante para o *Diário*, assim como para a literatura brasileira do século XX.

Como foi visto anteriormente, Joaquim Cardozo estreia profissionalmente como caricaturista no *Diário.* Posteriormente, o jornal também será o veículo de uma segunda estreia do pernambucano, só que agora como crítico literário através do *Livro do Nordeste*, obra organizada por Gilberto Freyre, personalidade que colaborou com a primeira aparição do jovem que surgia no âmbito literário.

Em 1925, o *Diário de Pernambuco* comemorou o centenário de fundação do jornal com a publicação do *Livro do Nordeste*, organizado por Gilberto Freyre, o qual obteve repercussão nacional por ter sido registrado na história brasileira como um periódico que, na época, completava cem anos ininterruptamente. Além disso, a obra marca a apreciação de trabalhos sociológicos, ecológicos, literários, regionais e antropológicos da região, apresentando discussões nunca antes repercutidas (BARROS, 1972, p. 176):

> O *Livro do Nordeste,* comemorativo do centenário do *Diário de Pernambuco* (1985-1925), teve uma repercussão triunfal. Não era só a importância de um século de imprensa, fato único na América Latina e cujo galardão caberia, assim, ao velho *Diário*. Era também o vulto de informações e o balanço de fatos sócio-culturais e econômicos que aquele livro enfeixava.

Através da organização de Freyre, o *Livro* marca a relevância institucional atribuída ao sociólogo, mas também aborda diversos aspectos da região, como a economia, a história, a religiosidade, a alimentação e as relações sociais. Ele destaca a importância do contexto geográfico, das heranças culturais indígenas, africanas e europeias, e da formação de uma identidade única no Nordeste brasileiro, como comenta Arnoldo Jambo, em *Diário de Pernambuco* (1975), ao dedicar um capítulo sobre o centenário do periódico (JAMBO, 1975, p. 251):

> Foi e ainda é, para o estudo de assuntos regionais, uma fonte e um ponto de partida à apreciação dos nossos primeiros passos no caminho de trabalhos de natureza sociológica, ecológica e até antropológica, além de testemunho e fruto marcante do início da obra do sociólogo-antropólogo Gilberto de Mello Freyre. É possível até que sem este não tivesse acontecido o *Livro do Nordeste* decisiva e historicamente integrador do *Diário* na problemática total da nossa região social e cultural.
> Foi Gilberto Freyre quem o idealizou com as características e os assuntos, os colaboradores e o propósito da edição em separado, a coordenação geral enfim.

Como se pode observar, a obra marcou não somente a história do *Diário*, mas também acarretou uma nova visão da sociedade a respeito do meio que estava inserido. No entanto, o mestre de Apipucos e organizador do livro esperou mais da sua repercussão e seguiu insatisfeito em relação a sua impressão, como se pode observar (FREYRE *apud* JAMBO, 1975, p. 254):

> É HOJE uma publicação esquecida do *Livro do Nordeste* comemorativo do 1° centenário do *Diário de Pernambuco*. Infelizmente mal impresso, não foi desse ponto de vista — o da impressão — triunfo ou realização de que o *Diário* pudesse então — ou possa hoje — orgulhar-se.
> Mas do ponto de vista da estética tipográfica — no que se esmerou o auxiliar na organização do livro, o sr. José Maria de Albuquerque Melo —, das ilustrações — quase todas do admirável Manuel Bandeira, que por aquela publicação seria revelado ao Brasil —, das colaborações reunidas para trabalho tão desassombradamente pioneiro do critério regional na reconstituição de um século de atividade brasileira, marcou a publicação comemorativa o que alguém chamou "um grande momento" na vida do mesmo *Diário*, do Nordeste do Brasil. Foi o que proclamaram, em diferentes palavras, críticos da autoridade de João Ribeiro, Oliveira Lima, Prudente de Morais Neto.
> É que se afastando do feitio convencional das publicações comemorativas, o livro que marcou o 1° centenário da fundação do *Diário* apresentou-se sob a forma de tentativa de reconstituição da vida regional — a do Nordeste durante o século 1825-1925 — nos seus aspectos mais significativos.

Sobre a crítica acerca da qualidade impressa do material, Freyre continuou lamentando e expondo sua insatisfação por um longo tempo, uma vez que a reclamação também foi comentada no prefácio, assinado pelo sociólogo, na segunda edição do *Livro*, em 1979. Por outro lado, esteticamente, o livro apresenta conteúdos inovadores nas suas diferentes esferas e, mesmo sendo a impressão também considera uma arte a ser enaltecida e almejada na época, o que realmente mereceu ser propagado com mais intensidade em todo o território nacional foram os assuntos inseridos no livro, tendo em vista que o *Livro do Nordeste* apresentou materiais nunca antes publicados, como a figura do artista plástico M. Bandeira, homônimo do poeta de Pasárgada como ilustrador[7], desenhos e litogravuras de Luís (L.) Schlappriz, Franz Post, além de destacar personalidades de quase todos os Estados do Nordeste brasileiro.

[7] Sobre esse "outro" Bandeira, o ilustrador, frequente no grupo de Freyre e da *Revista do Norte*, ele expôs suas ilustrações, igualmente visuais e poéticas. No entanto, é importante destacar que esse Bandeira não é o mesmo poeta Manuel Bandeira (JAMBO, p. 255; 257).

Afora tudo isso, como ainda veremos, é nesse livro que Joaquim Cardozo estreia como crítico literário, o que já dimensiona o valor dessa iniciativa.

A obra apresenta um profundo cenário de análise e interpretação da cultura e sociedade nordestina, na qual expõe contribuições para o entendimento da identidade e diversidade cultural da região, evidenciando as influências e as interações culturais que moldaram sua sociedade. O livro teve um impacto significativo na forma como o Nordeste passou a ser percebido e valorizado dentro e fora do Brasil, por meio de uma abordagem inovadora, baseada em uma visão integradora e de valorização das diversidades, ajudando a redefinir a compreensão do Nordeste como uma região rica em cultura e contribuições para a formação da identidade nacional.

Através dos resquícios do *Livro do Nordeste*, a sociedade pernambucana passou a ascender sua esfera sócio-cultural, estimulando uma observação distinta e íntima da essência do povo e do respectivo espaço geográfico brasileiro que permeia a vivência histórica-social do Estado de Pernambuco e se revela em vários momentos culturais do início da década de 1920, o que é factível de se verificar em textos do periódico do Brasil que delineia na história do Estado a partir das páginas do velho jornal.

Será, então, nesse livro que Cardozo publicará seu primeiro exercício crítico, texto dedicado à poesia bandeiriana, que comentei mais aprofundadamente em "O 'Recife morto' de Joaquim Cardozo: um panorama regional na década de XX", capítulo de minha autoria publicado no livro *O meu canto é de sol* (2022), estudo em que apontei a importância dessa crítica literária para um reconhecimento mais expansivo de Cardozo no âmbito da literatura (LIMA, 2022, p. 135):

> Neste primeiro ensaio literário produzido por Joaquim Cardozo, "Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira", Cardozo foi encarregado de discutir a poesia deste pernambucano que o levou a apresentar um poeta dessemelhante do que estamos acostumados a ler sobre a lírica bandeiriana. Uma poesia sensível, amargurada, melancólica, angustiada, memorialista, que busca saída através do amor, da paisagem e de uma ironia que tenta esconder as dores, mas falha, pois a mágoa transparece nas entrelinhas e reflete uma alegre ilusão, assim Cardozo descreve a lírica de Manuel Bandeira, em 1925.

A partir dessa crítica, a constatação acerca de Joaquim Cardozo como um bom entendedor de poesia se propagou, até porque, na ocasião, Gilberto Freyre fez questão de destacar Joaquim Cardozo como um poeta promissor (FREYRE, 1979, p. 124):

> Acerca de Manuel Bandeira, o poeta pernambucano cujos versos estão a enriquecer a poesia brasileira de uma beleza toda nova de acentos e de vozes e de um frescor todo íntimo de emoção, escreveu o Sr. Joaquim Cardozo para o *Diário de Pernambuco* o pequeno estudo que se segue. É um estudo carinhosamente feito com

> simpatia e penetração. De uma viva sensitividade, é Joaquim Cardozo um dos poetas jovens mais interessantes de Pernambuco.

De certo, Freyre tinha razão, e, a partir desse episódio, os esforços para a propalação da lírica do poeta do "Recife morto" foram suficientes para o seu reconhecimento nos "bastidores" nacionais das letras, isto é, passou a ser citado — e futuramente respeitado — por aqueles que estavam inseridos neste meio. Como exemplo, desde a sua primeira publicação como crítico, Cardozo tornou-se assunto entre o próprio Bandeira e Mário de Andrade, como pode ser acompanhado através da correspondência do poeta de Pasárgada enviada à Freyre ao comentar sobre o recebimento da sua edição do *Livro do Nordeste* (*apud* VICENTE, 2008, p. 94-95):

> Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1925.
>
> Caro Gilberto,
>
> Passei toda a tarde com o Mário metido no Álbum do Diário. Feito menino que ganhou um livro muito bonito... Que prazer tive de olhar os desenhos do Bandeira! Quem é esse estupendo xará? É Manuel também? Ele está juntando um tesouro! Do texto só li o artigo de Joaquim Cardozo e duas páginas sobre o seu século de vida social. Quero ir bem devagarinho. O artigo do Cardozo… Aquele sacana me deixou o coração numa podreira. Que sujeito penetrante vai entrando por a gente adentro me conte alguma coisa dele. É o mesmo de quem você fala no capítulo da pintura? Você me faz o favor de dar a ele este exemplar do meu livro?
>
> Gilberto, como vocês me trataram carinhosamente como ficou bonita a colocação dos meus versos. Mário de Andrade achou muito bom o estudo do Cardozo. Na Evocação só escaparam dois gatos, um muito engraçado porque depois daquela quadrinha simiesca
>
> Ao passo que nós
> O que fazemos
> É macaquear
> A sintaxe lusíada
>
> Saiu o intragável lusitanismo
>
> Uma porção de coisas que se não entendia bem
>
> em vez de
>
> que não se entendia
>
> Deve ter sido obra e vingança (baixamente pronominal!) do espírito do quinhentista Frei Pantaleão do Aveiro. Ou então de Frei Joaquim da Santa Rosa de Viterbo!
>
> Adeus, Gilberto. Receba um apertado abraço do
>
> Manuel[8]

[8] Averiguando essa correspondência, entende-se que Gilberto Freyre já havia mencionado anteriormente a Manuel Bandeira sobre Joaquim Cardozo em relação a um capítulo sobre pintura. Isso indica que o renomado mestre de Apipucos aproveitava as oportunidades e contatos que tinha para apresentar o jovem estudioso das letras, que já demonstrava traços de personalidade, originalidade e profundidade em seus estudos. Essa relação

À vista disso, a crítica apresentada no *Livro do Nordeste* foi essencial para a identificação da personalidade que começava a ser admirada, pois, aos vinte e oito anos, Joaquim Cardozo conseguiu surgir de modo notável com apoio de Freyre, que já havia percebido as qualidades contidas nas produções de Cardozo. Com base nessas informações, arrisca-se afirmar que o ponto de partida para uma divulgação mais incisiva sobre Cardozo na esfera literária foi a partir dos comentários informais de Gilberto Freyre no *Diário*, assim como de sua nota no *Livro do Nordeste,* apresentada acima da crítica literária que fazia apontamentos sobre a lírica bandeiriana.

Paralelamente, Freyre também colaborou com uma terceira estreia de Cardozo: no dia 7 de junho de 1925, o sociólogo foi o responsável pela primeira citação acerca da poesia de Joaquim Cardozo, mais especificamente um trecho da poesia cardoziana no *Diário de Pernambuco,* a saber, os "patíbulos erguidos", de "Recife morto", poema que até então só havia sido divulgado na íntegra na *Revista do Norte*. Assim, através de Gilberto Freyre, em "Acerca do Recife", com o respectivo verso, Cardozo marcaria a sua estreia como poeta no *Diário*. Vejamos a seguir (FREYRE, 1925, p. 3):

> Existe ainda um Recife cheio de sugestões deliciosas. Os "patíbulos erguidos" a que, em agudos versos, comparou o sr. Joaquim Cardozo os andaimes reformistas não concluíram sua empreitada macabra, espécie de Revolução Francesa — ou antes Italiana! — contra a nobreza e o caráter da cidade.

De modo superficial, pode-se considerar uma citação breve e com pouco aprofundamento; entretanto, é preciso compreender que após a contribuição de Cardozo como caricaturista, o poeta só havia aparecido nas páginas do jornal em 1921, referente às suas atividades no Lyceu de Artes e Ofícios, onde Joaquim Cardozo avaliou estudos da Aritmética, desenho geométrico e desenhos de ornatos em bancas de exames. Por esse motivo, sabendo que Gilberto Freyre era, na ocasião, uma referência respeitada na esfera intelectual recifense, essa apresentação para a sua primeira aparição na imprensa pernambucana como poeta garantiria-lhe um selo de qualidade.

Durante a década de 20, outro fato curioso sobre a presença de Joaquim Cardozo nas páginas do *Diário* é que, além da respectiva publicação, outras notícias publicadas sobre o poeta do "Recife morto" se referiam à sua presença no *Livro do Nordeste*, porém, dentre as matérias, apenas uma fugia de tal proposta, intitulada "O movimento intelectual e outros assuntos de atualidade". A respectiva matéria tinha como objetivo apresentar a entrevista feita

---

de Gilberto Freyre com Joaquim Cardozo sugere uma valorização mútua entre dois importantes nomes da literatura brasileira, ressaltando o reconhecimento que o poeta e crítico pernambucano já conquistara na época, além de indicar sua promissora trajetória no campo intelectual.

com J. J. Gomes Sampaio, o qual comentou sobre o meio intelectual de Pernambuco, o modernismo de São Paulo com a colaboração de Joaquim Inojosa, e, por fim, sobre os representantes intelectuais ativos no Estado nordestino, no qual incluiu Joaquim Cardozo (SAMPAIO, 1926, p. 4). Note-se que o beletrista entrevistado, J. J. Gomes Sampaio, era utilizado como pseudônimo do sociólogo Gilberto Freyre. Desta forma, o autor de *Sobrados e Mucambos* aproveitou a matéria, publicada em dezembro de 1926, para inserir o jovem e desconhecido poeta no grupo dos integrantes do movimento intelectual pernambucano, ocorrência esta que mais uma vez aponta a posição de Freyre em legitimá-lo e torná-lo conhecido na esfera literária como de fato poeta. Posteriormente, na pertinente década, o nome de Joaquim Cardozo não esteve mais presente no periódico pernambucano, fato que se justifica pela sua dedicação aos estudos da engenharia.

Mais adiante, nos anos 30, a presença do poeta no *Diário de Pernambuco* foi ainda mais escassa, e as suas poucas aparições são, em sua grande maioria, relacionadas às suas colaborações na Revista *Moderna*[9], na *Nossa Revista*[10] e na Revista *Momento*[11], publicando poemas, textos e até mesmo ilustrações. Além das ocorrências mencionadas, houve uma matéria para os "Diários Associados", publicada no *O Jornal* e, posteriormente, no *Diário,* a matéria que se intitula "Luís Jardim, o pintor do Recife", na qual o artista pernambucano Luís Jardim expôs nomes de quem o estimulou a apresentar seus trinta e cinco quadros em 1936, na "Galeria Leandro Martins, sob o patrocínio da Sociedade Felippe d'Oliveira" do Rio de Janeiro; em resposta, citou entre os nomes Joaquim Cardozo como um dos seus estimuladores para a divulgação dessa obra (*O JORNAL*, 1936, p. 3). A informação se torna inesperada pelo fato de, em 1936, Cardozo ainda não ter publicado nenhum livro com seus poemas, contudo, ele estimulava a divulgação das produções artísticas de colegas e amigos. Além dessas informações, a carência de citações a respeito de Cardozo e de sua poesia na respectiva década se justifica pelo motivo de o poeta não ter publicado, até então, um livro e por ter viajado para a Europa em 1938.

Sem sombra de dúvidas, a década de 40 foi um divisor de águas para o reconhecimento do artista, não só no *Diário*, mas em todos os âmbitos, incluindo o início da

[9] A *Revista Moderna* teve a sua primeira edição em circulação no ano de 1932. Sem editorial de apresentação, Joaquim Cardozo colaborou com o periódico junto a Mauro Mota e Souza Barros (NASCIMENTO, 1967, p. 81-82).

[10] Inaugurada em 1931, a *Nossa Revista* também foi um dos periódicos que estiveram ativos no Estado pernambucano, porém, com o seu período de publicação irregular (NASCIMENTO, 1967, p. 2-3). De acordo com o *Diário de Pernambuco*, a revista publicou trabalhos originais de importantes escritores, como Gilberto Freyre, Rubens Braga, Joaquim Cardozo, entre outros.

[11] Assim como a *Nossa Revista,* a *Revista Momento* também publicou irregularmente, sendo que o ano de estreia foi em 1933 (NASCIMENTO, 1967, p. 76). Segundo o *Diário,* em sua estreia, a revista publicou poemas de Joaquim Cardozo e um texto de Gilberto Freyre.

recepção crítica acerca de suas produções literárias. Para melhor contextualizar, na época, Cardozo havia deixado definitivamente o Estado de Pernambuco, passando a residir na cidade do Rio de Janeiro[12]; foi convidado por Oscar Niemeyer para ser calculista de suas obras; ocorre o seu cinquentenário; publicou *Poemas*; e foi inserido nas antologias publicadas por Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto.

Ao observar as publicações apresentadas no periódico pernambucano, é possível afirmar que Joaquim Cardozo já era intelectualmente admirado nos bastidores literário, devido à sua editoria e colaboração na *Revista do Norte*, além de sua posição de destaque nas reuniões do *Lafayette* e pelo conhecimento interno de sua capacidade lírica, refletido nos textos já desenvolvidos até o momento; todavia, o poeta ainda era considerado desconhecido para os leitores distantes desse ambiente.

A partir de 1942, no Rio de Janeiro, Cardozo passou a conviver com poetas como João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira. Este último publicou em 1946 a *Antologia dos poetas brasileiros bissextos,* na qual incluiu Joaquim Cardozo entre os poetas apresentados[13], contribuindo para uma divulgação ampla da poesia cardoziana. Antes mesmo da *Antologia* de Bandeira e de *Poemas*, Joaquim Cardozo já era conhecido e respeitado no âmbito literário, como comenta Elaine Cintra, em "O poeta e o livro: a recepção da poesia de Joaquim Cardozo em perspectiva", presente em *O meu canto é de sol* (2022), estudo no qual a autora aponta que desde a década de vinte o poeta era divulgado na *Revista do Norte*, no jornal *A Manhã* (1926) e na revista *Para Todos* (1929) (CINTRA, 2022, p. 15-16). Esse cenário colaborou para o aparecimento de Joaquim Cardozo, no entanto, é inegável que a *Antologia* cooperou para a sua maior visibilidade, resultando também em uma recepção crítica mais positiva em relação ao seu primeiro livro, *Poemas,* publicado no ano seguinte, em 1947.

Com base na análise feita no acervo do *Diário de Pernambuco*, aponta-se que a primeira crítica literária, e também aparato publicitário para a divulgação da obra, foi

---

[12] Em 1939, Joaquim Cardozo foi nomeado paraninfo da turma de engenharia da Escola de Engenharia do Recife, e nessa ocasião aproveitou para fazer um discurso contra o então governo de Agamenon Magalhães. Em decorrência desse acontecimento, em 1940, Joaquim Cardozo decidiu deixar sua cidade natal. Apenas em 25 de novembro de 1945, ano em que o governo de Agamenon Magalhães encerra, Gilberto Freyre quebrou o silêncio sobre o caso nas páginas do *Diário de Pernambuco*, em um artigo intitulado "Resposta a um 'pernambucano desapontado'", em que menciona brevemente a ausência de engenheiros como Joaquim Cardozo no Estado de Pernambuco (FREYRE, 1945, p. 14).

[13] Estão entre os poetas bissextos: Américo Jacó, Afonso Arinos de Melo Franco, Aníbal Machado, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Alberto Araujo, Constâncio Alves, Di Cavalcanti, Euclides da Cunha, Francisco Assis Barbosa, Gilberto Freyre, Guilherme Figueiredo, Ismael Nery, Joaquim Cardozo, Joanita Blank, Joel Siqueira, José Auto, Leopoldo Brígido, Lucila Godoi, Lucilo Bueno, Luís Aranha, Maria Clara Machado, Maria Helena, Murilo Miranda, Odilo Costa Filho, Paulo Mendes Campos, Pedro Dantas, Pedro Nava, Peregrino Júnior, públio Dias, Raimundo Magalhães Júnior, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Rubem Braga, Tristão de Ataíde e V. Moojen de Oliveira.

apresentada aos leitores do *Diário* no ano de 1948, desenvolvida por Paulo Mendes Campos. Ao longo da mesma década, Joaquim Cardozo recebeu críticas de personalidades como Jorge de Lima, Mauro Mota, Olívio Montenegro, como será visto no capítulo III.

De fato, iniciar o seu aparecimento como poeta através de uma antologia escrita por Bandeira e publicar o seu primeiro livro com um prefácio de Carlos Drummond de Andrade facilitou a apreciação da recepção crítica positiva, visto que tais colaborações de Drummond e Bandeira já indicavam a qualidade da poesia cardoziana, entretanto, as circunstâncias não garantiram uma intensa aparição na imprensa. Na década de 40, apenas três dos poemas de Cardozo — "Figuras do vento", "O cego" e "Canção" — foram publicados na íntegra no periódico pernambucano; além disso, ocorreram somente notícias ocasionais, como em julho de 1946, quando as páginas do jornal divulgaram a participação do poeta no "Congresso de Poesia do Recife". Isso mostra que Cardozo já se firmava como poeta profissional na região e exercia influência sobre outros novos artistas que surgiam e se reformulavam.

É notório que Joaquim Cardozo merecia e ainda merece mais visibilidade, inclusive, essa problemática já havia sido apontada em 1949, quando Tadeu Rocha[14] comentou sobre quatro nomes que estavam ausentes no cenário intelectual do Recife, mas que também mereciam maior visibilidade em outras regiões do país, são: Vieira Coelho, Willy Lewin, Evaldo Coutinho e Joaquim Cardozo. A respeito de Joaquim Cardozo, o jornalista afirma o seguinte (ROCHA, 1949, p. 8 e 4):

> Joaquim Cardozo revelou-se como grande poeta lírico da fase modernista, em nossa província, em outubro de 1924, quando publicou o poema "As Alvarengas", na *Revista do Norte*, de cuja direção participou, com José Maria de Albuquerque na sua segunda série. As ciências matemáticas, as letras e as artes conciliavam-se nesse estranho engenheiro, que lia Dostoievski no original, ensinava estatísticas na Escola de Engenharia e desempenhava o lugar de calculista na antiga Diretoria de Arquitetura, da Secretaria de Viação. O Estado Novo o demitiu por incompetência, pelo fato de eleger o culto engenheiro que não sabia nem podia fazer levantamentos topográficos no alto sertão pernambucano. O lirismo de sua poesia, polarizada na Província e no Espírito, como disse Carlos Drummond de Andrade, é capaz de comunicar aos leitores uma sensação de quietude e de solidariedade humana, o que se pode explicar como transbordamento da humildade do próprio poeta.

Como pode ser visto a partir do respectivo comentário, a sociedade pernambucana continuava a lamentar a saída de Joaquim Cardozo, ainda mais após a publicação do seu primeiro livro; entretanto, arrisca-se afirmar que se Cardozo tivesse permanecido em Recife, talvez *Poemas* e todas as suas futuras obras não tivessem sido publicadas, ou sua publicação

[14] Tadeu Rocha foi um jornalista, escritor, advogado e professor de geografia e história. Embora tenha nascido no Estado de Alagoas, viveu a maior parte de sua vida em Pernambuco. Ele foi um colaborador ativo dos periódicos da região e suas obras versavam sobre as histórias, personalidades e costumes locais. Seu trabalho contribuiu para enriquecer a compreensão e valorização da cultura e da história de Pernambuco, tornando-se uma figura relevante na cena intelectual e literária da região.

ainda fosse mais tardiamente divulgada. Dessa forma, a partir da recepção crítica recebida por Joaquim Cardozo na década de 40, é possível afirmar que a obra foi bem recebida e que muitas das publicações foram divulgadas com o intuito de promover o *marketing* da obra do poeta pernambucano.

A partir de 1950, Cardozo é exposto com mais recorrência não apenas no *Diário de Pernambuco*, mas em diferentes veículos da imprensa brasileira. A justificativa para tal movimentação explica-se, inicialmente, a partir de *Prelúdio e elegia de uma despedida*, publicado em 1952, livro que apresenta uma edição particular, comentada por Éverton Correia em "*Prelúdio e elegia de uma despedida* como o hipocampo de Joaquim Cardozo", *O meu canto é de sol*, obra em que Correia descreve o contexto e os detalhes dessa publicação que se limitou a 116 exemplares elaborados de modo artesanal (CORREIA, 2022, p. 39-74); mas, além deste fato, Joaquim Cardozo se fez presente nas páginas dos jornais e revistas pelas suas colaborações como engenheiro calculista ao lado de Oscar Niemeyer. Tais circunstâncias fizeram com que o poeta e engenheiro colaborasse com o jornal *Para Todos*[15] e a revista *Módulo*[16].

Sobre a lírica cardoziana, diferentes escritores comentaram no *Diário* sobre as suas produções e o que elas representam para o cenário literário brasileiro, como em um estudo assinado por Lêdo Ivo, publicado em 1950, no qual ele dedica atenção ao poeta alagoano Jorge Cooper e coloca em um mesmo patamar os dois poetas que interpretam o Nordeste (IVO, 1950, p. 6): "E seus poemas sobre o Nordeste — tema que apenas um Jorge de Lima e um Joaquim Cardozo conseguiram interpretar em sua inteireza lírica revelam da parte desse poeta provinciano uma atitude que chega a ser desnorteantes". Assim como fez Lêdo Ivo, Gilberto Freyre, em "A propósito de um recifense", assina texto que foi republicado posteriormente no *O Jornal* e no *Diário de Natal*, no qual dedica um estudo a Mauro Mota, mas que destaca os aspectos regionalistas na literatura de diferentes poetas, como Mota, Cardozo e Cabral (FREYRE, 1953, p. 4):

> Mauro Mota deixa-se tocar por esses assuntos um pouco como geógrafo — e não há imprecisão em dizer-se dele que é um post-regionalista como Joaquim Cardozo foi um pré-regionalista — e muito como poeta — o poeta extraordinário: um dos maiores do Brasil de hoje — que é. Antecipa-se assim a outro poeta, recifense

[15] O maior número de ocorrências de Joaquim Cardozo no jornal carioca aponta-se entre os anos de 1956 a 1957. Ao total, foram contabilizados vinte e um estudos literários assinados por Cardozo no periódico. Em 1957, *Para Todos* publicou um número especial homenageando os 60 anos de Joaquim Cardozo, nesta homenagem, apresentam-se estudos de Antônio Houaiss, Drummond, Fausto Cunha e Renard Perez.

[16] Joaquim Cardozo assumiu parte da direção da revista *Módulo*, que tinha como objetivo discutir sobre arquitetura. Ao longo desse período, entre 1955 a 1963, o engenheiro assinou em média dezesseis publicações na revista. Além disso, muitos desses estudos foram divulgados em diferentes idiomas, e, especificamente sobre Cardozo, eram traduzidos pelo próprio engenheiro.

> notável — João Cabral de Melo Neto — na adesão, que este anuncia, a uma espécie de neoregionalismo de base popular que amplie e intensifique o que desde 1923 anima o Recife. Um regionalismo enriquecido por um contato. Às vezes brutal para os recifenses — repita-se — com a Europa, com os Estados Unidos, com os estrangeiros.

Como se pode perceber, na década de 50, além da participação de Joaquim Cardozo na imprensa e no âmbito da engenharia, o poeta era tido como referência de seriedade e qualidade literária. Em relação ao *Diário de Pernambuco,* o periódico insistiu na relação do poeta com sua terra, afastando-se de conteúdos que eram tratados em outras regiões a respeito da poesia cardoziana; talvez por isso, no Nordeste, tem-se a noção da participação da imprensa pernambucana ao referenciar e destacar, com mais ênfase, a poesia que envolve o regional no poeta.

Os anos 60 de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* foram marcados pela publicação de *Signo Estrelado* e *O Coronel de Macambira*, obras estas que foram discutidas por colaboradores do periódico pernambucano da época, como Tadeu Rocha — que sempre busca citar o poeta em sua seção "Coisas da cidade" — e César Leal, jornalista e escritor que destaca em diferentes publicações os aparatos literários utilizados pelo poeta (LEAL, 1960, p. 7):

> Nenhum poeta brasileiro contemporâneo soube captar com tanta intensidade lírica a luz no meio ambiente, quando Joaquim Cardozo. Seus poemas estão impregnados dessa luz suavíssima, que confere às suas invenções um halo de luminosidade quase divino. Raro é o poema em que não se encontrem metáforas, símbolos, reiterações, anáforas e artifícios retóricos destinados a intensificar essa visão, que torna Joaquim Cardozo numa espécie de mago ou vidente, para quem nada se esconde, pois aos seus olhos a luz desnuda as coisas, fazendo os objetos mais claros, mais simples e compreensíveis.

A partir de 1950, e principalmente na década de 60, César Leal se tornou um dos mais ativos divulgadores da poesia de Joaquim Cardozo nas páginas do *Diário*. O escritor constantemente aparece nas ocorrências destacando a luz, a simplicidade, o Recife, o tempo, a modernização e tantos outros conteúdos expostos na poesia cardoziana. Além dessas relações com os processos e assuntos observados na poesia de Cardozo, em 1964, César Leal questionou as críticas apresentadas em jornais, pois, para o escritor, a academia era a instituição que buscava preservar os nomes relevantes como Emílio Moura, Cabral e Cardozo, enquanto a imprensa silenciava-se sobre esses nomes (LEAL, 1964, p. 1, Grifo meu):

> Um dos deveres da crítica é proteger o leitor, denunciado o que há de falso nessas áreas subterrâneas da vida literária, apontando-lhe o campo para o qual sua atenção se deve dirigir. De certo modo, as Universidades estão realizando a tarefa salvadora. Os jovens professores de Estética, de Teoria e História Literária, após uma fase um tanto enfática e equívoca, derivaram para uma compreensão mais ampla de suas

> responsabilidades. E se já não caem no exagero de pretender uma crítica exclusivamente universitária, também não permitem que as novas gerações sejam enganadas ou confundidas. Daí por que em suas aulas não são esquecidos poetas como **Emílio Moura, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo** e tantos outros sobre os quais o **jornalismo literário** silencia, mesmo porque sobre a "poesia e os poetas" pouco se tem a dizer…

Como se pode observar no comentário de César Leal, a mudez do jornalismo literário referente ao poeta Joaquim Cardozo é comentada desde a publicação do seu primeiro livro. Ao destacar as universidades como as únicas instituições que discutem os respectivos poetas, Leal sugeriria que as críticas doutrinadoras se interessariam com mais apreço pela poesia de Moura, Cabral e Cardozo do que as críticas de rodapé, perspectiva que será melhor observada no capítulo III da presente pesquisa.

Na década de 70, outras circunstâncias apontam para o maior número de ocorrências com o nome de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco*, fato que talvez se justifique pelas publicações de *Mundos paralelos* (1970), *De uma noite de festa* (1971)*, Poesias Completas* (1971)*, Os anjos e os demônios de Deus* (1973)*, O interior da matéria* (1975)*,* além de outras peças teatrais publicadas. Ademais, o periódico pernambucano destacou o movimento no Estado para nomear Cardozo como membro da Academia Pernambucana de Letras; o desabamento do Parque da Gameleira em 1971; e as publicações destinadas a sua homenagem após sua morte em 1978.

Entre as notícias referentes ao desabamento da Gameleira divulgadas no *Diário de Pernambuco*, Renato Carneiro Campos[17] (1972, p. 4), no ano de 1972, em "Uma injustiça de doer", representa o jornal pernambucano expressando sua indignação excessivamente subjetiva a respeito das acusações direcionadas a Cardozo. Campos estimula uma movimentação das instituições de "Pernambuco, terra de nascimento de Joaquim Cardozo, lugar onde ele pretende viver os seus últimos dias, tema maior e toda sua poesia, não pode ficar de braços cruzados no momento em que um dos seus mais ilustres filhos está sendo alvo de tão grande injustiça". Ele direciona a fala ao promotor da sétima vara criminal da capital de Minas Gerais, responsável pela denúncia feita, afirmando: "deverá mostrar ao Sr. Raposo Lima quem é Joaquim Cardozo, já que ele não sabe com quem está tratando", pois "se Joaquim Cardozo for condenado, a justiça mineira conseguirá provar apenas uma coisa: pela cadeia também podem passar os homens dignos, grandes poetas e pessoas que tudo fizeram para engrandecer este país". Dentre as notícias publicadas sobre o assunto, o *Diário* manteve a posição de defesa sobre as acusações direcionadas ao poeta e engenheiro.

---

[17] Renato Accioly Carneiro Campos foi um ensaísta, escritor e jornalista pernambucano que colaborou com o *Diário de Pernambuco* e publicou diversas obras.

No dia 8 de outubro de 1978, o *Diário de Pernambuco* publica uma pequena nota com o título "Esquecimento"; o corpo da notícia comunica a seguinte informação: "No Conselho Estadual de Cultura, o poeta Marcus Accioly lastimou que exista tanto silêncio em torno da figura do poeta Joaquim Cardozo, atualmente hospitalizado" (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO,* 1978, p. A-6). Mesmo residindo em Pernambuco, Cardozo em sua velhice continuava sendo esquecido em alguns aspectos, destacando-se seus últimos meses de vida, uma vez que essa notícia comunicada aos leitores do periódico é uma das últimas ocorrências com o nome de Joaquim Cardozo ainda em vida. Quase um mês após a sua publicação, no dia 5 de novembro de 1978, o *Diário de Pernambuco* divulga a morte do poeta ocorrida no dia anterior, estampando a primeira página do jornal com a manchete: "Joaquim Cardozo morre aos 81 anos". Nessa edição, Cardozo é citado três vezes, mais do que em seu último mês vivo. Sobre a matéria que divulgou a sua morte, destacam-se os últimos momentos do pernambucano, segundo seu sobrinho Paulo Cardozo e sua irmã Mariana (*DIÁRIO*, 1978, p. 1):

> Segundo seu sobrinho e médico Paulo Cardozo, a causa da morte foi "uma parada cardíaca após longo processo de senilidade e falências progressivas".
> "Ultimamente ele vinha muito cansado e irritado. Às vezes me botava pra fora do quarto. Nos seus momentos de lucidez, recitava para a enfermeira. Ontem, quando fui vê-lo achei-o muito mal. Não falou nada. Ele era apenas um ano mais velho que eu e éramos muito unidos", declarou Mariana, uma das irmãs do poeta.

Em mesma matéria, apresenta-se o comentário de Mauro Mota a respeito da relevância de Cardozo no cenário nacional (*DIÁRIO*, 1978, p. 1):

> Joaquim Cardozo — disse o poeta Mauro Mota — talvez agora vá ficar mais vivo diante das novíssimas gerações brasileiras, pois a morte determina uma faixa de interesse maior em torno da obra de certos autores. De modo especial quando se trata de Joaquim Cardozo, que deu uma contribuição, sem qualquer exagero, imortal à poesia nacional do nosso século. Note-se que ele se universalizou — seus poemas foram transpostos para várias línguas — sem se afastar do seu país; quer dizer, do Recife, onde captou todos os valores urbanos e suburbanos, a paisagem das ruas, praças, águas, cheiros, as cores e as luzes da cidade, transformando-os em peças que manterá sempre o Recife em nossa geografia literária.

De fato, Mota tem razão ao comentar sobre o interesse por escritores após sua morte, uma vez que, entre as 236 ocorrências com o nome de Joaquim Cardozo na década de 70, 51 dessas menções ocorreram após o dia 4 de novembro de 1978, dia em que Cardozo faleceu. Este dado significaria que aproximadamente 21% das publicações da respectiva década tratam-se de notícias e homenagens póstumas, informação que comprovaria o comentário de Mauro Mota e acentuariam a reflexão sobre a posição que Joaquim Cardozo ocupava no respectivo periódico.

Publicação de poemas

Com base nas informações apresentadas anteriormente, entende-se que o periódico contribuiu relevantemente para a divulgação das produções de Joaquim Cardozo, tanto em relação à sua poesia, como também acerca de seu teatro, sua atividade na arquitetura e sua crítica de arte em geral. Além de utilizar versos do poeta para diferentes problemáticas abordadas no *Diário*, o jornal também divulgou integralmente alguns dos poemas de Joaquim Cardozo, o que resultou em um maior conhecimento sobre as produções do poeta para os leitores do *Diário de Pernambuco*.

Assim como aconteceu na *Revista do Norte*, o *Diário* também divulgou poemas do poeta pernambucano antes mesmo da sua estreia em livro. A primeira produção lírica de Joaquim Cardozo apresentada no periódico foi "Figuras do vento", ilustrado por Aldary Toledo[18], publicado em 6 de agosto de 1944; essa produção estava presente no primeiro livro de Cardozo, *Poemas,* em 1947. A respeito do poema, que possui cinco estrofes e cinquenta e dois versos, é possível afirmar que o poeta desenvolve uma produção imagética através das ações que o vento contribui. Mesmo que o movimento do ar não seja visível, a poesia cardoziana consegue apresentar as figuras que o fluxo de gases em grande escala nos apresenta, seja através da germinação das sementes, da sensação térmica do corpo, do direcionamento do voo, ou através de outras ocasiões que Joaquim Cardozo exibe em seu poema.

Além da temática geral da produção lírica, a publicação divulgada no jornal apresenta duas curiosidades: a primeira diz respeito à variação na epígrafe, tendo em vista que em *Poemas* e nas seguintes republicações do poema, não conta o mesmo trecho que foi divulgado na respectiva publicação. No *Diário* a epígrafe é apresentada da seguinte maneira: "*Figure porte absence et présence, plaisir et déplaisir*"[19], porém, em futuras aparições, só constará metade do trecho de Blaise Pascal, ou seja: "*Figure porte absence et présence*...". Por outro lado, a segunda curiosidade tem relação com o seu ano de publicação, uma vez que no livro *Poemas* consta que o poema tem origem no ano de 1945, no entanto, através da divulgação no *Diário* é possível afirmar que o ano apresentado não condiz com a produção, tendo em vista que em 1944 o poema já havia sido exibido a diferentes leitores na imprensa pernambucana. Vejamos:

[18] Aldary Henriques Toledo foi um arquiteto e pintor carioca.
[19] Tradução da autora: "A figura carrega ausência e presença, prazer e desprazer".

Figura 1 - Primeiro poema de Joaquim Cardozo publicado integralmente no *Diário.*

FIGURAS DO VENTO

"Figure porte absence et présence, plaisir et déplaisir". PASCAL.

Joaquim CARDOZO

(Para os "D. A.")

Figuras do vento
nos ares divinos
são finos cabelos
na luz. Movimento
de puras miragens
imagens, modelos
de formas vazias;
são asas difusas,
são vôos imensos
perdidos no espaço
por noites e dias.

São ventos profanos
rompendo, mugindo,
lavrando no mar;
são ventos lavrando,
são bois de charrua,
são genios que ceifam
searas na lua
e animam sementes
que irão germinar.

São ventos feridos,
são ventos antigos,
saudades de amigos,
lembranças, rumores;
são ventos irados
de pele gelada
batendo em meu rosto,
marchando em rajada,
rufando tambores.

São ventos, são vozes,
são queixas veladas
nos vales de rosa,
nos lagos de aurora,
nos golfos de mel;
ás vezes as vozes
são mágoas passadas,
e as vezes soturnas
nas furnas rugindo
encerram mistérios,
ungidas, sagradas
de sombra e de fel.

No entanto que importa
que o vento que passa
segredos me faça
de historias bem feias
de fadas sómente
contadas a mim!
Eu quero é dormir
no frio das águas
no braço das algas
no amor das sereias
dos mares sem fim.

Ilustração de ALDARY TOLEDO

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1944, p. 1)

Além das curiosidades apresentadas, a figura 1 mostra que o periódico pernambucano enfatiza a origem da publicação "Para os D.A.", "Diários Associados", ao divulgar o poema junto com a ilustração em suas páginas. Ao aprofundar-se sobre a origem da publicação de "Figuras do vento", constatou-se que o poema teve como matriz o periódico *O Jornal*, o qual era um hebdomadário que circulava no Rio de Janeiro e foi o primeiro periódico adquirido por Assis Chateaubriand, jornal inicial para a criação dos "Diários Associados". O poema de Cardozo foi publicado no periódico carioca no dia 30 de julho de 1944 e, sete dias após a sua publicação original, esteve nas páginas do *Diário.* Isso nos faz refletir sobre a relevância do poeta para a imprensa da região na época, pois os poemas de Joaquim Cardozo começaram a ocupar as páginas do jornal pernambucano após a divulgação do periódico carioca. Antes disso, nenhum poema do poeta havia sido publicado no *Diário de Pernambuco*, mesmo na década de vinte, quando suas produções foram expressas na *Revista do Norte*. Esse fato indica

que a produção lírica de Joaquim Cardozo só foi reconhecida e exaltada no *Diário* após uma possível aparição na imprensa e sociedade sudestina.

Posteriormente, em 1947, o segundo poema completo de Joaquim Cardozo foi publicado no *Diário de Pernambuco,* intitulado “O Cego”. Uma informação relevante a ser mencionada é que o poema não está presente no livro de Cardozo, *Poemas*, mas sua publicação oficial constaria em *Mundos Paralelos,* de 1970, isto é, cerca de vinte e três anos após a sua publicação nos periódicos associados; tal dado destaca que os leitores do *Diário* tiveram acesso à respectiva produção lírica antes mesmo de sua publicação oficial em uma obra do autor. Assim como ocorreu com "Figuras do vento”, “O Cego” foi divulgado primeiramente no *O Jornal*, no dia 23 de novembro de 1947, e só em 7 de dezembro o poema foi publicado no *Diário de Pernambuco*.

Figura 2 - “O Cego” de Joaquim Cardozo.

O CEGO

Joaquim CARDOZO

VAIS PELA TARDE A TREVA CONDUZINDO,
O ROSTO ERGUIDO ÁS LUZES DESFOLHADAS
FITANDO SOIS ESCUROS, PRESSENTINDO
LOUCAS VISÕES DE LUAS FLAGELADAS.

NÃO TENS, PARA OS TEUS OLHOS RESSURGINDO
GRANDEZAS DE EMOÇÕES IRREVELADAS;
NÃO SABES ONDE PARA O SOLO INFINDO
DE SECAS ILUSÕES DESAMPARADAS.

MAS NESSA NOITE DE ERMOS INFELIZES,
MAIS PROFUNDA QUE A NOITE DAS RAÍZES
HAS-DE CONSTANTE OUVIR TEU CORAÇÃO.

COMO A VOZ DO MAIS LIMPIDO PRESSÁGIO
SOBRE O GRITO MAIOR DESSE NAUFRÁGIO;
- COMO UM SINÓ A BATER NA SOLIDÃO.

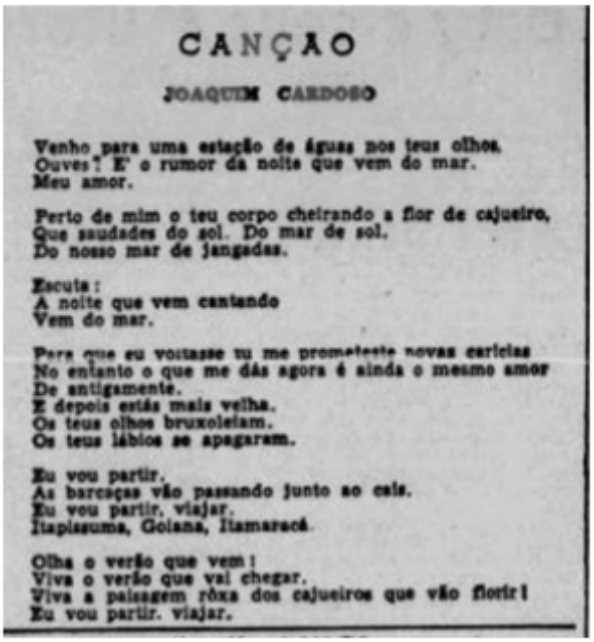
Fonte: *Diário de Pernambuco* (1947, p. 4).

O respectivo poema apresenta a temática que Drummond intitula de “Espírito”, ou seja, o sujeito lírico afasta-se do enfoque geográfico, comum na poesia cardoziana, e avulta um conteúdo que se desenvolve a partir do sentimentalismo e da melancolia, o que resulta em um reconhecimento maior entre os leitores de poesia, pois “O Cego” é um poema que expressa imagens através do tato e da audição, isto é, uma produção lírica que apresenta idealizações e expõe o contraste entre a escuridão externa e a intensidade emocional interna, criando uma atmosfera de angústia e desamparo.

Em 1948, o poema “Canção” é exposto nas folhas do *Diário*, porém, é importante mencionar que a sua primeira publicação em periódicos aconteceu em 1940, no jornal pernambucano *Diário da Manhã*. No dia 14 de março de 1948, o poema é visto pelos leitores de *O Jornal;* como de costume, posteriormente à divulgação do jornal carioca, o *Diário de*

Pernambuco divulgou no dia 21 o poema de Cardozo; e, como o *Diário de Natal* também fazia parte dos "Diários Associados", em 28 de março o periódico potiguara também expôs em suas páginas a poesia pernambucana; no ano de 1967, o *Diário de Pernambuco* republica "Canção" na íntegra para o seu grande número de leitores. Como pode-se perceber, o poema que descreve uma temática sentimentalista agrada não somente a imprensa pernambucana, mas também o interesse nacional, perspectiva que se repetirá em outras produções à frente.

Figura 3 - "Canção" de Joaquim Cardozo.



CANÇÃO

JOAQUIM CARDOSO

Venho para uma estação de águas nos teus olhos.
Ouves? E' o rumor da noite que vem do mar.
Meu amor.

Perto de mim o teu corpo cheirando a flor de cajueiro,
Que saudades do sol. Do mar de sol.
Do nosso mar de jangadas.

Escuta:
A noite que vem cantando
Vem do mar.

Para que eu voltasse tu me prometeste novas carícias
No entanto o que me dás agora é ainda o mesmo amor
De antigamente.
E depois estás mais velha.
Os teus olhos bruxolearam.
Os teus lábios se apagaram.

Eu vou partir.
As barcaças vão passando junto ao cais.
Eu vou partir, viajar.
Itapissuma, Goiana, Itamaracá.

Olha o verão que vem!
Viva o verão que vai chegar.
Viva a paisagem rôxa dos cajueiros que vão florir!
Eu vou partir. viajar.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1948, p. 14).

Após quatro anos do lançamento de *Poemas*, em abril de 1951, o *Diário de Pernambuco* comunica o trabalho de Willy Keller, tradutor alemão de literatura brasileira, que se debruçou em poemas de Joaquim Cardozo, traduzindo-os para a língua alemã (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 1951, p. 8): "Está sendo traduzida para o alemão a coletânea de poemas de Joaquim Cardozo, aparecida por ocasião do seu 50° aniversário. Esse trabalho está sendo feito pelo escritor e teatrólogo Willy Keller, admirador da obra do grande poeta pernambucano". Tal notícia demonstra que, enquanto o poema de Cardozo já estimulava o interesse em traduções, ainda se tinha um desinteresse em publicar os poemas do poeta, tendo em vista que até então o *Diário de Pernambuco* só havia apresentado aos seus leitores, de maneira integral, três dos poemas de Cardozo, quantidade considerada irrisória para um poeta pernambucano que estava no mesmo patamar de importância lírica junto a outros nomes importantes da época.

O próximo poema divulgado no *Diário*, também publicado em *Poemas,* é composto por quatro estrofes e dezessete versos que descrevem a capital pernambucana, intitulado

"Tarde no Recife". Curiosamente, encontrou-se a publicação do respectivo poema no dia 27 de abril de 1929, publicado na revista carioca *Para Todos*, possivelmente, em decorrência da divulgação na *Revista do Norte* na década de 20. No entanto, tratando-se do *Diário* na década de 40, o periódico da praça foi a matriz da publicação que divulgou o poema cardoziano, comunicando no dia 11 de maio de 1952. Na mesma década, só que em anos diferentes, "Tarde no Recife" também foi exposto nos seguintes periódicos: *A Época,* do Rio Grande do Sul, em 1954; *Diário de Notícias,* do Rio de Janeiro publicou o poema em 1954 e também em 1957; em setembro de 1957, o jornal carioca, *Leitura*, divulga algumas produções de Cardozo, o que inclui o específico poema. Vejamos o poema publicado no *Diário*:

Figura 4 - "Tarde no Recife" de Joaquim Cardozo.

Antologia poética do Recife

Tarde no Recife

Joaquim CARDOZO

Tarde no Recife.
Da ponte Mauricio o céu e a cidade
Fachada verde do Café Maxime,
Cais do Abacaxi. Gamcleiras.

Da torre do Telégrafo Otico
A voz colorida das bandeiras anuncia
Que vapores entraram no horizonte.

Tanta gente apressada, tanta mulher bonita;
A tagarelice dos bondes e dos automóveis.
Um camelô gritando — alerta!
Algazarra. Seis horas. Os sinos.

Recife romantico dos crepusculos das pontes,
Dos longos crepusculos que assistiram á passagem dos
[fidalgos holandeses,
Que assistem agora ao movimento das ruas tumultuosas,
Que assistirão mais tarde á passagem dos aviões para as
[costas do Pacifico;
Recife romantico dos crepusculos das pontes
E da beleza católica do rio.
1925.

Fonte: Diário de Pernambuco (1952, p. 8).

O poema cardoziano descreve um Recife que até hoje pode ser reconhecido através dos seus versos, não apenas por citar pontos conhecidos da localidade, mas por concretizar em sua poesia a corriqueira movimentação que ocorre durante a tarde no centro da cidade pernambucana.

Com base na análise dos dados coletados durante a pesquisa, é possível afirmar que o poema de Joaquim Cardozo, "Recife morto", é o mais citado e teve mais trechos publicados nas edições do jornal pernambucano, contudo, foi apenas no dia 13 de julho de 1952 que os completos quarenta e sete versos do poema são apresentados aos leitores do *Diário*, inclusive, o poema específico foi publicado três vezes nas folhas do periódico na década de 50, o que representa uma quantidade significativa, se considerarmos a extensão da produção lírica. No

entanto, é uma republicação tardia se considerarmos o fato de o poema ter sido originalmente publicado em 1925, na *Revista do Norte*, e somente 26 anos depois, o poema é visto em um dos periódicos mais importantes da região.

Mais detalhadamente sobre as publicações de "Recife morto", o poema foi publicado no ano de 1952 nos meses de julho e novembro, e, em 1957, a lamentação do sujeito lírico que sofria com as mudanças urbanísticas que ocorriam na capital pernambucana foi vista novamente.

Figura 5 - "Recife morto" de Joaquim Cardozo.

Antologia poética do Recife (*)

RECIFE MORTO

Joaquim CARDOZO

Recife. Pontes e canais.
Alvarengas, açucar, agua rude, agua negra.
Torres da tradição, desvairadas, aflitas,
Apontam para o abismo negro-azul das estrelas.
Patio do Paraiso. Praça de São Pedro.
Lages carcomidas, derrepitas calçadas.
Pórticos, rosáceas, nichos e colunelos.
Falam baixo na pedra as vozes da alma antiga.

Gôtas de som sôbre a cidade,
Gritos de metal
Que o silêncio da treva condensa em harmonia.
As horas caem dos relogios do Diario,
Da Faculdade de Direito e do Convento
De São Francisco:
Duas, três, quatro... a alvorada se anuncia.

Agora a ouvir as horas que as torres apregôam
Vou navegando o mar de sombra das vielas
E o meu olhar penetra o reflexo, o prodigio,
A humilde proteção dos telhados sombrios,
O equilibrio burguês dos postes e dos mastros,
A ironia curiosa das sacadas

As janelas das velhas casas negras,
Bôcas abertas desdentadas, dizem versos
Para a mudez imbecil dos espaços imoveis.

Vagam fantasmas pelas velhas ruas
Ao passo que em falsete a voz fina do vento
Faz rir os cartazes.

Asas insponderaveis, úmidos véus enormes.
Figuras amplas dilatadas pelo tempo,
Vultos brancos de aparições estranhas.
vindos do mar, do céu... sonhos!... evocações!...

A invasão! Caravelas no horisonte!
Holandeses! Vryburg!
Motins. Procissões. Ruído de soldados em marcha.

Os andaimes parecem patíbulos erguidos.

Vão pela noite na alva do suplicio
Os martires
Dos grandes sonhos lapidados.

Duendes!...
Manhã vindoura. No ar prenuncio de sino.

Recife,
Ao clamor desta hora noturna e magica,
Vejo-te morto, mutilado, grande,
Pregado á cruz das novas avenidas.
E as mãos longas e verdes
Da madrugada
Te acariciam.

(*) Joaquim Cardozo, engenheiro de profissão, mas poeta de nascimento, viu há quarenta anos o Recife sofrendo os maleficios de um falso urbanismo, que já pusera abaixo a bela igreja do Corpo Santo e os arcos da Conceição e de Santo Antonio, situados nas extremidades da ponte Mauricio de Nassau. Nas páginas da "Revista do Norte", que José Maria de Albuquerque lançara em 1924, Cardozo publicou os seus primeiros versos, a começar de "As Alvarengas". "Recife morto" é uma lamentação do poeta, ante o cadaver de sua cidade, crucificada nos braços das novas avenidas — a Rio Branco, a Marquês de Olinda. O grande lirico chorava a descaracterização do Recife, ao mesmo tempo que o grande engenheiro previa a inutilidade das novas avenidas portuárias. Para consôlo do poeta, a luz timida e o vento frio da madrugada, com as suas "mãos longas e verdes", continuaram acariciando a nossa grande e mutilada cidade. — T. R.

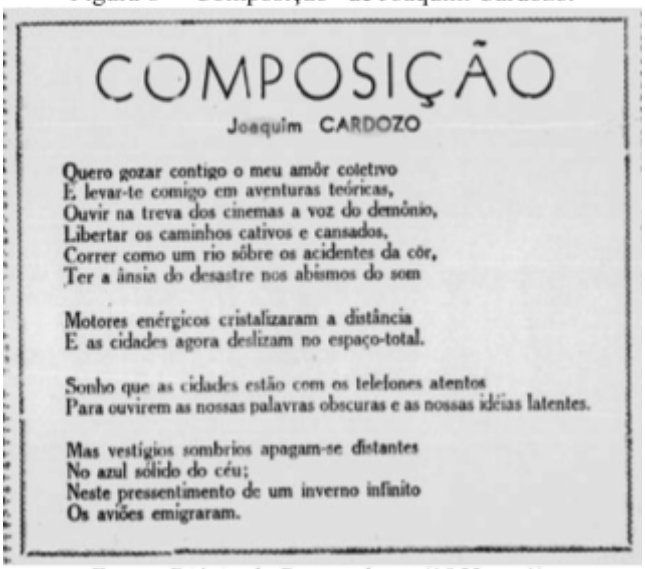
Fonte: Diário de Pernambuco (1957, p. 10).

Pode-se justificar a recorrente aparição de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* em 1952 devido ao fato de o poeta estar publicando seu mais novo livro, *Prelúdio e elegia de uma despedida* (1952), no mesmo ano. A imprensa pernambucana buscou atrair novos leitores para conhecer a poesia de Cardozo, utilizando um dos textos líricos mais estudados do poeta, cujo título desperta curiosidade dos leitores familiarizados com a região.

No ano seguinte, em 19 de julho de 1953, o *Diário* volta a se espelhar em periódicos cariocas para publicar poemas de Joaquim Cardozo, desta vez com "Composição". Este poema foi divulgado no jornal pernambucano posteriormente à publicação feita no *Letras e Artes*: Suplemento de *A Manhã*, que divulgou os catorze versos do poeta em 3 de maio de 1953. Como pode ser observado, a maioria das publicações que apresentam os poemas

integralmente no *Diário de Pernambuco* mostram uma dependência da imprensa do sudeste, uma vez que poucas produções líricas de Joaquim Cardozo são divulgadas espontaneamente, sem influência externa.

Figura 6 - "Composição" de Joaquim Cardozo.



COMPOSIÇÃO

Joaquim CARDOZO

Quero gozar contigo o meu amôr coletivo
E levar-te comigo em aventuras teóricas,
Ouvir na treva dos cinemas a voz do demônio,
Libertar os caminhos cativos e cansados,
Correr como um rio sôbre os acidentes da côr,
Ter a ânsia do desastre nos abismos do som

Motores enérgicos cristalizaram a distância
E as cidades agora deslizam no espaço-total.

Sonho que as cidades estão com os telefones atentos
Para ouvirem as nossas palavras obscuras e as nossas idéias latentes.

Mas vestígios sombrios apagam-se distantes
No azul sólido do céu;
Neste pressentimento de um inverno infinito
Os aviões emigraram.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1953, p. 1).

Como já dito anteriormente, a temática amorosa ou relacionada ao "Espírito" agradava o público leitor da imprensa que não estava inserida na região Nordeste; o poema "Composição" trata-se de uma produção que, através de sua métrica irregular, apresenta uma acentuada intenção de transcrever a experiência sonora e visual para a constituição de um todo.

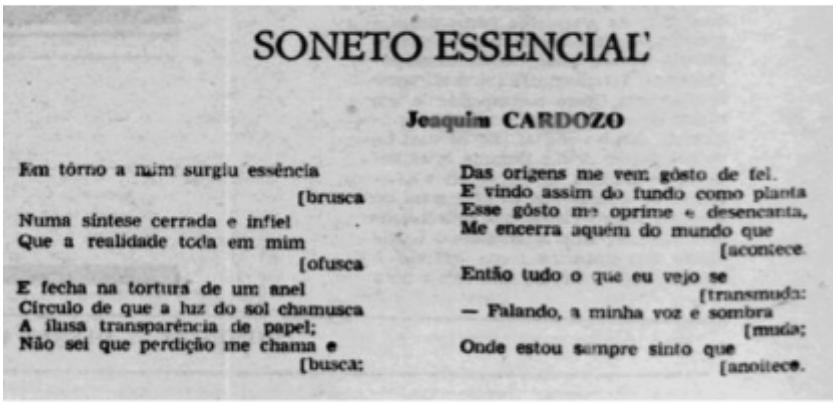
Assim como aconteceu em 1951, o *Diário de Pernambuco* também divulgou um novo trabalho que estava sendo elaborado com o intuito de traduzir poemas de importantes escritores. À vista disso, em 1954, o jornalista Laurênio Lima escreve a matéria "Vantagens das Antologias" para o *Diário*, na qual comenta sobre a colaboração das antologias na divulgação de diferentes autores. Através de tal comentário, o jornalista destacou a nova antologia que estava sendo lançada por Leonard S. Downes, *An Introduction to Modern Brazilian Poetry,* uma obra que divulga poetas brasileiros, com a maioria deles tendo naturalidade pernambucana. Com base nessas informações, além do periódico divulgar o lançamento da obra, aproveitou-se a oportunidade para comunicar que poemas de Joaquim Cardozo estavam inseridos na antologia que tinha como tradução a língua inglesa; a exemplo, o Laurênio Lima apresenta no *Diário de Pernambuco* o poema "Aves de rapina", de Joaquim Cardozo, em sua matéria (LIMA, 1954, p. 1):

> De Manuel Bandeira foi traduzida “Estrela da manhã”; de Joaquim Cardozo, “Aves de Rapina”, que assim ficou na tradução inglesa:
>
> *“This many years since the roads*
> *Dragged themselves over mountains.*
> *They traversed forests in pursuit of the distance.*
> *Slow and sinuous they slid across the plains.*
> *Rains and winds passed over them.*
> *and winged shadows…*
>
> *One day came aeroplanes and set distance free.*
> *The aeroplane swooped down and carried off the roads”*

Aproveitando o conteúdo acerca das produções traduzidas de Joaquim Cardozo, é interessante comunicar que Willy Keller e Leonard S. Downes não foram os únicos a traduzir poemas do poeta. Em 1972, a escritora Elizabeth Bishop, em *An anthology of twentieth-century brazilian poetry*, também traduz poemas de Cardozo para a língua inglesa, sendo eles: “Cemitério da infância”/“*Cemetery of childhood*” (1972, p. 28) e “Elegia para Maria Alves”/“*Elegy for Maria Alves*” (1972, p. 32). À vista dessas informações, é indiscutível que, na época, Joaquim Cardozo fazia parte do grupo de escritores mais relevantes da literatura brasileira, o que se comprova na constante presença dele nas antologias e nas menções que o colocam no mesmo patamar de poetas renomados até nos dias atuais como Bandeira, Drummond, Lispector, entre outros.

Prosseguindo com a exibição dos poemas de Joaquim Cardozo publicados no *Diário de Pernambuco*, em 1975 é divulgado o poema publicado em *Mundos Paralelos* (1970), “Soneto essencial”, no dia 19 de janeiro. Diferentemente dos casos anteriores, “Soneto essencial” não foi publicado em outros periódicos brasileiros, sendo o *Diário* o único jornal a apresentar o soneto melancólico que exibe uma intensa marcação sonora que enfatiza o tempo presente em seus quatorze versos.

Figura 7 - “Soneto essencial” de Joaquim Cardozo.



SONETO ESSENCIAL

Joaquim CARDOZO

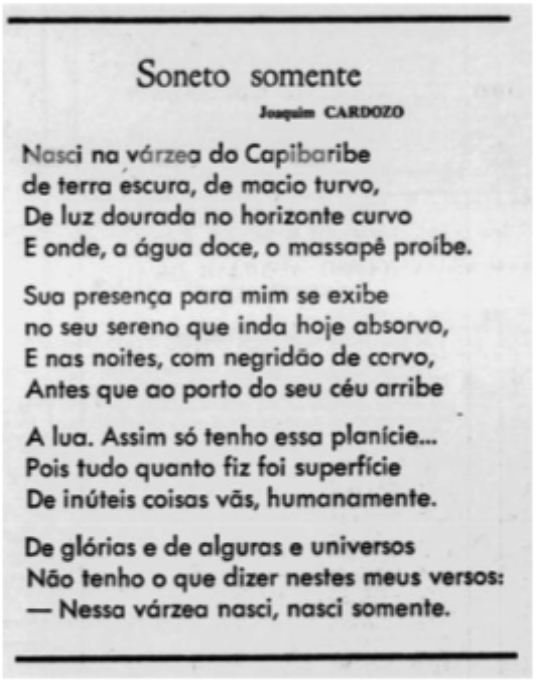
Em tôrno a mim surgiu essência
[brusca
Numa síntese cerrada e infiel
Que a realidade toda em mim
[ofusca
E fecha na tortura de um anel
Círculo de que a luz do sol chamusca
A ilusa transparência de papel;
Não sei que perdição me chama e
[busca:

Das origens me vem gôsto de fel.
E vindo assim do fundo como planta
Esse gôsto me oprime e desencanta,
Me encerra aquém do mundo que
[acontece.
Então tudo o que eu vejo se
[transmuda:
— Falando, a minha voz e sombra
[muda;
Onde estou sempre sinto que
[anoitece.

Fonte: Diário de Pernambuco (1975, p. 8).

Ainda em 1975, da mesma coletânea presente em *Mundos Paralelos*, o jornal da praça publica outro soneto de Joaquim Cardozo, intitulado "Soneto somente", em 9 de novembro. Além desta edição, em 1980, Sidrack de Holanda Cordeiro[20] publica uma homenagem a Cardozo no jornal, "Homenagem ao poeta" (CORDEIRO, 1980, p. A-8), na qual insere o mesmo poema na íntegra em sua carta enviada à redação do *Diário*.

Figura 8 - "Soneto somente" de Joaquim Cardozo.



Soneto somente

Joaquim CARDOZO

Nasci na várzea do Capibaribe
de terra escura, de macio turvo,
De luz dourada no horizonte curvo
E onde, a água doce, o massapê proíbe.

Sua presença para mim se exibe
no seu sereno que inda hoje absorvo,
E nas noites, com negridão de corvo,
Antes que ao porto do seu céu arribe

A lua. Assim só tenho essa planície...
Pois tudo quanto fiz foi superfície
De inúteis coisas vãs, humanamente.

De glórias e de alguras e universos
Não tenho o que dizer nestes meus versos:
— Nessa várzea nasci, nasci somente.

Fonte: Diário de Pernambuco (1975, p. 13).

O título sugestivo do poema reforça a informação de que este tenha sido o último poema de Joaquim Cardozo, na íntegra, publicado no *Diário de Pernambuco*. Os dois quartetos e os dois tercetos do poema acentuam a ideia de que as últimas produções do poeta trazem uma lamentação mais acentuada, uma lírica que descreve as lamúrias de um sujeito lírico que percorre a vida de forma superficial, sentindo que seu único feito relevante foi o próprio nascimento.

Com base nessas informações, os dados apresentados nos mostram que, pelo menos no século XX, Joaquim Cardozo era considerado um importante e conhecido poeta na esfera literária no panorama nacional, contudo, as divulgações acerca do poeta pernambucano e suas publicações se perderam ao longo do tempo. No século XXI, pouco se conhece sobre o poeta do "Recife morto". O grande esquecimento surgiu após a sua morte, Joaquim Cardozo foi

[20] Sidrack de Holanda Cordeiro, físico e químico pernambucano, foi professor da Escola de Engenharia de Pernambuco e, posteriormente, lecionou física na Universidade Federal de Pernambuco. Ele escrevia sobre ciências e religião no *Jornal do Commércio* e no *Diário de Pernambuco*, mas possuía um vasto conhecimento sobre diferentes temáticas, o que o levou a publicar também sobre outros assuntos.

desmemoriado pela imprensa e pelos estudiosos de poesia, diferentemente do que ocorreu com outros poetas. Pode-se inferir que, apesar de Joaquim Cardozo ser um exímio poeta, suas contribuições literárias ficaram em segundo plano, uma vez que sua carreira como engenheiro estrutural sempre foi mais proeminente. Essa situação interferiu no reconhecimento de Cardozo como um poeta tão talentoso quanto foi como engenheiro. Dessa forma, sua relevância literária foi obscurecida ao longo do tempo, e sua obra e contribuições à poesia brasileira foram menos lembradas e valorizadas em comparação com outros poetas de sua época.

Com o objetivo de rastrear e discutir informações sobre Joaquim Cardozo e sua lírica, foram analisadas as publicações da década de 40 divulgadas no *Diário de Pernambuco* que mencionam o nome de "Joaquim Cardozo" — com "z" — e "Joaquim Cardoso" — com "s" —, uma vez que existem variações com o sobrenome do poeta, inclusive, há publicações que utilizam ambas as formas, com "z" e com "s", em mesma divulgação. Dessa forma, para uma melhor exposição desses dados, foi criada a tabela 1, na qual são apresentadas as ocorrências de acordo com as temáticas abordadas nas respectivas publicações. Vejamos:

Tabela 1 - Ocorrências publicadas no *Diário de Pernambuco* na década de 40.

1940-1949 "JOAQUIM CARDOZO" NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*|						
Poemas na íntegra	**Engenharia**	**Notas sociais**	**Política**	**Literatura em geral**	**Arte**	**Estudos críticos**	**Total**
2	-	-	-	1	-	1	4
1940-1949 "JOAQUIM CARDOSO" NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*|						
Poemas na íntegra	**Engenharia**	**Notas sociais**	**Política**	**Literatura em geral**	**Arte**	**Estudos críticos**	**Total**
-	3	8	6	27	1	4	49
TOTAL DE OCORRÊNCIAS: 53							

Fonte: A autora (2023).

Conforme apresentado na tabela 1, durante o período de 1940 a 1949, Joaquim Cardozo ainda era recorrentemente citado como "Cardoso" — com "s" —, mas essa ocorrência se alterou nas décadas seguintes. Além disso, é interessante ressaltar que ao pesquisar o nome do poeta em suas variações, foram encontradas 90 ocorrências no total, entretanto, ao analisá-las, observou-se que nem todas se referiam ao Joaquim Cardozo

estudado aqui. Portanto, totalizam-se 53 menções ao nome de Cardozo na década de 40 no *Diário de Pernambuco.*

Seguindo a ordem, os dados referentes a “Poemas na íntegra” dedicam-se a contabilizar os poemas de Joaquim Cardozo que foram publicados e aqui já discutidos, contudo, ao divulgar suas produções, o nome do poeta apresenta-se com "z" em vez de "s", o que foge do número expressivo constatado. Possivelmente, isso se justifica pelo fato de que o livro *Poemas* já apresenta a grafia que é comumente atribuída atualmente. No âmbito na “Engenharia”, Cardozo é citado sobre seus trabalhos na área, situação que se relaciona com a "Política", pois as notícias do *Diário* apresentam um sentimento de lamentação por terem perdido um qualificado engenheiro devido a problemas que envolviam a política local. Por outro lado, nas “Notas sociais”, encontram-se informações mais descontraídas sobre a sua presença em jantares, assim como curiosidades sobre o poeta. No item de “Literatura em geral”, a quantidade mais expressiva de ocorrências se relaciona com breves menções com ao nome do poeta a respeito da literatura em geral, sua participação em eventos, representantes da região, trechos de poemas citados, entre outras diferentes ocorrências. Na respectiva década, a “Arte” em Joaquim Cardozo é marcada pela publicação do seu estudo acerca de José Pedrosa, “O escultor José Pedrosa”, publicação em que o poeta exerce o papel de crítico de arte. Por último, entre os “Estudos críticos” apresentados, os quatro se destacaram com suas discussões e reflexões que envolvem *Poemas*, de Joaquim Cardozo; esses julgamentos estimularam a respectiva pesquisa no periódico pernambucano e serão discutidos no Capítulo III.

CAPÍTULO II:
SOBRE *POEMAS* (1947)

Publicado no ano de 1947, *Poemas* marca o início do percurso literário de Joaquim Cardozo, reunindo suas produções líricas em um livro autoral, o que já torna a obra relevante para discussões acerca da recepção e do impacto de Cardozo no âmbito literário da época. Diferentes poemas do autor foram divulgados em revistas e jornais desde 1925, mas até o ano da publicação de seu primeiro livro, o poeta pernambucano demonstrou desinteresse em reunir suas produções em uma única obra. Isso estimulou seus amigos mais próximos a organizarem *Poemas*, em comemoração ao seu cinquentenário[21].

O livro foi publicado através da Editora Agir, com ilustrações de Luís Jardim[22] e capa e gravura de Santa Rosa[23], este último conhecido como o "pai do livro moderno", pois, no século XX, Santa Rosa tornou-se famoso ao produzir capas para obras de escritores influentes da época, a começar com *Cacau* (1933) de Jorge Amado, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, *Fogo morto* (1943) de José Lins do Rego, *Poesias* (1942) de Carlos Drummond de Andrade, *Sagarana* (1951) de João Guimarães Rosa, entre outras produções. Esses dados são relevantes porque, em sua estreia, Joaquim Cardozo teve a capa e uma gravura produzida por um artista em destaque na época, o que acentua as colaborações valiosas para o aparecimento oficial de Cardozo como poeta.

---

[21] Apresentando uma personalidade discreta, Cardozo costumava recitar seus poemas para os amigos mais próximos durante as reuniões no Cenáculo *Lafayette*. Embora tenha publicado alguns desses poemas na *Revista do Norte*, ainda não havia organizado uma obra própria. Foi então que João Cabral de Melo Neto tomou a iniciativa de concretizar o primeiro livro do poeta Cardozo em comemoração ao seu aniversário de 50 anos. De forma mais detalhada, Souza Barros (1972) comenta em *A década de 20 em Pernambuco* sobre o surgimento de *Poemas*, destacando a colaboração de João Cabral de Melo Neto para a realização dessa obra (1972, p. 158-159):

> Continuou bissexto até fins da década 40 (1947), quando, por iniciativa de João Cabral de Melo Neto, foi publicado o seu livro *Poemas* pela AGIR. João Cabral pedira a Cardozo as poesias para organização do livro e ele respondeu simplesmente que não as tinha. Jamais guardava o que fazia.
> Aconselhou então que se dirigisse a mim (e creio que também a José Maria) pois sabia que eu as colecionava. Como não tinha todos os poemas, socorri-me de Edmundo Celso, que também os guardava. Assim, pude remeter cerca de dois terços do que tinha sido publicado no Recife e no Rio.

[22] Luís Inácio de Miranda Jardim foi um escritor, ilustrador, artista gráfico e pintor pernambucano. No século XX, ele publicou ensaios para periódicos da região. Além disso, era amigo próximo de Joaquim Cardozo, Osório Borba e Gilberto Freyre.

[23] Tomás Santa Rosa Júnior foi um artista gráfico, ilustrador, pintor e crítico de arte, nasceu na cidade de João Pessoa. A partir de 1932, o artista mudou-se para o Estado do Rio de Janeiro, onde teve contato com intelectuais e artistas do Brasil.

Figura 9 - Gravura de Santa Rosa.

Fonte: *Poemas* (1947, p. 5).

Sobre a gravura elaborada por Santa Rosa, Joaquim Cardozo é apresentado com traços que marcariam sua seriedade, primeiramente, através da sua vestimenta comumente usada, que demonstra respeitabilidade em seu ofício; segundamente, pelos riscos que destacariam a sua feição circunspecta. A maturidade de Cardozo também é captada através dos traços faciais que escancaram as marcas de sua idade, no entanto, são os olhos riscados a bico de pena que sobressaem na gravura, expondo um profundo olhar cuidadoso e atento do poeta pernambucano. Além disso, é necessário destacar que, para aqueles que tiveram o primeiro acesso a Joaquim Cardozo através de *Poemas,* a gravura de Santa Rosa torna-se a primeira aproximação do leitor à imagem do autor do livro.

A materialidade gráfica é bastante valorizada por Cardozo desde os tempos da *Revista do Norte,* circunstância que justifica o trabalho cuidadoso realizado em *Poemas*, o qual apresenta a particularidade estética de expor previamente as ilustrações de Luís Jardim à frente de alguns dos poemas (CORREIA; RAMOS, 2019, p. 54):

> [...] das 43 (quarenta e três) composições reunidas ali, apenas 6 (seis) são ilustradas, a saber: "As alvarengas", "Afasta de mim este teu corpo", "Malassombrado", "Luzia, acende a lâmpada da sala…", "Espuma do mar" e "O espelho" [...] É preciso ainda reiterar que, fazendo a relação entre a quantidade de composições do livro e aquelas que foram ilustradas, chegamos à cifra de algo como 1/7 (um sétimo) do total reunido.

Mais detalhadamente sobre as ilustrações, cinco das seis produções de Jardim têm a representação do sexo feminino, pelo motivo de ilustrar os poemas de temáticas intimistas, como será comentado mais adiante. Quanto a isso, nota-se apenas uma exceção no poema "As

alvarengas", que trata de uma representação local. Ademais, segundo Correia e Ramos (2019, p. 54), as páginas utilizadas para as ilustrações são diferentes das usadas nos poemas, tendo em vista que o papel sedoso consta nas páginas em que se apresentam as ilustrações, e os poemas são impressos em papel comumente utilizado em publicações.

Para mais, o fato de *Poemas* ter sido editado e publicado através da Editora Agir — empresa criada em 1944 por Alceu Amoroso Lima[24], mas que em 1947, ano de publicação do livro cardoziano, já era considerada uma respeitável empresa no âmbito editorial — acentua a colaboração daqueles que organizaram o primeiro livro do poeta pernambucano e garante uma obra lançada por uma editora sólida que divulgava outros importantes escritores nacionais.

Poemas apresenta uma seleção das produções líricas de Joaquim Cardozo escritas no período de 1925 a 1947, rigorosamente selecionados quarenta e três poemas que exibem temáticas e categorias diferentes, começando pelas produções líricas que destacam a região do Nordeste e suas particularidades: "As alvarengas", "Velhas ruas", "Olinda", "Tarde no Recife", "Cajueiros de setembro", "Recordações de Tramataia", "Recife de outubro", "Chuva de caju", "Imagens do Nordeste", "Recife morto", "Dezembro" e "Inverno". É importante mencionar que "As alvarengas" é apontado como o primeiro poema publicado de Joaquim Cardozo[25], divulgado na *Revista do Norte*, em 1925, e vale notar o quanto a respectiva produção já destacava o talento singular do até então jovem poeta. Em *Chão da crítica*, de Fernando Py, o leitor de Cardozo comenta sobre o respectivo poema em sua antologia comentada, na qual discute sobre o desenvolvimento dos versos cardozianos que acentuam "o contraste do campo e da cidade, esta carregando os recursos econômicos e financeiros da região: a tranquila paisagem descrita no principio vai sendo, aos poucos, entremeada de notações dramáticas, que assumem o primeiro plano e culminam nos sintagmas do verso [...]" (PY, 1984, p. 26).

Além da perspectiva local, Joaquim Cardozo apresenta duas elegias em *Poemas*, intituladas "Elegia para Benedito Monteiro"[26] e "Elegia para os que ficaram na sombra do

---

[24] Alceu Amoroso Lima foi um renomado crítico literário, escritor e professor brasileiro, que se tornou membro da Academia Brasileira de Letras em 1935. Em 1939, fundou a Universidade Santa Úrsula, e em 1944, criou a Editora Agir.

[25] É realmente interessante notar que nos dias 15 e 30 de novembro de 1913, Joaquim Cardozo publicou sua primeira produção literária, o conto "Astronomia Alegre", no *Jornal Arrabalde.* Esse periódico quinzenal foi fundado por Cardozo junto com Benedito e Honório Monteiro. Esse momento marcou o início da trajetória literária de Cardozo, que posteriormente se tornaria uma figura importante na cultura e literatura pernambucana e brasileira.

[26] No estudo intitulado "Duas elegias de Joaquim Cardozo", realizado por Elaine Cintra e Maxwell Santos, é discutida a poesia elegíaca presente na obra de Cardozo. Entre as produções analisadas nesse estudo estão "Para José Maria" e "Elegia para Benedito Monteiro". Especificamente em relação à elegia dedicada a Benedito Monteiro, os pesquisadores apontam para a originalidade com que o poeta se afasta do formato clássico do gênero (CINTRA; SANTOS, 2019, p. 429-452). Nessa análise, Elaine Cintra e Maxwell Santos exploram como

mar". Nos dois poemas, esse subgênero é utilizado em duas proposições distintas. A primeira elegia segue a caracterização tradicional, realizada com o intuito de homenagear Benedito Monteiro, poeta com quem Cardozo teve contato estreito na década de 20 e que faleceu em 1926. A segunda elegia, por sua vez, adota uma perspectiva mais moderna, relacionando-se com a temática destacada anteriormente sobre a região, pois o poema elegíaco lamenta a historiografia da cidade de Olinda.

A homenagem feita a Benedito Monteiro não é uma produção isolada em *Poemas*, o poeta pernambucano também apresenta mais três poemas que se configuram como homenagens: a passagem de Joaquim Cardozo no território europeu, mais especificamente na França, inspirou o poeta a produzir "Poesia em homenagem a Isidore Ducasse" em 1938, poema dedicado a Isidore Ducasse, poeta uruguaio considerado um dos precursores do surrealismo; "Terra do mangue", dedicado a Roberto Burle Marx, artista plástico com quem Cardozo publicou *O interior da matéria* em 1975, o que já registra o contato intenso entre os dois; e, por último, "Poema dedicado a Maria Luiza", que apresenta uma lírica mais intimista.

Em se tratando da lírica amorosa, ou até erótica, destacam-se os seguintes poemas: "Canção", "Poema do amor sem exagero", "Mariana", "Provo, sinto em silêncio", "Espumas do mar", "Luzia, acende a lâmpada da sala", "Mal-assombrado", "Poema em vários sentidos", "Menina", "Poema", "Romance perdido" e "Afaste de mim este teu corpo". Na poesia de Cardozo, esse gênero varia contextualmente, ora de modo mais explícito e/ou implícito; ora com um sujeito lírico mais presente e/ou distante.

Além da temática amorosa, também se notam poemas com um tom intimista cujo tema predominante não seja o erótico, mas sim um mergulho na imersão da subjetividade. Em determinadas produções, o poeta também aborda questões religiosas e/ou místicas, assim como especulações e indagações existenciais, como é o caso dos poemas "O espelho" e "O relógio". Isso demonstra a habilidade de Cardozo em desenvolver diferentes abordagens em seus poemas mais íntimos, evidenciando a variedade de sua técnica literária.

Ainda é possível encontrar na lírica cardoziana temáticas que envolvem o social, uma perspectiva que aborda problemáticas da sociedade e seu processo moderno, como nos poemas "Os anjos da paz" e "Autômatos". Além dos citados, em *Poemas,* há outras diferentes produções líricas com abordagens diversas: "Poema do homem dormindo" revela a sensibilidade do poeta ao explorar a dimensão do sono como um momento de transcendência

---

Joaquim Cardozo aborda o tema da elegia e como ele imprime sua própria marca e estilo, fugindo das convenções tradicionais do gênero. Essa abordagem original do poeta confere às suas elegias uma singularidade e destaque dentro da poesia brasileira. Através dessa análise, os pesquisadores oferecem uma nova perspectiva sobre a obra de Cardozo e sua contribuição para a literatura elegíaca brasileira.

e contemplação, onde o ser humano pode escapar das preocupações e limitações da vida desperta; “Perdão”, aborda a busca pessoal do eu lírico pelo perdão por seus pecados e malfeitos, bem como a reflexão sobre as dificuldades e imperfeições envolvidas nesse processo; “Aves de rapina”, apresentaria uma abordagem poética sobre as mudanças sociais e tecnológicas, levantando questões sobre o progresso e suas implicações na relação humana com o ambiente e com a própria experiência de vida; “Poesia da presença invisível", transmite uma atmosfera melancólica e contemplativa, onde o eu lírico mergulha em suas memórias e sentimentos, misturando nostalgia, tristeza e resignação diante da efemeridade das relações humanas; “Composição” reflete sobre a busca por intensidade, conexão e transformação, enquanto enfrenta a melancolia da modernidade e a transitoriedade das experiências; “1930” encapsula uma atmosfera de luto e honra, evocando elementos simbólicos e destacando a importância da memória e da história em meio à tristeza da perda; “Figuras do vento” o poema nos convida a refletir sobre a natureza efêmera e imprevisível do vento, além de despertar uma conexão emocional com a energia e a vitalidade desse fenômeno; “Hai-Kai”, captura a essência do haicai ao apresentar uma imagem vívida e sugestiva em apenas duas linhas, deixando espaço para a interpretação e reflexão do leitor; e “Eram cinco estrelas do mar”, transmite uma atmosfera melancólica, contrastando a beleza natural das estrelas e do mar com os sentimentos de tristeza e desilusão. Porém, há também uma esperança implícita na dissipação das estrelas do mal, sugerindo a possibilidade de renovação e superação das dificuldades emocionais enfrentadas pelo eu lírico.

As edições de *Poemas*

Por ter sido *Poemas* uma obra organizada por amigos próximos a Joaquim Cardozo, que como dito acima, contaram com os raros registros dos poemas cardozianos que, em sua grande maioria, eram compartilhados oralmente, algumas questões editoriais são problematizadas por Correia e Ramos (2019) em “Levantamento textual para edição crítica do livro *Poemas* de Joaquim Cardozo”, estudo que aponta inconsistências textuais, e que, através de análises comparativas com outras edições publicadas posteriormente, foi possível averiguar alterações na diagramação, nos versos, nas pontuações, assim como inconsistências quantitativas que levam a desagregação de poemas.

Mais detalhadamente, Correia e Ramos apontam modificações que ocorreram após a publicação de *Poemas*. Equivalente a mais da metade dos poemas publicados em 1947 sofreram alterações em edições seguintes, mais especificamente 24 (vinte e quatro) poemas, a saber: em “As alvarengas” ocorre o acréscimo de um verso; “Velhas ruas”, poema no qual a

palavra “cais” passou a ser grafada em maiúscula; “Olinda” funde suas duas últimas estrofes, sendo assim, as sete estrofes na primeira edição de *Poemas* tornam-se seis em suas próximas publicações. Da mesma forma, “Poema do homem dormindo” e “Inverno” apresentam correções gráficas das palavras “húmido” e “sargeta”; em “Afaste de mim este teu corpo…”, o verbo “afastar” migra para a segunda pessoa, isto é, “afasta”; a partir de 1971, “Recordações de Tramataia” passa a ser enumerada em duas partes do poema em algarismos romanos; em “Mariana”, o poema perde a repetição do verbo “ver” e ocorrem alterações no uso da pontuação em seu terceiro verso; "Mal-assombrado" perde o advérbio de intensidade “muito”, presente no quinto verso do poema; em “Recife morto”, ocorre a unificação da quinta e sexta estrofe, e, além disso, apresenta variações em relação a algumas pontuações; ocorre modificação no espaçamento entre os últimos versos dos poemas "Autômatos" e “Composição”; os poemas “Poesia da presença invisível”, “Chuva de Caju”, “O espelho”, “Poema dedicado a Maria Luíza” e “Imagens do Nordeste” apresentam mudanças na grafia de algumas palavras; em “Hai-kai”, é possível constatar acentuadas modificações que alteram a estrutura, o léxico e a semântica do poema; as maiores alterações estão presentes em “Anjos da paz” que integra o poema “Soldado”, situação que resulta em mudanças em sua estruturação e composição; “Espuma do mar”, um de seus versos passa do singular para o plural; a sexta e a sétima estrofes se fundem em “O Relógio”; os versos presentes na terceira estrofe de “Figuras do Vento” apresentam-se invertidos em *Poemas* e são reajustados nas publicações seguintes; e a última produção lírica presente em *Poemas*, “Eram cinco estrelas do mar”, apresenta diferenças ao unir a sua terceira e quarta estrofes (CORREIA; RAMOS, 2019, p. 48-67). Com base nessas informações, pode-se observar o quanto essa obra foi fonte de alterações, tanto em edições acompanhadas pelo autor, como a de 1971 da Civilização Brasileira, organizada por Fernando Py, o que sugere um movimento de revisão do próprio poeta, ou por questões editoriais que trouxeram para os anos vindouros outras percepções dos poemas desse livro.

O prefácio de Drummond

De maneira geral, o livro *Poemas* apresenta questões que destacam a obra em diferentes aspectos, começando com a modesta quantidade de textos publicados. Isso leva a inferir que o poeta fugia do movimento imediatista, priorizando a qualidade em vez da quantidade. De fato, em *Poemas,* é possível entrever a maturidade do autor ao refletir sobre o processo de escrita de seus poemas, afastando-se da preocupação com o tempo de divulgação,

tendo em vista que uma significativa parte de seus poemas foi produzida vinte e dois anos antes da publicação de seu primeiro livro.

Além de *Poemas* ser marcado como lançamento oficial do poeta Joaquim Cardozo, o livro conta com o prefácio escrito por um dos poetas do século XX mais influentes do Brasil, Carlos Drummond de Andrade. Esse prefácio é considerado um texto central para estudos acerca da poesia cardoziana, tornando-se não somente uma das primeiras referências sobre a lírica desse autor, mas também, até hoje, a mais impactante.

Mais detalhadamente sobre o prefácio, o poeta mineiro inicia suas observações mencionando a denominação de "poeta bissexto" atribuída a Joaquim Cardozo por Manuel Bandeira em sua *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos* (1946), na qual Drummond concordaria parcialmente com essa classificação referindo-se ao número limitado de publicações que Cardozo havia divulgado até então. No entanto, mesmo tendo emissões escassas de seus poemas, Joaquim Cardozo era um poeta ativo nos bastidores literários, contribuindo de diferentes maneiras no âmbito, a saber, através das reuniões no Cenáculo *Lafayette* e nos contatos próximos com outros escritores, informação essa que o próprio Manuel Bandeira destaca na *Antologia* (BANDEIRA, 1946, p. 6): “um Joaquim Cardoso, cuja produção se recusa à intimidade dos que lhe são mais chegados, tão íntima quer ser”. Drummond também salienta que Cardozo diferenciava-se dos poetas escassos em relação às temáticas abordadas em sua poesia. Enquanto poetas com pouca produção costumavam explorar o cotidiano e a dor amorosa, Cardozo distanciava-se desses temas. Em vez disso, suas obras focavam-se na "Província" e no "Espírito", conceitos que o próprio Drummond destaca como conteúdos presentes na poesia de Cardozo. Essas classificações e observações feitas por Drummond e Bandeira sobre Joaquim Cardozo se tornaram fundamentais para análises críticas posteriores sobre a obra do poeta pernambucano. Essa perspectiva é explorada no presente capítulo, assim como será detalhada no capítulo III, demonstrando a relevância e o impacto duradouro da poesia de Joaquim Cardozo na literatura brasileira.

O prefaciador apresenta a “Província” como tema que se refere às particularidades históricas, econômicas e ao *pathos* presente na poesia cardoziana (ANDRADE, 1947, p. 8). A “Província” na poesia de Joaquim Cardozo é retomada na leitura de poemas que tratam da região nordestina; certamente, o respectivo tema é considerado um dos mais marcantes na poesia cardoziana, principalmente para aqueles que têm alguma conexão ou familiaridade com a região. Apesar disso, Drummond chama atenção para um cuidado necessário com o excesso de Brasil que poderia tornar a poesia “pitoresca”. Isso significa que uma exagerada ênfase nas manifestações culturais regionais poderia levar à criação de uma representação

estereotipada e superficial, não só na poesia de Cardozo, mas em toda a literatura nacional. Ele destaca a importância de evitar estereótipos e superar o olhar superficial sobre as manifestações culturais regionais, buscando compreender e representar de forma mais autêntica a diversidade e a complexidade do Brasil e de suas diversas regiões. Essa reflexão do prefaciador ressalta a relevância de uma abordagem cuidadosa e sensível em relação à representação da identidade cultural regional na literatura, buscando equilibrar a valorização das particularidades locais com uma visão mais ampla e contextualizada da cultura brasileira como um todo.

Por outro lado, Drummond esclarece que a poesia de Joaquim Cardozo não se limitaria à "Província", mas que tal temática estaria inserida no tema que considera central em Cardozo, o "Espírito". Esse conteúdo desenvolve questões de conhecimento pessoal e o entendimento das coisas humanas, de modo que a abrangência da temática se desenvolve em inúmeras variações, expondo-se de formas diversas, tratando-se de situações dramáticas nas quais adquirem valor estético a partir das experiências de infância, relações familiares, grupos de sua convivência, situações que gotejam tristeza partindo de pretextos, incluindo temas relacionados à sua região de origem, a denominada província (ANDRADE, 1947, p. 10). É deste modo que Cardozo é apresentado por Drummond, como um poeta de escrita panorâmica, preciosa, abstrata, com visão de alto poder plástico e de puras visões; considerado um grande criador.

Além das considerações mencionadas, o prefaciador afirma que "Joaquim Cardozo foi, porém, modernista mais ausente do que participante" (ANDRADE, 1947, p. 8), essa observação intrigante desloca o poeta dos grupos dos modernistas, mas o reconhece por suas perspectivas modernas de criação poética da época. A ausência de uma classificação pontual em relação à poesia de Cardozo levou a várias tentativas de enquadrá-lo em algum viés; inicialmente, foi apontado como "bissexto" por Manuel Bandeira (BANDEIRA, 1946, p. 79); posteriormente, foi considerado um "modernista tardio" de acordo com Massaud Moisés (MOISÉS, 1995, p. 388); e também rotulado como poeta "regionalista" por Fernando Py (PY, 1972, p. 163). Diante do exposto, pode-se entender que a contribuição de Drummond torna-se um *mote* para a não classificação efetiva do poeta Cardozo, que é um modernista sem o ser. De modo mais detalhado, Cardozo seria modernista ao originalizar produções líricas com aparatos e interpretações que fogem da estrutura clássica de alguns gêneros líricos, no entanto, como será melhor discutido no capítulo III, Joaquim Cardozo também apresenta aparatos textuais e temáticos que acentuam a essência de gêneros poéticos não modernos. Sua poesia

abrange elementos que o destacam como um criador singular, fugindo de classificações rígidas e incorporando características diversas que enriquecem sua obra.

Outros leitores de *Poemas*

Como já dito neste capítulo, a contribuição drummondiana, através da divulgação da obra e dos estudos a respeito do poeta pernambucano, pode ser constatada a partir da referência do poeta mineiro em outros diferentes textos críticos que são publicados posteriormente. Por isso, considera-se relevante para a pesquisa apresentar e discutir comentários presentes na fortuna crítica de Cardozo a respeito de *Poemas.* A exposição se faz necessária para compreender a relevância e o diálogo entre os estudos sobre a poesia cardoziana. Além disso, a apresentação contribui para que, no capítulo III, reflita-se sobre as aproximações e os afastamentos dos estudos divulgados no *Diário de Pernambuco* e na fortuna crítica do poeta, com o intuito de debater a relevância dos apontamentos presentes em ambos os cenários.

Posto isso, após a publicação de *Poemas* em 1947, é possível expor algumas menções a respeito da lírica cardoziana em histórias das literaturas nacionais. Elaine Cintra (2019), em "Um estudo sobre a presença da lírica de Joaquim Cardozo nas histórias de literatura brasileira", analisa como Joaquim Cardozo foi apresentado nos livros sobre a literatura nacional a partir da primeira obra do poeta pernambucano. Primeiramente, destaca-se *A literatura no Brasil*, coleção dirigida por Afrânio Coutinho, na qual Péricles Eugênio da Silva Ramos ficou responsável pela apresentação do capítulo "O modernismo na poesia". No respectivo capítulo, como o próprio nome já sugere, Joaquim Cardozo é inserido na perspectiva moderna da lírica brasileira, mais especificamente no grupo do Nordeste, apresentando o poeta pernambucano participante de uma fase mais "esteticista" (CINTRA, 2019, p. 71-74), entendimento que se aproxima da consideração de Drummond ao afirmar ser Cardozo um "modernista mais ausente do que participante" (ANDRADE, 1947, p. 8), pois, de acordo com Ramos, a poesia de Cardozo demonstraria resquícios de imagens e enumerações típicas do Modernismo. Considerando as duas páginas e meia dedicadas ao poeta Joaquim Cardozo, é relevante expor os poemas e obras cardozianas apresentadas na historiografia. Em 1968, ano de publicação da 2ª edição de *Literatura no Brasil*, Joaquim Cardozo já havia publicado *Poemas* e *Signo Estrelado* (1960), e, à vista disso, Ramos citou e/ou apresentou dezoito poemas do poeta pernambucano[27], interessantemente, quinze das produções são de

[27] São eles: "Tarde no Recife", "Recife morto", "Olinda", "Cajueiros de setembro", "Chuva de caju", "Imagens do Nordeste", "Poema do homem dormindo", "Mal-assombrado", "Poema em vários sentidos", "Autômatos",

Poemas, número expressivo que reforça a compreensão sobre a representação de tal obra para os estudos acerca de Joaquim Cardozo.

Em seguida, Cintra discute *História da literatura brasileira*, publicado em 1989 por Massaud Moisés, no qual, mais uma vez, os procedimentos estéticos de Joaquim Cardozo são postos em destaque. Considera-se a sua pluralidade como ponto alto de sua lírica, apresentando uma poesia singular que se afasta da predominância regionalista e enfatiza, com efeito, a "consciência de artesão do verso" (MOISÉS, 1995, p. 389). Sobre a multiplicidade expressa no poeta, Cintra destaca que "a visão de uma pluralidade nesta poesia que pode ser tida como a melhor contribuição que a obra de Moisés deu à leitura da lírica cardoziana" (CINTRA, 2019, p. 75). Inclusive, essa pluralidade, acentuada nos estudos, será discutida nas publicações que serão abordadas no próximo capítulo.

Além dos críticos mencionados, destaca-se também *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio, publicada em 1997. Ela apresenta a lírica de Cardozo com um olhar estrangeiro, motivo pelo qual expõe referências internacionais encontradas em sua poesia, por exemplo, aproximações com o poeta alemão Christian Morgenstern (CINTRA, 2019, p. 77-78), evidenciando uma ampla perspectiva lírica que envolve as produções de Joaquim Cardozo. Um poeta que é retratado com um vasto aperfeiçoamento estético. Ademais, Cintra salienta em seu estudo três possíveis fatores que chamaram a atenção da "visitante" Stegagno-Picchio para a poesia cardozianas: primeiro, a publicação de *Poemas*; segundo, a inclusão de Cardozo em *Pequena antologia poética pernambucana*, de João Cabral de Melo Neto; e, por fim, a publicação das seguintes obras do poeta pernambucano, *Prelúdio e elegia de uma despedida* (1952), *Signo estrelado* (1960) e *Um livro aceso e nove canções sombrias* (1981) (CINTRA, 2019, p. 79). Propriamente sobre *Poemas,* Luciana Stegagno-Picchio, diferentemente de outros escritores brasileiros, não só comenta sobre a poesia cardoziana que envolve a região, mas também relaciona os pontos de contato entre Cardozo e outros poetas, como João Cabral de Melo Neto.

O último dos quatro apresentados por Elaine Cintra é *História da literatura brasileira*, de Carlos Nejar, divulgada em 2007. Nesse estudo da literatura nacional, também é mencionado o poeta pernambucano, e Nejar considera as diferentes referências presentes na poesia de Joaquim Cardozo: a lírica amorosa; a sua terra natal; o erudito e o popular; o cálculo matemático, entre outros elementos (CINTRA, 2019, p. 80-82).

"Os anjos da paz", "O Soldado", "Afasta de mim esse teu corpo", "Menina", "Canção", "Prelúdio e Elegia de uma despedida", "A aparição da rosa" e "Arquitetura nascente e permanente".

Com o objetivo de estender o estudo iniciado por Cintra, vale mencionar brevemente a historiografia de Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, publicada em 1970. O crítico apresenta um amplo estudo sobre os diferentes escritores e os seus respectivos enquadramentos, entretanto, acerca de Joaquim Cardozo pouco se comunicou, sendo mencionado apenas em quatro linhas e meia. O poeta é inserido em "Tendências contemporâneas", na seção “Outros poetas”, e sua lírica é abordada junto a distintos escritores como Dante Milano, Emílio Moura, Mário Quintana, Dantas Mota e Guilhermino César. Observando o espaço distribuído entre os poetas, aparentemente, não há discrepância ou predileções entre os nomes citados. Sobre a poesia Joaquim Cardozo, Bosi afirma (BOSI, 2017, p. 496): “lírico forte e denso da sua economia de meios, em uma das raras vozes da nossa poesia capazes de soldar lisamente as fontes regionais (no caso, pernambucanas) e o humano universal”. É possível identificar facilmente a referência utilizada por Bosi, o prefácio de Drummond, no qual são apontadas as duas temáticas mencionadas pelo poeta mineiro.

Ademais, não se pode ignorar outras duas menções que incluem Joaquim Cardozo entre características que se assemelham aos demais escritores. Primeiramente, Alfredo Bosi menciona, além de Cardozo, alguns escritores contemporâneos — como Drummond, Gilberto Freyre, Vinícius de Moraes, Jorge Amado, entre outros —, que “ainda sabem responder às inquietações do leitor jovem e exigente à procura de uma palavra carregada de húmus moderno e, ao mesmo tempo, capaz de transmitir alta informação estética” (BOSI, 2017, p. 412). Essa menção esclarece a equiparação estabelecida entre o poeta do “Recife morto” e outros nomes mais destacados na literatura brasileira, especialmente em relação à posição de intelectualismo dessas personalidades. A segunda menção trata do englobamento de Cardozo junto a outros “poetas que se firmaram depois da fase heroica do Modernismo [...] a busca de uma linguagem essencial, afim às experiências metafísicas e herméticas de certo veio rilkiano da lírica moderna". Entre os escritores que se inserem nessa perspectiva estão Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Dante Milano, Emílio Moura e Alphonsus de Guimaraens Filho (BOSI, 2017, p. 468). Diante do exposto, Alfredo Bosi equipara Joaquim Cardozo junto a nomes relevantes da literatura brasileira, entretanto, mesmo tendo oportunidade de aprofundar-se e expor de forma mais significativa o poeta, o crítico não apresenta uma exposição merecida.

Entre as histórias de literatura mencionadas até o momento, todas incluem Joaquim Cardozo, juntamente com o também poeta Dante Milano, em mesmos grupos de escritores enumerados como pertencentes a uma específica geração. Tal informação torna-se

interessante se observarmos que o primeiro cotejo encontrado entre esses dois poetas se deu em publicações divulgadas em periódicos em 1948-1949. Inclusive, a citada publicação, assinada por Jorge de Lima, está entre os estudos discutidos no próximo capítulo. Com base nesses dados, mesmo não sendo Cardozo e Milano representantes de produções semelhantes, ambos os poetas são inseridos em mesmos grupos e pré-determinações pelos leitores de suas poesias. Além de Jorge de Lima, Alfredo Bosi, em "Outros poetas", e Massaud Moisés, em "Retardatários", aproximam os poetas em seus estudos.

Avaliando o que foi discutido até aqui, interessa comentar sobre pelo menos mais cinco estudos sobre o livro *Poemas*, cada um em uma década, que demonstra como essa obra foi lida em diferentes momentos, além das histórias literárias brasileiras. Em um primeiro momento, a leitura de Antônio Houaiss[28] em 1976, no livro *Drummond mais seis poetas e um problema*; a segunda colaboração, também da década de 1970, trata-se dos estudos assinados por Fernando Py[29], em *Poetas do modernismo* (1972) e *Chão da crítica* (1984); "Cardozo, a equação do lirismo", de Felipe Fortuna, publicado no *Jornal do Brasil* em 1987; na década seguinte, em 1997, Luiz Carlos Monteiro assina "O fôlego poético múltiplo de Joaquim Cardozo" para o *Diário Oficial do Estado de Pernambuco;* por último, a apresentação escrita por Marco Lucchesi[30], que foi republicada na edição da obra completa de Joaquim Cardozo, pela Nova Aguilar, em 2007.

Em "Sobre Joaquim Cardozo", de Antônio Houaiss, o crítico expõe considerações interessantes a respeito de *Poemas*, a começar com a evidente paisagem nordestina que se encontra nas produções cardozianas, voltando à "Província" citada por Drummond (HOUAISS, 1976, p. 201, Grifo meu):

> Nos ***Poemas***, há, de fato — como tributo de uma feição regionalista que vigorou em nossa poesia por volta de 1930 —, uma série de peças que têm como plano evidente a paisagem nordestina, pernambucana. Mas Joaquim Cardozo — que sofreu, naturalmente, a marca de nossa evolução poética e de suas conjunturas — se distingue no tratamento desse tema por lhe dar uma substância altamente evocativa e com larga projeção do seu subjetivismo no objeto poetizado, excluindo, ao mesmo tempo, o pitoresco e o exótico — tão explorado então —, que só aparece episodicamente e em função do seu poder e necessidade evocativas — o que dá a esses já o caráter do pitoresco e exótico, mas o de elementos concretos para uma vivência poética autêntica e definida.

[28] Antônio Houaiss foi um renomado diplomata, crítico literário, filólogo e intelectual carioca. Houaiss ocupou a 17ª cadeira da Academia Brasileira de Letras, escreveu dezenove livros, elaborou duas enciclopédias e foi ministro da Cultura do Brasil no governo de Itamar Franco.

[29] Fernando Antônio Py de Mello e Silva foi um tradutor, crítico literário, poeta e colaborador jornalístico. Ele é conhecido por sua extensa pesquisa a respeito do poeta Carlos Drummond de Andrade.

[30] Marco Américo Lucchesi é um escritor, tradutor, historiador e ensaísta brasileiro. Ele ocupa a cadeira n° 15 na Academia Brasileira de Letras e, atualmente, foi indicado para presidir a Biblioteca Nacional.

Como observado, Houaiss destaca a intensa presença das substâncias evocativas presentes na lírica brasileira por volta de 1930. Essa projeção torna-se comum na época, devido à tendência regionalista estar em evidência, o que acentua a região e a tradição social-cultural e levanta questionamentos sobre o que pode ser considerado evolução. Nesse contexto, certamente, através da questionável evolução das produções poéticas que surgem a partir do século XIX, apresentou-se um descomedimento acerca da feição regionalista que se viu em diferentes poetas. Contudo, como apontado por Antônio Houaiss, Joaquim Cardozo desvia do subjetivismo que iria de encontro com o exótico e o pitoresco e apresenta elementos poéticos que demonstram autenticidade e definição em seus poemas. Ademais, o crítico destaca o afastamento do poeta pernambucano das temáticas e improvisos comumente apresentados em poetas bissextos, tais como temas que envolvem "dor de cotovelo" ou partes "mais imaginárias". Ao contrário, segundo o Houaiss, em Joaquim Cardozo, a poesia revela-se com "uma amplitude de substância e de temática de poeta permanente" (HOUAISS, 1976, p. 189).

Essa afirmação sustenta a ideia de que as contribuições de Drummond estão presentes nos diferentes estudos acerca de Cardozo. Tais apontamentos de Houaiss discutem a problemática referente à temática da "Província" nas produções do poeta pernambucano. Esse tema em destaque é recorrentemente debatido entre os estudiosos, pois compreende-se a importância de desassociar Joaquim Cardozo ao que é considerado pitoresco e folclórico na época. Por isso, é comum encontrar críticas que enfatizam a complexidade dos elementos utilizados por Cardozo para a elaboração de suas produções e justificam o aspecto regional na poesia como uma perspectiva subjetiva do sujeito lírico.

Segundo Houaiss, a poesia de Joaquim Cardozo é vista como uma lírica de quem "participa do drama de viver", com temas que englobam as conjunturas humanas, principalmente a partir do segundo momento da sua poesia (HOUAISS, 1976, p. 194):

> Quando em 1945 Joaquim Cardozo compôs "Os Anjos da paz", inaugurava, continuando a sua poética anterior, o segundo momento de sua poesia — em que, coroando uma lenta e digna evolução, marcada a partir de seus primeiros poemas éditos de 1925, cristaliza uma das suas feições atuais mais típicas — o *cantabile*.

É notório que com o decorrer dos anos, até a publicação de *Poemas,* o trato de Joaquim Cardozo com a sua poesia aponta mudanças, uma vez que nos poemas se reflete a face do mundo e do amadurecimento do poeta. Essa perspectiva influencia suas produções, pois seu estilo acompanha as vivências e o fluxo de vida, conforme também comentado no estudo que descreve as nuances da lírica cardoziana (HOUAISS, 1976, p. 192):

> É natural, assim, que o amor, sobretudo, o amor da mulher, venha e revenha nesse poeta, com suas Marianas, Luzias e tantas inominadas bem-amadas. Mas o amor da amizade também — tal a "Elegia para Benedito Monteiro". E o amor da natureza, das cidades, das ruas, e até — por que não? — das máquinas. Se a feição porque ele trata essa substância — o amor — e os seus temas — da mulher, do homem, da amizade, das ruas, das árvores e do mar e da noite (muito do mar e da noite) — é em geral remembrativa, não há no poeta, entretanto, um sentido passadista ou saudosista. E a aceitação dos ciclos de uma vida, que revê as quadras passadas, a infância, a adolescência, a idade viril, com igual saudade, vale dizer, com igual aceitação de sua condição de homem, e que filtra, na memória, o bom e o belo que sentiu, para temperar o fluxo constante do presente.

Com base nessas informações, pode-se observar que, embora Joaquim Cardozo tenha publicado *Signo Estrelado* (1960), *Trivium* (1952-1970), *Mundos paralelos* (1970) e *Interior da Matéria* (1975), antes do respectivo estudo de Houaiss em 1976, o crítico discute de modo prioritariamente e expansivamente sobre a primeira obra do poeta, *Poemas*; desta forma, compreende-se que o livro é um material essencial para compreender "Sobre Joaquim Cardozo".

Por sua vez, em Fernando Py (1984), o crítico apresenta, na primeira parte de seu texto, a poesia de Joaquim Cardozo de modo detalhado, não só sobre *Poemas*, mas os próximos livros publicados do poeta também são comentados no estudo. Inicialmente, o crítico dialoga com Houaiss ao refutar o "bissextismo" apontado por Bandeira, com o justificado "ineditismo" no início do percurso poético de Joaquim Cardozo. Sob outra perspectiva, propriamente a respeito de *Poemas*, Py destaca a progressão da complexidade lírica do poeta pernambucano em relação aos seus poemas produzidos na década de 20, perspectiva que ressalta a preocupação de Cardozo em tratar a essência dos temas com prudência (PY, 1984, p. 15):

> [...] em todos eles notamos o extremo cuidado de Joaquim Cardozo, o verso trabalhado sem afetação, a estância construindo um conjunto harmonioso, as intenções musicais das palavras empregadas, a forma, afinal, extremamente simples, objetiva, em que o poeta demonstra, de um lado, sua aproximação às técnicas de feitio popular, e de outro, um desligar-se aparente da realidade que o envolve. Mas sua forma simples é enganadora, não esgotando o tema, apenas o propondo mais acessível. Por trás dessa aparência de simplicidade observa-se uma postura mental mais profunda e complexa, entremeada de significados subjacentes, alguns deles francamente alegóricos.

Exposto isso, de acordo com o crítico, além do seu viés universalista, sua noção de rimas, aspecto de versificação e domínio da métrica, a poesia de Joaquim Cardozo diferencia-se pelo tratamento dos seus temas, circunstância que torna os poemas cardozianos únicos. Seja tratando de um "Nordeste convulso, miserável, sedento de evolução social" (PY, 1984, p. 14) ou do amor, que através de Cardozo torna-se "uma atitude de confraternização, de entrega, de integração não exatamente de natureza, circundante, mas de caráter racional,

intelectual, de modo que o espírito e a matéria sejam o mesmo espírito" (PY, 1984, p. 14-15), sua lírica registra-se através de um contato indissociável entre a expressão verbal e o conteúdo (PY, 1984, p. 15): “A expressão verbal se estrutura *dentro* da temática abordada, acompanhando-a, serve-lhe de esteio, enquanto o tema, ditando a estrutura do poema, casa o enfoque particular ao tom universalista, de tal jeito que palavra e estrutura formam um todo indissociável”.

Além dos comentários gerais sobre o estilo cardoziano, é possível constatar, através do estudo de Fernando Py, a importância de *Poemas* para a compreensão da lírica de Joaquim Cardozo. O crítico apresenta uma seção que consta uma antologia comentando dezenove poemas de Cardozo, sendo oito publicados no primeiro livro do poeta, são eles: “As alvarengas”, “Cajueiros de setembro”, “Autômatos”, “Poema do amor sem exagero”, “Os anjos da paz”, “Imagens do Nordeste”, “O relógio” e “O espelho”. Isso significa que aproximadamente 42% (quarenta e dois por cento) dos textos líricos presentes na antologia de Py constam em *Poemas,* o que aponta uma relevância expressiva da obra, uma vez que é possível observar o estilo cardoziano já em sua primeira publicação.

Os desdobramentos dos primeiros leitores de Cardozo também chegaram à década de 80 e 90. Em 1987, o *Jornal do Brasil* publicou o texto “Cardozo, a equação do lirismo", assinado por Felipe Fortuna[31]. Assim como Antônio Houaiss destacou, Fortuna aproveitou o espaço no periódico carioca para qualificar, mais uma vez, o tom regionalista na poesia de Cardozo. Vejamos (FORTUNA, 1987, p. 8):

> Quando o movimento modernista ainda se encontrava no período da opção folclórica, expressando um projeto nacionalista que cindiu a *intelligentsia* em duas vertentes políticas opostas, ele escrevia “As alvarengas” e “Recife de outubro”, em que, apesar de regional, exercitava uma dicção cosmopolita, distanciando-se do provincianismo a que se reduzia, por exemplo, a poesia de Menotti del Picchia. Ao cantar a sua cidade preferida (“Olinda, / Das perspectivas estranhas, / Dos imprevistos horizontes”), Joaquim Cardozo compunha uma ordem geométrica e cerebral com que seus temas passariam a vibrar, tangidos pela luminosidade da paisagem (a “luz redoma” ou a “luz espaço”, tal como a definiu João Cabral). Ainda nessa fase, em que o clandestino engajamento modernista se fazia com o trabalho de depuração e lucidez, ele anunciava os rumos de sua poesia. Num poema de 1936, ele já escrevia: “E espreita as sombras inimigas no corredor deserto / Onde as aranhas sábias construíram estruturas levíssimas”, em que a sucessão de substantivos adjetivados cria uma atmosfera de estranheza sobre o sono. Além disso, com suas metáforas, esse engenheiro calculista organizou um elenco de influências e imagens inéditas em nossa tradição literária.

[31] Luís Felipe Silvério Fortuna é um poeta e ensaísta carioca que regularmente colabora com a imprensa brasileira através de seus textos. Sua atuação na imprensa e sua produção literária refletem seu interesse e dedicação à poesia e ao ensaísmo, contribuindo para enriquecer o cenário literário e intelectual do Brasil.

Como pode ser acompanhado no trecho em destaque, Felipe Fortuna antecipa o comentário a respeito do trabalho técnico de Joaquim Cardozo ao descrever a lírica que aborda conteúdos que envolvem a região do Nordeste. Fortuna relaciona os conhecimentos arquitetônicos e matemáticos do poeta engenheiro presentes em seus poemas. Desta forma, tais comentários enaltecem os aparatos utilizados por Cardozo ao desenvolver um tema que era contrariado na época, pois expõe a inquietação que o sujeito lírico transmite devido às problemáticas sociais e culturais da região, produções que demonstram sagacidade e conhecimentos amplos de Joaquim Cardozo.

Desde Drummond, ao comentar sobre a "Província" em Joaquim Cardozo, pontua-se a necessidade de justificar a presença do conteúdo problemático utilizado pelo poeta, a exemplo, Felipe Fortuna afirma não ser a poesia de Cardozo provinciana como a de outros diferentes poetas. A problemática não está na utilização do conteúdo, mas na forma em que era apresentado, isto é, descrições de uma determinada localidade que demonstravam uma rasa complexidade de conteúdos e da elaboração linguística.

Em outras palavras, a crítica de Fortuna destaca, em *Poemas,* a poesia de Cardozo não apenas pela *substância do conteúdo* que aborda ideias*,* mas, sobretudo, a lírica cardoziana é admirada pela *forma do conteúdo*, isto é, a organização dos significados. Por isso, ao comentar sobre a adjetivação dos substantivos, a ordem geométrica e cerebral, a luminosidade, as metáforas e as imagens nunca antes vistas na tradição literária brasileira, presentes nas produções de Joaquim Cardozo, Felipe Fortuna salienta *Poemas* como uma obra que deve ser observada pela forma como seu conteúdo é apresentado, sendo este o seu maior atributo.

Em 1997, Luiz Carlos Monteiro[32] colabora com a edição comemorativa do centenário de Cardozo, no Suplemento Cultural do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, apresentando o texto "O fôlego poético múltiplo de Joaquim Cardozo". A extensa crítica de Monteiro discute os diferentes livros de Joaquim Cardozo e destaca, pontualmente, poemas como "Canção", "Os anjos da paz", "As alvarengas", entre outros. Em relação a *Poemas*, o ensaísta pernambucano discute sobre a originalidade e a habilidade de Cardozo em surpreender com o comum (MONTEIRO, 1997, p. 25-26, Grifo meu):

> A apresentação de ***Poemas*** coube a Carlos Drummond de Andrade, que soube ver com isenção e equilíbrio o valor inconteste do livro que estava a prefaciar. E, no

[32] Luiz Carlos Monteiro, escritor pernambucano que escreveu mais de duzentos ensaios e artigos para revistas, jornais e *sites* de Pernambuco e do Brasil. Em 2011, tornou-se membro da Academia Pernambucana de Artes e Letras.

> rastro de Drummond, uma série de outros escritores e críticos, em tempos e contextos diferentes[...]
> Decerto que o timbre poético peculiar e original presente em *Poemas,* referenciado por um estilo peculiaríssimo, não seria afetado nem mesmo por certas influências localistas, nacionais e estrangeiras em voga, consumado-se com frequência numa poesia que trazia no seu lastro constitutivo um alto teor de diferenciação. Neste sentido, a apropriação individual de uma marca diferenciada não seria, no caso dele, neutralizada pelo regionalismo nordestino, pela herança nativista de 22, ou, como derivações europeias, por um surrealismo ou um futurismo de segunda [...]
> Os elementos poéticos característicos centrais de *Poemas* residem no feitio singular e na forte prevalência de um lirismo objetivado, quase sempre definido e direto, mesmo ao assumir facetas do amoroso, do religioso e do elegíaco, revelando-se assim como um lirismo que acompanha bastante de perto essa poesia tanto a partir do universo ainda "estreitado" de um poetizar inicial, quanto nas sucessivas fases de elaboração. Mas, embora já se tenha falado muito na magreza numérica da obra de Cardozo, o fato é que ela acrescenta ao número reduzido de poemas uma consistência formal e de conteúdo que vai se ampliando substancialmente no decurso do tempo. Metáforas e significantes iniciais funcionam, desse modo, sobretudo como uma preparação do instrumental e dos materiais expressionais básicos que permitirão o inesperado uso de sua produção futura.

Assim como outros críticos, Monteiro, inicialmente, enfatiza a apresentação de Drummond ao prefaciar *Poemas*; o jornalista pernambucano afirma que o texto drummondiano é isento e equilibrado, características que aguçam a credibilidade das considerações expostas em 1947 e reforçam a seriedade com a qual Drummond atribui valor às produções cardoziana, preconizando as virtudes e a originalidade de Cardozo, mas também indicando atenção às problemáticas que estão presentes em seus poemas.

Segundo Luiz Carlos Monteiro, os poemas cardozianos produzidos nas décadas de 20 e 30 possivelmente apresentam influência do convívio cotidiano de Joaquim Cardozo com diferentes personalidades, poetas, intelectuais e artistas do Recife que discutiam e simpatizava com tendências literárias que estavam em ênfase na época. Mas que, já na década de 40, época em que o livro foi publicado, avaliava-se diferente, principalmente a perspectiva provinciana na poesia nacional (MONTEIRO, 1997, p. 25).

Como já comentado neste capítulo, mais uma vez destaca-se a originalidade e a peculiaridade com que a poesia cardoziana se apresenta, características que são qualificadas pela crítica literária da época. As temáticas presentes nos poemas de Joaquim Cardozo são o que menos influencia em sua valorização, pois, predominantemente, o que de fato é qualificado em *Poemas* é a sua construção poética. Nem mesmo a influência local e estrangeira interferiram na originalidade natural de Joaquim Cardozo. Além disso, o cuidado técnico de Cardozo se destaca, pois pouco se via, na época, um trabalho minucioso que valorizasse as metáforas, os significados, a objetividade complexa, os instrumentos básicos, mas que surpreendem o leitor pela maneira em que são apresentados; e, por último, a intensa

adjetivação que, possivelmente, inspirou Monteiro a criar o título do estudo: "O **fôlego poético múltiplo** de Joaquim Cardozo" (Grifo meu).

A questão foi retomada no século XXI, em 2007, quando a Nova Aguilar republica um estudo de Marco Lucchesi, apresentação que enfatiza a poesia de Joaquim Cardozo. O estudo não se direciona especificamente a *Poemas*, mas contribui para o entendimento do poeta ao descrever o equilíbrio na poesia de Cardozo (LUCCHESI, 2007, p. 131):

> Tarefa das mais difíceis, a de apresentar a obra poética de Joaquim Cardozo, tal a sua riqueza e diversidade, em que se conjugam — num raro equilíbrio de forças — tradição e inovação, ciência e poesia, metafísica e matemática, o aspecto quântico e as fronteiras do Universo. E não obstante essa noosfera, de temas e proposições, deparamo-nos com um lirismo delicado, longe de propostas cientificistas redutoras, ou de presumidas lições, em que a poesia é mero serviço de apoio (didascália). Trata-se de um dos maiores nomes da poesia brasileira do século XX, um atento seguidor de Leonardo da Vinci, usando outros métodos, mas não abandonando, em momento algum, esse olhar plural, essa intuição das coisas, de sua clareza e complexidade, que se resolve dentro de uma rara condensação poética.

O estudo de Marco Lucchesi sobre a poesia de Joaquim Cardozo enfatiza o desvio de Cardozo em relação aos conhecimentos do senso comum, que destacam, em contrapartida, suas percepções sobre as ciências naturais e sua "visão geolírica" que capta o espaço e o seu espírito e o descreve em versos. O crítico aponta os poemas sobre Recife e Olinda, assim como o Nordeste de modo geral, como exemplos que enfatizariam o amplo fundamento de Joaquim Cardozo sobre diferentes ciências.

Ademais, Lucchesi comenta sobre o diálogo da poesia de Joaquim Cardozo com a de um outro poeta pernambucano (2007, p. 133): "Vemos naqueles poemas um fino diálogo com Manuel Bandeira — em lirismo e saudade, na força de sua evocação[33] —, sem deixar de

---

[33] Por falar em evocação e no diálogo entre Cardozo e Bandeira, comento em *O meu canto é de sol* sobre um possível contato entre o poema bandeiriano, "Evocação do Recife", e o poema cardoziano, "Recife morto", (LIMA, 2022, p. 203):

> Observa-se que não pode ser considerada mera coincidência o fato de o título do poema de Cardozo, "Recife morto", repetir a expressão do verso 80 do poema "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira: "**Recife morto**, Recife bom, Recife brasileiro como a casa do meu avô" (BANDEIRA, 1925, p. 123, grifo meu); mas esse dado aciona uma pertinente leitura na qual os dois poemas possam ser associados, e circunscreve Cardozo em um espaço intelectual e artístico que o coloca em contato estreito com alguns direcionamentos de um grupo incisivo em Recife na década de 20.

Com base nas circunstâncias apontadas no estudo, considera-se que Cardozo era um leitor da poesia de Manuel Bandeira, uma vez que era um estudioso atualizado no cenário literário. À vista disso, aponta-se a hipótese de que o Recife "morto, mutilado, grande" de Joaquim Cardozo foi provocado por "Evocação do Recife" de Manuel Bandeira. Dessa forma, apresento no estudo um cotejo entre os respectivos poemas (LIMA, 2022, p. 206-207):

> No que se refere a um rápido, mas necessário cotejo de "Evocação do Recife" e "Recife morto", em uma leitura ampla é possível encontrar algumas semelhanças entre os poemas, pois ambos apresentam referências da mesma cidade, um resgate a tempos passados, uma voz lírica que problematiza o Recife em mudanças que ocorreram em seu processo abrupto de modernização; da mesma forma, ambos os poemas se utilizam de versos livres e desfrutam de uma linguagem coloquial, distanciam-se de métricas e esquemas rítmicos tradicionais, além

reconhecer outras forças". Um contato ocasional que desencadeia outras aproximações. Ainda sobre a evocação, o crítico aponta o contato entre a "Província" e o "Espírito" que se tornam indissociáveis, isto é (2007, p. 133): "Todo o método cardoziano parece adequar-se a esse percurso, que consiste justamente na passagem do específico ao universal, do minucioso ao flexível, do demarcado ao sem fronteiras".

Com base nas informações discutidas no presente capítulo, foi possível descrever e discutir a construção de *Poemas*, desde os aparatos editoriais até os estudos que apreciam a estética da produção. A respeito dos respectivos estudos, a instabilidade temporal presente nos julgamentos dos críticos apontam uma necessidade de suprir a escassez de comentários a respeito da produção. Considerando a relevância da obra, esperava-se um interesse maior dos críticos ao discutir e divulgar suas avaliaçẽs sobre *Poemas*; através disso, supõe-se tal justificativa para a discrepância das publicações dos estudos. Isto posto, as críticas discutidas no presente capítulo auxiliarão para uma compreensão mais ampla sobre as críticas direcionadas a *Poemas*, perspectiva que estimulará uma visão comparatista entre as críticas consideradas acadêmicas e as críticas jornalísticas, divulgadas no *Diário de Pernambuco*.

---

de recorrerem a versos com entonação expressiva através da exclamação que apontam para a adesão à liberdade de forma preconizada pelas poéticas do século XX. Vale ressaltar que o fato de Manuel Bandeira escrever um poema que exprime suas lembranças de criança foi intencional e, como consta, encomendado por Gilberto Freyre.

À vista desse confronto, compreende-se que, mesmo com pontos de encontro entre os poemas, Joaquim Cardozo, ainda jovem, apresenta um ângulo diferentemente visto em relação a Bandeira, o que acentua sua originalidade e personalidade em suas produções líricas. Com base nessas informações, entende-se que, mesmo sendo *Poemas* uma obra publicada há 76 (setenta e seis) anos, ainda é possível encontrar questões e problemáticas que não foram completamente discutidas, o que ressalta a importância de aprofundar-se nas obras de Cardozo.

CAPÍTULO III:
QUATRO ESTUDOS SOBRE *POEMAS* (1947)

Neste capítulo, discutiremos as resenhas e ensaios publicados no *Diário de Pernambuco* acerca do livro *Poemas*, de Joaquim Cardozo, lançado em 1947. Nessa parte do trabalho, verificaremos com mais afinco os primeiros estudos sobre esse livro, notadamente nos anos seguintes à sua publicação, que ressoaram no *Diário de Pernambuco* e foram fundamentais para a apresentação da obra ao público pernambucano. Como exposto até o momento, os textos apresentados serão discutidos cronologicamente, com o objetivo de compreender a participação da imprensa no decorrer das publicações de Joaquim Cardozo.

Na década de 1940, destacaram-se quatro estudos que se direcionaram para a poesia cardoziana, publicados no *Diário de Pernambuco,* e que são considerados relevantes para a pesquisa a respeito de seus poemas publicados até esse então. Desta forma, sequencialmente, serão apresentadas e discutidas as publicações divulgadas na década de 40, que foram assinadas por: Paulo Mendes Campos[34] (1948), Mauro Mota[35] (1948), Olívio Montenegro[36] (1948) e Jorge de Lima (1949), todas escritas sob o impacto do livro *Poemas* (1947).

De modo geral, é interessante destacar que, além das ocorrências que apontam o nome de Joaquim Cardozo na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil, na década de 40, também se buscou analisar as ocorrências apontadas com os nomes dos quatro escritores em evidência. Tal pesquisa se faz importante para observar qual a proporção de relevância desses nomes na imprensa da época. Por isso, na tabela 2, são pontuadas, primeiramente, as ocorrências totalizantes presentes em periódicos nacionais na respectiva década; em seguida, a tabela apresenta as ocorrências no jornal pernambucano, *Diário de Pernambuco*; a organização realizada na tabela buscou apresentar os escritores na ordem cronológica em que as publicações serão apresentadas e discutidas no estudo. Vejamos:

---

[34] Paulo Mendes Campos nasceu no Estado de Minas Gerais e foi um renomado poeta, escritor e jornalista brasileiro. No ano em que publicou a crítica direcionada à poesia de Joaquim Cardozo, ele era colaborador do *Correio da Manhã* e do *O Jornal*, ambos periódicos cariocas.

[35] Mauro Ramos da Mota e Albuquerque foi um jornalista, poeta e ocupou o cargo de redator-chefe e diretor do *Diário de Pernambuco.* Além disso, ele colaborou com o *Correio da Manhã,* o *Jornal de Letras* e o *Diário de Notícias*. Mauro Mota foi eleito presidente da Academia Pernambucana de Letras em 1957 e participou da indicação de Joaquim Cardozo à Academia.

[36] Olívio Bezerra Montenegro, por sua vez, foi um jornalista, escritor, advogado e professor paraibano. Ele colaborou com os periódicos *Diário de Pernambuco* e *Correio da Manhã,* além de ter sido secretário do jornal comandado por Gilberto Freyre, *A Província.* Ademais, Olívio Montenegro era amigo próximo de José Lins do Rego, poeta com quem trocou cartas que posteriormente foram publicadas no Projeto Ateliê de José Lins.

Tabela 2 - Ocorrências dos escritores na Hemeroteca.

Escritor	N° de ocorrências na imprensa nacional	N° de ocorrências no *Diário de Pernambuco*
Paulo Mendes Campos	407 ocorrências	41 ocorrências
Mauro Mota	691 ocorrências	325 ocorrências
Olívio Montenegro	788 ocorrências	403 ocorrências
Jorge de Lima	6.881 ocorrências	180 ocorrências

Fonte: A Autora (2023).

Com base nos dados apresentados na tabela 2, o nome de "Jorge de Lima" é apontado com um número de ocorrências bastante expressivo no cenário nacional, pois, em comparação com "Mauro Mota", "Olívio Montenegro" e em "Paulo Mendes Campos", exibe-se uma maior quantidade de referências significativas. Isso justifica o número destoante, uma vez que o escritor Jorge de Lima é frequentemente citado como referência literária em diferentes estudos divulgados em periódicos e revistas, assim como sua atuação como médico e na divulgação de sua clínica em seções publicitárias. Sendo assim, mesmo os demais escritores estando recorrentemente na imprensa assinando publicações, a propagação acerca do escritor Jorge de Lima demonstra-se superior em relação aos outros escritores discutidos aqui. Entre as publicações divulgadas especificamente no *Diário de Pernambuco*, o nome de Montenegro é o mais recorrente entre os quatro, e o menos recorrente seria Campos, com a simples justificativa de ser sua presença mais evidente na região Sudeste. Além das análises realizadas acerca dos estudos sobre *Poemas,* tais questões e possíveis explicações para esses dados são discutidos no presente capítulo. Nele são apontadas também a participação desses escritores na imprensa e no âmbito literário, a linguagem utilizada, seu viés crítico, sua presença e posição nas historiografias de literatura brasileira, além das possíveis referências utilizadas pelos escritores para a análise de *Poemas*.

"Um poeta de bom-gosto", Paulo Mendes Campos

Com base na análise feita no acervo do *Diário de Pernambuco*, pode-se constatar que a primeira crítica literária, bem como aparato publicitário para a divulgação da obra, comunicada alguns meses após a publicação de *Poemas* (1947), foi apresentada aos leitores do *Diário* em 21 de março de 1948, assinada por Paulo Mendes Campos e intitulada "Um poeta de bom-gosto". Sobre o estudo, é interessante mencionar que o texto foi publicado primeiramente na imprensa carioca, no dia 14 de março de 1948, em *O Jornal*.

Especificamente na década de 40, tal circunstância era habitual em se tratando das publicações assinadas por Campos, pois, sete dias após a publicação em *O Jornal*, as matérias acerca da literatura em geral eram republicadas no *Diário de Pernambuco*. Desta forma, pode-se afirmar que a publicação referente à lírica de Joaquim Cardozo não é um caso isolado de republicação de Paulo Mendes Campos no periódico pernambucano. Além disso, vale ressaltar que o respectivo jornal fazia parte da mesma associação que o *Diário*, os "D.A.".

Sobre Paulo Mendes Campos no âmbito literário, o escritor adquiriu visibilidade ao fazer parte do grupo de escritores mineiros da década de 40. Na época, a sua intensa presença nesses periódicos justificaria-se, primeiramente, pela sua influência como parte do grupo literário que estava se destacando. Os jovens eram comentados por personalidades relevantes como Vinícius de Moraes e Mário de Andrade; essa afirmação que pode ser constatada em uma publicação de *Leitura* (RJ), em março de 1945, na matéria "*Do not say good-bye",* na qual Moraes comenta com Manuel Bandeira sobre a morte e as lembranças que tem com o amigo Mário de Andrade, poeta que faleceu em fevereiro do mesmo ano (MORAES, 1945, p. 17, Grifo meu): "[...] Falamos também dos rapazes de Minas, pessoal a que ele quer muitíssimo, bem certo o grupo ultimamente mais dentro da sua afeição. Discutimos Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, **Paulo Mendes Campos** e Otto Lara Rezende, ambos com a maior ternura". Sobre a participação de Campos no grupo mineiro, o chamado "quarteto literário" destacou-se por explorarem as virtualidades da língua e da imaginação em suas diferentes obras.

O comentário colabora com o entendimento do surgimento de Campos no cenário literário, destacando-se no grupo mineiro e encaminhando a sua trajetória para um aparecimento mais individual. Em 1948, ano em que a sua publicação a respeito da lírica cardoziana foi divulgada, Campos contribuiu com a literatura junto a outros nomes do âmbito artístico, atuando, por exemplo, na revista *Ipase* (*SOMBRA,* 1948, p. 85, Grifo meu):

> Com efeito, vem colaborando em suas páginas, assinando trabalhos de natureza diversa, alguns dos melhores escritores do país, como José Lins do Rego, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Luís Jardim, **Paulo Mendes Campos**, Lúcio Cardoso e muitos outros.

Ainda em 1948, Campos também foi um dos escritores — ao lado de nomes como Anísio Teixeira, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre[37], Lúcia Miguel Pereira,

[37] Em 1953, Gilberto Freyre, por meio do *Diário de Natal* (RN), justificou alguns de seus comentários referentes a artistas mineiros que foram mal recebidos pela gente da região. Para elucidar sua posição e demonstrar sua admiração por personalidades mineiras, publicou "A respeito de mineiros", destacando nomes de artistas que ele apreciava, incluindo Paulo Mendes Campos (FREYRE, 1953, p. 5, Grifo meu):

Manuel Bandeira, Murilo Mendes — que indicou nomes de autores brasileiros cujas obras possuíam uma força humana significativa para serem publicadas pela UNESCO no levantamento das 100 obras-primas universais (*O CRUZEIRO*, 1948, P. 40). Essas participações e colaborações de Paulo Mendes Campos no cenário literário na respectiva década acentuam o espaço ocupado pelo escritor mineiro ao lado de outras personalidades também relevantes para a literatura e a imprensa brasileira.

Ao longo das décadas, Paulo Mendes Campos aparece em diversas antologias e historiografias literárias brasileiras. Por exemplo, na *Antologia da nova poesia brasileira* (1965), organizada por Fernando Ferreira de Loanda, há quatro poemas do escritor mineiro[38] (LOANDA, 1965). Já em *Antologia poética da geração de 45*, organizada por Milton de Godoy Campos, o crítico inclui um poema[39] de Paulo Mendes Campos e faz uma breve apresentação do escritor, na qual destaca a visão sobre sua atuação na época (CAMPOS, 1966, p. 150):

> Não há dúvida de que se trata de um intelectual, como já testemunhou Edgard Cavalheiro, "inteiramente dedicado aos fenômenos da criação poética que, pouco entre nós, têm compreendido e exposto com tanta clareza e dos melhores entre os elementos da jovem geração" [...] Em 1945, passou a residir no Rio de Janeiro, onde iniciou brilhante carreira no jornalismo, sendo hoje um dos cronistas mais lidos da imprensa brasileira.

Como pode ser constatado, Paulo Mendes Campos era uma personalidade reconhecida por seu intelectualismo e sua colaboração na divulgação do cenário literário na imprensa. Por esse motivo, o escritor mineiro também esteve presente na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi e está incluído em antologias como *Antologia da poesia brasileira contemporânea*, de Carlos Nejar, e *Antologia de poetas brasileiros*, de Manuel Bandeira e Walmir Ayala. Outro destaque é a inclusão de Paulo Mendes Campos na *Antologia de poetas brasileiros bissextos*, de Manuel Bandeira e publicada em 1946; tal inclusão será discutida mais detalhadamente mais adiante no trabalho. Além disso, é relevante mencionar a presença do escritor na antologia *Presença poética do Recife,* organizada por Edilberto Coutinho, que tem como objetivo apresentar a capital pernambucana por meio de diferentes produções

---

> [...] Se eu fosse levantar uma estatística das minhas atuais admirações e até entusiasmos por valores, também atuais, do Brasil, insiste em que se salientariam minhas simpatias, minhas admirações e meus entusiasmos por gente mineira. Por um poeta como Carlos Drummond, por exemplo. Por outro muito arredio, mas também profundo, chamado Emilio Moura. Por um romancista como Cornélio Pena. Por um contista como Rodrigo M. F. de Andrade e um ensaísta como Afonso Arinos Segundo. Por um sociólogo como Fernando de Azevedo. Por Murilo Mendes, Lúcio Cardoso, **Paulo Mendes Campos**, Afonso Pena Júnior [...].

[38] Poemas apresentados: "Os lados", "O poeta do bar", "A prostituta" e "Moscou-Varsóvia".
[39] O poema divulgado intitula-se "Sonho de uma infância".

líricas. Embora a maioria dos poetas apresentados na antologia tenham nascido ou vivido por muito tempo na região do Nordeste, Paulo Mendes Campos e outros seis poetas, como Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, Stella Leonardos e Olga Savary, não se enquadram nessa padronização. O poema "Testamento do Brasil", de Campos, é incluído na antologia, possivelmente, pela mesma razão que os outros "turistas" apresentados. Coutinho considerou interessante mostrar a visão externa daqueles que não são da terra, destacando que a presença poética do Recife também é composta por poetas de outras regiões do Brasil. Entretanto, Edilberto Coutinho concorda com Gilberto Freyre e Carlos Moreira ao afirmar que um visitante pode levar algum tempo para descobrir os encantos do Recife, diferentemente do que ocorre em outras regiões (COUTINHO, 1983, p. XXLI-XXLII).

Em se tratando do cenário jornalístico inserido, Paulo Mendes Campos, considerado um repórter comunista[40], atuava oficialmente nos periódicos cariocas *Correio da Manhã* e *O Jornal,* publicando conteúdos literários e políticos. Sobre os seus textos publicados acerca da literatura, Campos comentava sobre escritores internacionais como Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Fernando Pessoa, Jean-Paul Sartre, Victor Hugo e Charles Baudelaire, e nacionais como Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Emílio Moura, Mário de Andrade, João de Deus, Dante Milano e Joaquim Cardozo. De modo geral, as publicações de Campos são explicitamente subjetivas; o escritor se entusiasmava mais ao comentar sobre os conhecimentos acerca da poesia do que propriamente sobre os poetas, perspectiva apontada pelo próprio mineiro em um de seus textos publicados, “A propósito de um artigo”, no *Diário* (CAMPOS, 1948, p. 1):

> Já me fizeram ver que estou sempre voltando nesta seção a certos poetas, repetindo-os e repetindo-me. Sem pretender desculpar-me de falhas, digo, entretanto, que a preferência por certas figuras explica-se pela convicção de que esses nomes vêm a ser um bom ponto de partida para o debate da poesia. Não são eles meus pretextos, porque afinal me anima muito mais o conhecimento da poesia do que a discussão dos poetas.

Sua linguagem era simples, mas, em diferentes momentos, discutia sobre conteúdos e referências literárias que escapariam do conhecimento de um leitor casual de periódicos, o que restringiria seus estudos a um grupo mais selecionado de leitores. Analisando suas diferentes críticas, é possível apontar que o escritor valoriza com mais ênfase a nuance

[40] Em 1956, o periódico *A Ordem*, do Rio de Janeiro, publica a matéria “As tarefas atuais do P.C.B.”, com o objetivo de discutir os problemas da situação política da época, incluindo questões relacionadas à atuação da imprensa e dos jornalistas diante do governo. Nesse contexto, o jornal *A Ordem* fez referência à campanha de intrigas que envolvia o "poeta e repórter comunista Paulo Mendes Campos" (*A ORDEM,* 1956, p. 435).

estética das produções literárias, criticando a repetição derivada da moda entre os poetas, uma vez que admira a singularidade, individualidade e a originalidade literária.

No espaço na imprensa, além dos jornais citados, Campos era anunciado e republicado em periódicos brasileiros diversos — *Diário de Pernambuco* (PE), *Diário da Manhã* (PE), *Jornal do Commercio* (MA)*, O Cruzeiro* (RJ)*, Letras e Artes* (RJ), *Diário de Natal* (RN)*, Leitura* (RJ)*, Jornal de Notícias* (SP), *Sombra* (RJ), entre outros —. Mais especificamente acerca do *Diário de Pernambuco* na década de 40, como comentado anteriormente, aparecerem 41 (quarenta e uma) ocorrências com o nome de Paulo Mendes Campos, 21 (vinte e uma) dessas ocorrências tratam-se de leituras críticas literárias do escritor, e o maior número de ocorrências verifica-se no ano de 1948, momento em que mais atuou diretamente nos periódicos cariocas, exercício que o afastou do grupo literário mineiro e o tornou, na época, um escritor de periódicos solitário, como é comentado na última ocorrência da década que aponta o seu nome no *Diário* (DAVI, 1949, p. 8):

> Paulo Mendes Campos, outro moço da falada geração, deve também ter sido um entusiasmado, presa daquele interesse fácil, contagiante, que os acontecimentos na Europa originaram aqui porque todos se sentiam "embarqués"... Interesse sincero uns, fabricado noutros, onde estão começa o capítulo das conveniências. Mas Paulo Mendes Campos se tornou depois o solitário do "Jornal de Poesia".

A adjetivação atribuída a Campos, "solitário do 'Jornal de Poesia'", justificaria-se em decorrência de sua participação inicial como atuante no grupo mineiro, mas que, posteriormente, o escritor dedicou-se com mais predileção ao seu trabalho na crônica e na imprensa, tendo em vista que, ainda nos anos 40, Paulo Mendes Campos não havia publicado nenhum livro, porém, já se demonstrava uma personalidade relevante nas páginas dos periódicos através dos seus estudos publicados na seção "Jornal de Poesia".

Foi justamente através dessa seção que a matéria, que ocupou duas páginas do *Diário de Pernambuco,* iniciou-se com a justificativa de não comentar produções de novos poetas. De fato, como comentado anteriormente, Campos dedicava seus estudos a comentar sobre escritores canônicos; entretanto, a poesia de Joaquim Cardozo apresentaria singularidades que mereceriam ser expostas na seção. Ao final da crítica, Paulo Mendes Campos expõe o poema "Canção" na íntegra. Vejamos a crítica (CAMPOS, 1948, p. 1-2):

Figura 10 - “Um poeta de bom-gosto”, Paulo Mendes Campos, 1948.

JORNAL DE POESIA

Um Poeta de Bom-Gosto

Paulo Mendes CAMPOS

Costumamos receber muitos livros de poetas novos. Se raramente nós os comentamos nesta secção é que a poesia moça, com suas incertezas e tentativas, pode ser melhor criticada impessoalmente, em seus aspectos principais, poupando-nos o trabalho estéril de esmiuçar todas as qualidades e defeitos dos poetas que aparecem agora. Admiramos com entusiasmo o talento de muitos novos autores, assim como lamentamos sinceramente uma esquisita tendencia para a "chantage" poética da nova geração. Entretanto, preferimos empregar todo nosso esforço em extrair dos acontecimentos poéticos do dia uma lição mais ampla, pelo menos até que se concretizem as aspirações individuais e, se fôr possivel, coletivas.

Hoje, porem, estamos aqui para tratar do primeiro livro de um poeta cujas produções medeiam no espaço de 1925 a 1947. Joaquim Cardoso. Incluido há pouco tempo por Manuel Bandeira em uma antologia de "bissextos" brasileiros, reuniu agora quarenta e três poemas em um volume. Essa primeira informação nos esclarece a respeito de uma virtude que distingue Joaquim Cardoso entre nós, e que assinala igualmente, em profundidade, uma das constantes fundamentais desse poeta: o espirito de seleção.

Muitos poderiam dizer que é uma pena, dada a qualidade poética desse livro, não ter Joaquim Cardoso se engajado definitivamente na poesia, desde suas primeiras criações em verso, o que nos teria proporcionado um poeta mais numeroso. Não me inclino a esse pensamento. Sem duvida, os poemas de Joaquim Cardoso atestam que, produzindo muito ou produzindo pouco, o poeta conseguiria sempre manter a excepcional boa qualidade de seus versos. Porem, ainda que não o afirmemos categoricamente, a produção escassa de Joaquim Cardoso se explica pela propria natureza mental desse poeta, não sendo necessario conhecê-lo pessoalmente (como é o meu caso) para surpreender a tendencia seletiva de seu espirito, o habito da critica. Em literatura, desse espirito de lucidez decorre o bom-gosto. Tornando consequente essa afirmação, apreendemos tudo que há-de mais caracteristico nos poemas de Joaquim Cardoso: a elegancia no exprimir o anti-romantismo, a sensibilidade contrapontuada pela reflexão, a preocupação minuciosa das palavras e das idéias.

Não temos muitos poetas como Joaquim Cardoso. Nossa natureza e formação, mais confusamente angustiada do que de fato sensivel, tem nos proporcionado uma poesia que, e mgeral, permanece mergulhada nas manifestações mais espontaneas da emotividade, o amor, a solidão, a morte. Em Joaquim Cardoso, a sensibilidade se desdobra, procurando em outras solicitações menos eloquentes a satisfação lirica. Como assinalou Carlos Drummond de Andrade, em um prefacio muito bom, os temas desse poeta são a Provincia e o Espirito. Basta-nos isso para situá-lo com palavras especiais, acrescentando-se apenas que "POEMAS" (Editora Agir) de Joaquim Cardoso não nos transmite só o conhecimento de um espirito curioso e raro entre nossos literatos: revela-nos

(Continua na 2ª pagina)

UM POETA DE BOM GOSTO

(Continuação da 1ª pagina)

um poeta de invulgar equilibrio, um poeta que se comportou de maneira simpática e serena ao meio das contrafações e irresponsabilidades que frequentam a poesia moderna.

SIDNEY KEYES

Sidney Arthur Kilworth Keyes nasceu na Inglaterra em 1922, e, incorporado ao exercito em 1942, foi morto em Tunis aos vinte anos de idade. Poeta de excepcional talento, Sidney Keyes, em sua curta vida, deixou alguns poemas que bastaram a um critico para apontá-lo como o poeta da ultima guerra, na Grã-Bretanha, assim como Wilfred Owen e Siegfried Sassoon foram os poetas mais destacados e representativos de sua geração, durante a guerra de 1914. Dele é o poema que traduzimos: "Uma Morte Prescrita".

Este é o dia em que a sua morte será recordada
Por todos que choram:
Este é o dia em que sua dôr será recordada
Por todos que sofrem.
Os ventos que correm nos vales criados pelo gelo
Trazem o aroma da primavera e chuva que restabelece.
Entretanto, as mãos que curam permanecem enlaçadas como passaros mortos.

Sua quietude é consolo para nós que o vimos.
Mas, que consolo posso achar para sua mãe?
Ela que de cedo forjou gloria e plantou
A delicada arvore de nervos cujo folhagem
Respondeu livremente ao vento amante?
Sua dôr caminha através de um país devastado
Cujas arvores com garras de espinhos selvagens, sustêm
O pálido corpo de seu filho, fustigado sobre espinhos.

CANÇÃO

JOAQUIM CARDOSO

Venho para uma estação de águas nos teus olhos.
Ouves? E' o rumor da noite que vem do mar.
Meu amor.

Perto de mim o teu corpo cheirando a flor de cajueiro,
Que saudades do sol. Do mar de sol.
Do nosso mar de jangadas.

Escuta:
A noite que vem cantando
Vem do mar.

Para que eu voltasse tu me prometeste novas carícias
No entanto o que me dás agora é ainda o mesmo amor
De antigamente.
E depois estás mais velha.
Os teus olhos bruxolearam.
Os teus lábios se apagaram.

Eu vou partir.
As barcaças vão passando junto ao cais.
Eu vou partir, viajar.
Itapissuma, Goiana, Itamaracá.

Olha o verão que vem!
Viva o verão que vai chegar.
Viva a paisagem rósea dos cajueiros que vão florir!
Eu vou partir, viajar.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1948, p. 1-2).

Inicialmente, é interessante comentar sobre a escolha do título, “Um poeta de bom-gosto”, no qual vale ressaltar que no “Jornal da poesia” Campos dificilmente apresentava

o nome do poeta/escritor a qual iria discutir no título de suas publicações. Em sua grande maioria, utilizava o espaço de maior visibilidade expondo uma qualidade ou apontamento que marcaria o estudo e a personalidade apresentada. Conhecendo a predileção do escritor em discutir o processo de construção literária, possivelmente seria uma maneira de enaltecer mais o desempenho na produção dos poetas/escritores do que a exaltação de um nome. Isto posto, o mesmo fez com Joaquim Cardozo, apresentou-o à imprensa brasileira como um poeta de "bom-gosto", mas o que seria esse "bom-gosto" para o escritor mineiro? Sua resposta estaria em uma publicação divulgada anteriormente à respectiva crítica, publicada no *O Jornal*, assim como no *Diário de Pernambuco*. Sobre o "bom-gosto", o crítico comenta em "De um caderno" (CAMPOS, 1948, p. 3):

> O bom-gosto é uma limitação anti-dionisíaca por excelência. A pessoa que "come bem" desconhece o prazer da voracidade, assim como o entendido em música não pode experimentar a doce languidez de canções banais. Um senhor de minhas relações leva seu próprio bom-gosto a quase todos os terrenos — é um apolíneo. Come bem, bebe bem, veste-se bem, conversa bem, ornou sua casa do que há de melhor em decoração, dotou sua discoteca exclusivamente de peças irrepreensivelmente belas.

Comentando sobre o "bom-gosto", Campos adentra na referência dionisíaca e apolínea discutida por Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*, na qual o filósofo alemão contrapõe os dois deuses da arte, isto é, a perspectiva apolínea mostraria-se equilibrada, representada pelo sonho e onde "todas as formas nos falam, não há nada que seja indiferente ou inútil" (NIETZSCHE, 1992, p. 28). Interpretando tal referência, o apolíneo estaria em movimento inverso ao romantismo, pois acentua a forma, a racionalidade, o fundamento teórico, o afastamento do que poderia ser visto como improviso e/ou unicamente espontâneo. Por outro lado, a perspectiva dionisíaca definiria-se através do impulso, da embriaguez, do sentimentalismo acentuado, ou seja, diferentemente da apolínea, a noção dionisíaca estaria mais próxima do estilo romântico. Por isso, ao afirmar ser o "bom-gosto" uma "limitação anti-dionisíaca por excelência", Campos estaria assegurando ser essa erudição mais próxima do raciocínio, do estudo, mas mais afastada do emocional e do romantismo. Desta forma, compreende-se a adjetivação de Campos como um apontamento ao trabalho de Cardozo em sua construção poética e o seu "hábito da crítica" que perpassa o "bom gosto", tornando-o um "antirromantico". A partir de tal afirmação, mais à frente, serão discutidas três características que estão presentes na lírica cardoziana e que podem ser apontadas como resultados de elementos do "poeta de bom-gosto", segundo Campos.

Apoiado nesta referência utilizada por Paulo Mendes Campos, entende-se a postura crítica desse autor, na qual demonstra afeição pelos estudos críticos norte-americanos.

Segundo Wilson Martins, em *A crítica literária no Brasil*, o ensino de literatura nas escolas, que comumente era baseado nos franceses, começou a descobrir as letras a partir dos críticos norte-americanos (MARTINS, 1983, p. 598-599), visto que em 1914, quando a crítica formalista criou uma perspectiva que se opusesse à leitura impressionista e passou a focar nas questões textuais. A perspectiva formalista considera a singularização artística, mas pressupõe que a consciência linguística na literatura se aprimora através da palavra, isto é, a literatura é o produto do procedimento e da matéria — da sua formação sintática, semântica e fonológica. Em função disso, os críticos formalistas se debruçam em discussões sobre o conteúdo e a forma, nas quais o interesse desta corrente crítica, primordialmente, investiga a literariedade das produções analisadas, dispensando influências externas à obra.

Especificamente sobre a "geração de 45", Wilson Martins discute sobre as atividades críticas desenvolvidas na época, comentário que corrobora com a posição do formalismo na crítica literária no Brasil e que auxiliaria na compreensão da crítica desenvolvida por Paulo Mendes Campos na década de 40 (MARTINS, 1983, p. 599):

> [...] os críticos da "geração de 45" eram, simultaneamente, alguns "homens de 22", como Alceu Amoroso Lima e Sérgio Milliet, e os que já pertenciam à camada geológica posterior, como Álvaro Lins e Antônio Candido. Mas, como se definiria, em perspectivas críticas, a "geração de 45"? Foi, antes de mais nada, um retorno ao esteticismo e à retórica, no que se mostrava consanguínea com as novas concepções críticas (e vice-versa), marcando, com clareza e decisão, o primeiro passo em direção ao formalismo. Sua posição era deliberadamente antimodernista e assim foi tomada em seu período de esplendor, ainda que se registrem, nos últimos anos, dois esforços complementares de reconstrução histórica: um, para conciliá-la, em vez de opô-la, ao Modernismo; outro para criar-lhe, retrospectivamente, uma doutrina coerente, tentativas, desnecessário acentuar, inconciliáveis e contraditórias entre si.

Como se pode perceber, na respectiva época, os estudos críticos tinham como influência o apreço pela forma, pelo processo literário intelectualizado. Por isso, dentro dos nomes comentados por Paulo Mendes Campos na seção "Jornal de Poesia", o escritor mineiro privilegia os poetas cujos conhecimentos dialogam-se com o "antirromantismo", a racionalidade, o processo poético como artesão, no qual todo o procedimento é refletido.

Na sequência, Campos fez uma breve menção sobre a inclusão de Cardozo na *Antologia de poetas brasileiros bissextos*, de Manuel Bandeira: "Joaquim Cardozo, incluído há pouco tempo por Manuel Bandeira em uma antologia de 'bissextos' brasileiros, reuniu agora quarenta e sete poemas em um volume". Além de Cardozo, o próprio Paulo Mendes Campos foi inserido na *Antologia* de Bandeira, presença não comentada no respectivo texto, mas, em artigo publicado no *Diário Carioca*, "Os bissextos",[3] em outubro de 1946, Campos

comenta, imodestamente, a sua inclusão e o que significaria aos respectivos poetas tal classificação diante do cenário literário nacional da época (CAMPOS, 1946, p. 2):

> O fato de meu nome estar incluído na antologia de poetas bissextos que Manuel Bandeira organizou, publicada agora, não me acabrunha a liberdade de comentá-la. Pelo contrário, me sinto muito à vontade e descompromissado de modéstias: a fração de minha responsabilidade na autoria do livro é mínima [...]
> [...] Pode-se afirmar desta maneira que os poemas sentimentais dos bissextos, não sendo uma necessidade orgânica de expressão através da linguagem, não passam de autoterapêutica. Isto distingue o bissexto dos poetas em que a poesia é uma solicitação constante, os contumazes… Porque o antônimo de bissexto, esclareceu ainda Pedro Dantas, é costumaz, indivíduo que, por sofrer talvez a "dor de Menelau" da infância à velhice, e de um modo amplo, indeterminado e incurável, apega-se aos versos como o ébrio à garrafa de aguardente [...]

E finaliza a resenha com considerações que definem não só a sua lírica como de qualidade, mas a de todos os bissextos incluídos na antologia (CAMPOS, 1946, p. 2):

> Manuel Bandeira, assim, não apenas organizou uma antologia de natureza inédita, mas vem contribuindo muito para o conhecimento da essência poética, porque entre um bissexto e um contumaz estão os segredos da poesia. Além disso, ressalvando as competentes exceções da modéstia, os poemas dos bissextos costumam pecar pela excelência de sua qualidade.

Curiosamente, em 1964, ano considerado bissexto, Manuel Bandeira publica a segunda edição da *Antologia de poetas brasileiros bissextos*, entretanto, Joaquim Cardozo e Paulo Mendes Campos não se encontram na respectiva edição, circunstância que apontaria a transferência de categoria de ambos poetas, deixando de ser bissextos e tornando-se "costumaz". A reconsideração dos poetas para a categoria justifica-se pelo fato de, após a publicação da primeira edição da *Antologia*, os escritores publicaram com mais recorrência. No caso de Joaquim Cardozo, o poeta já havia publicado *Poemas* em 1947 e *Signo Estrelado* em 1960; por outro lado, Paulo Mendes Campos publicou o seu primeiro livro, *A palavra escrita*, em 1951, através da Editora Hipocampo, e *O Domingo Azul do Mar*, em 1958. Mas também, Manuel Bandeira utilizou seu espaço na *Antologia* para dar visibilidade aos poetas inexplorados no cenário literário nacional, ação realizada com êxito, pois resultou na remoção de alguns nomes em sua segunda edição.

Com base nessas informações, pode-se observar que, em 1948, ano de publicação de "Um poeta de bom-gosto", Campos não havia publicado nenhum livro, circunstância que apontaria um estudo assinado por um escritor que estava se dedicando ao jornalismo. Apesar disso, o seu trabalho na imprensa, assim como no grupo mineiro, demonstraria os seus conhecimentos literários que se reafirmam através da classificação de "bissexto".

Sobre a posição que Cardozo ocupava na imprensa nacional, pode-se constatar que poucos foram os poetas que tiveram a oportunidade de ter a sua primeira obra discutida em evidência por nomes importantes da literatura e do jornalismo da época. Campos justifica tal circunstância a partir da maturidade poética apresentada por Cardozo, que se refletiu na tranquilidade e na seletividade dos poemas publicados, focando na qualidade e não na quantidade. Para esse autor, Joaquim Cardozo não se preocupou em demonstrar que produziu muitos poemas durantes os anos de 1925 a 1947, o poeta publicou em *Poemas* apenas o que acreditava ser bom o suficiente para ser publicado, fugindo do comum interesse imediato em expor as suas produções, comportamento que seria habitual entre os novos poetas modernos. À vista disso, opondo-se a tal costume, Joaquim Cardozo transparece o chamado "espírito de seleção", segundo Campos. Como comentado neste capítulo anteriormente, o escritor constantemente desaprovava novos poetas que se detinham a modas e repetições sem demonstrar personalidade, o que justifica a insistência de Campos em comentar sobre determinadas referências repetidamente, como Mallarmé, Valéry, Bandeira, Bilac, entre outros. A partir da sua rigorosa seleção de poetas e escritores que julgava apresentar qualidade estética, Campos demonstraria que a poesia de Joaquim Cardozo era notável entre as novidades que surgiam. Seu discurso de simpatia reflete seu envolvimento com a prática literária, porque apresenta reflexões sensoriais a respeito da compreensão estética nas quais seriam mais bem detalhadas se apresentadas em outro canal, visto que o limite do jornal impossibilita uma análise mais sistemática dos versos. Essa circunstância também permeia as próximas críticas que serão discutidas.

Campos comumente salienta características particulares de cada escritor que analisa; por exemplo, aponta a sensibilidade psicológica em Manuel Bandeira, o humor particular de Mário de Andrade e, não diferentemente, destaca três características presentes na poesia de Joaquim Cardozo que o ressaltam como o "poeta de bom-gosto" (CAMPOS, 1948, p. 1): "a elegância no exprimir o 'antirromantismo', a sensibilidade contrapontuada pela reflexão, a preocupação minuciosa das palavras e das ideias". Através destas características, podemos constatar que Campos não encaixa Cardozo em nenhum estilo literário específico, mas afirma que ele é um antirromântico que se opõe ao movimento sem apresentar divergências explícitas. Tal oposição está expressa nas não-características apresentadas em sua poesia, na qual inclui a substituição de um sentimentalismo romântico pela reflexão. Esses apontamentos acerca da poesia de Joaquim Cardozo aproximariam a influência de Drummond ao comentar sobre o "espectador sensível da máquina do universo, o que o interessa é, por fim, um resultado intelectual" (ANDRADE, 1947, p. 11). É interessante comunicar que o romantismo

foi criticado por Campos em publicações anteriores, perspectiva que salienta a classificação contrária ao estilo em Joaquim Cardozo[41], pois a poesia cardoziana seria caracterizada pelo sentimentalismo que não se sobressai à racionalização dos versos, tornando suas produções racionais/intelectuais sem se esquivar do subjetivismo poético. Em outras palavras, Campos evidencia uma sensibilidade diferente em Cardozo (CAMPOS, 1948, p. 1):

> Não temos muitos poetas como Joaquim Cardozo. Nossa natureza e formação, mais confusamente angustiada do que de fato sensível, tem nos proporcionado uma poesia que, em geral, permanece mergulhada nas manifestações mais espontâneas da emotividade, o amor, a solidão, a morte. Em Joaquim Cardozo, a sensibilidade se desdobra, procurando em outras solicitações menos eloquentes a satisfação lírica [...] Joaquim Cardozo não nos transmite só o conhecimento de um espírito curioso e raro entre nossos literatos: revela-nos um poeta de invulgar equilíbrio [...].

É preciso observar que a preocupação com as palavras e as ideias está presente na poesia de Joaquim Cardozo não só em *Poemas*, mas em todas as obras do autor. Ele desenvolve um trabalho detalhado através da sintaxe, da semântica, da morfologia, do ritmo e do conjunto imagético, perspectiva que torna o estudo ainda mais interessante, uma vez que Campos percebe o intelectualismo e o trabalho artesanal da poesia cardoziana, através da construção dos procedimentos literários que se fundam a partir do "bom-gosto" apolíneo.

Ao final da crítica, em sua segunda parte, Paulo Mendes Campos não destaca apenas as características da lírica de Cardozo ou das temáticas de seu livro, o escritor também aprecia a personalidade do poeta que se mostrou sempre equilibrado e indiferente às relações e situações espinhosas que ocorriam na esfera da literatura moderna (CAMPOS, 1948, p. 2): "[...] um poeta que se comportou de maneira simpática e serena ao meio das contrafações e irresponsabilidades que frequentam a poesia moderna"; essa perspectiva acerca do poeta pernambucano já apresentada por Carlos Drummond de Andrade ao apontá-lo como um "modernista mais ausente do que participante" (ANDRADE, 1947, p. 8). A posição de Joaquim Cardozo em se manter distante de problemáticas que pouco agregaram à sua pessoa se fazia presente não apenas no âmbito da literatura, mas em todas as perspectivas em que o poeta atuava.

---

[41] Em *O Jornal*, na matéria "Sobre poesia", Paulo Mendes Campos comenta sobre o romantismo (CAMPOS, 1946, p. 2, Grifo meu):

> Devemos verificar, antes de tudo, que toda grande poesia é clássica. Não clássica no sentido de identificação ao passado, mas classicismo que significa redução do mistério e de matéria prima fornecida pela existência por meio de uma forma, classicismo que significa superação das circunstâncias a fim de exprimir o mundo de um modo mais sábio e mais orgânico. Sob este aspecto, **romantismo é arte ruim, arte preguiçosa, sub-arte**. É claro, um autor pode realizar uma grande obra de ideias ou de sentimentos românticos, mas seu fim é sempre conseguido por meio de uma técnica clássica, ou seja, quando justifica seus ideais românticos através de um processo clássico.

Por último, o autor apresentou o poema cardoziano “Canção”[42], no qual Campos possivelmente utilizou o poema como demonstrativo das suas observações a respeito da sensibilidade desdobrada das manifestações emotivas, do amor e da solidão; mas, acima de tudo, demonstra as habilidades do poeta em produzir um poema que resgata o estilo "antirromântico" através de um trabalho artesanal da linguagem poética.

Além do *Diário de Pernambuco* e do *O Jornal*, o poema “Canção” foi publicado primeiramente em *Poemas*, e também esteve presente em *Pequena Antologia Pernambucana* (1948), de João Cabral de Melo Neto, em *Poesias Completas* (1971; 1979), nas duas edições da Civilização Brasileira, assim como em *Poesia completa e prosa* (2007), da Nova Aguilar.

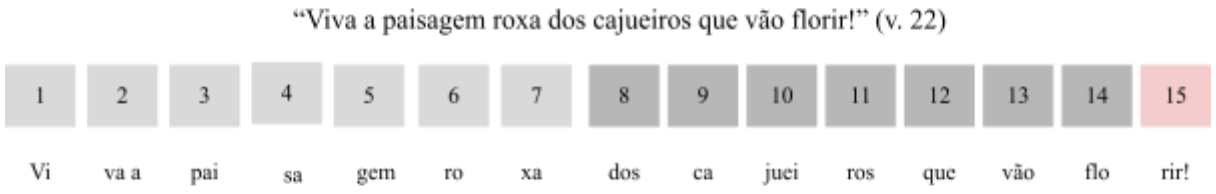
O título da produção lírica nos direciona à definição do subgênero de mesma denominação, conceituado por Olavo Bilac e Sebastião Guimarães Passos como “uma curta composição poética, que pode, às vezes, pela sua elevação ou pela sua melancolia, invadir o domínio da ode ou da elegia; e distingue-se, comumente, pelo seu caráter ligeiro e vivo, muitas vezes levemente satírico ou malicioso” (BILAC; PASSOS, 1956, p. 122). O subgênero tem origem popular fundamentada na musicalidade e na memorização, consagrado no trovadorismo e que esteve presente em poemas do romantismo. Inicialmente, tal aproximação com o romantismo é originalmente reformulada a partir da sua construção poética, tendo em vista que o poema é formado por seis estrofes e vinte e três versos, nos quais se afastariam do subgênero a partir da sua estrutura, uma vez que a canção é classicamente curta, formada por sete a vinte versos e comumente apresenta quatro estrofes.

A partir de uma breve análise, é possível pontuar algumas aproximações do poema com o romantismo, a começar com a primeira estrofe do poema, na qual apresenta três versos que demonstram a aliteração do “v”: “venho”, “ouves” e “vem”, sonoridade que se desenvolve em toda a produção e que corresponde com o subgênero em destaque. Além disso, no último verso da primeira estrofe, apresenta-se o interlocutor, “Meu amor” (v. 3), estilística

[42] Como consta na Imagem 10, antes da exibição do poema cardoziano "Canção", uma pequena apresentação e poema do poeta inglês já falecido, Sidney Keys, foram inseridos em meio ao estudo acerca de Joaquim Cardozo. A ocorrência se justificaria pelo fato de, em 1948, ter sido publicado *Poetry Since 1939*, de Stephen Spender, livro no qual Keys foi comentado e analisado; tal circunstância instigaria Paulo Mendes Campos a divulgar o poeta e um dos seus poemas, "Uma morte precoce". Contudo, a problemática que envolve tal divulgação é ocasionada pelo modo que o comentário e poema foram exibidos no *O Jornal*, e consequentemente, no *Diário de Pernambuco*; isto é, na seção em que Campos publicava seus estudos, "Jornal de Poesia", ocorreu uma modificação do seu espaço de divulgação. Até o início do mês de abril de 1948, os comentários do escritor mineiro apresentavam-se de maneira distinta, sem uma limitação determinada dos pontos abordados, por isso, posteriormente a "Um poeta de bom-gosto", a seção passou a apresentar subtítulos e marcações que indicariam uma diferenciação sobre o assunto que estava sendo abordado. Com base nessas informações, o comentário e o poema de Sidney Keys publicados durante a discussão de Paulo Mendes Campos não têm relação direta com o estudo acerca da poesia cardoziana, mas sim um problema de diagramação e organização do periódico, *O Jornal*, que se propagou no *Diário de Pernambuco*.

também presente no romantismo. A construção das três primeiras estrofes se fazem interessantes, pois são formadas por tercetos, estrofe usada predominante no período anterior ao Modernismo (GOLDSTEIN, 2005, p. 40).

Posteriormente, a quarta estrofe é composta por um quarteto, a quinta apresenta um sexteto e a sexta estrofe retorna ao quarteto. Em outros termos, o poeta utiliza dos seus conhecimentos acerca da produção lírica para originalizar o que se tornaria comum em um subgênero como a canção. O mesmo ocorre com a métrica do poema, a canção apresentaria métricas curtas através de comuns redondilhas maiores, porém, o sujeito lírico desenvolve uma variação métrica em todo o poema, mas que apresentaria um corte nos versos que indicariam as redondilhas. Vejamos:



Além destas informações, o poema acentua o sensorialismo, através da audição — "Ouves?" (v. 2) "Escuta:" (v. 7) —; do olfato — "teu corpo cheirando a flor de cajueiro" (v. 4) —; da visão — "estação de águas nos teus olhos" (v. 1), "Olha o verão" (v. 20) —; e do tato — "tu me prometeste novas carícias" (v. 10). Como se pode perceber, o poema é sensorial, no qual indica a subjetividade, o corpo, a sensualidade, perspectivas essas consideradas românticas. Porém, o sujeito desconstrói a ideia de um sofrimento romântico e dá vazão à ideia de um sujeito que quer sair desse lugar e ir além, ao mar.

A complexidade desenvolvida no poema não é comum em uma canção, pois é um gênero amoroso e sentimental, apesar disso, esse sentimentalismo não é expresso do mesmo modo. A começar com o destaque do tempo noturno no poema, no qual o sujeito lírico acentua a partir do seu segundo verso: "Ouves? É o rumor da **noite** que vem do mar" (v. 2), mas, em seu quinto verso, na segunda estrofe, o sujeito demonstra saudades do tempo diurno: "Que **saudades do sol**. Do mar de sol." (v. 5). Significaria a noite o sentimentalismo romântico e a sua irracionalidade; em contraponto, o dia estaria associado à razão, à reflexão (CANDIDO, 1985, p. 45):

> [...] lembremos que um dos traços mais típicos do Romantismo é o seu lado noturno. Na atitude predominante do clássico há certa afinidade com a luz clara do dia, como se ela fosse a da razão que esquadrinha, revela e peneira em todas as dobras. Inversamente, a noite parece mais ajustada a uma corrente que valoriza o mistério, respeita o inexplicável e aprecia os sentimentos indefiníveis.

Desta forma, o sujeito lírico, ao cheirar a flor de cajueiro, considerada uma das mais cheirosas flores brasileiras, sente saudades do sol, da sua racionalidade que se dispersaria em sua sensualidade poética. Inclusive, sobre a flor de cajueiro, o sujeito lírico destacaria uma representativa flora da região, que apresenta cinco pétalas livres melíferas, possivelmente simbolizaria os cinco sentidos que devem ser livres de amarrações, tornando-os independentes e atrativos através da sua "meliferidade".

Na última estrofe, composta por quatro versos, a aliteração é reforçada com mais intensidade: "verão", "vem", "viva", "vai", "vão", "vou" e "viajar", isto é, uma sonoridade marcada que se associaria ao romantismo, entretanto, a marcação do imperativo através do verbo "viver" se opõe ao amor e à morte que "são um par que o Romantismo cultivou nas variações mais diversas, inclusive a famosa 'morte de amor', *Liebestod*, formulada por Novalis e elaborada de maneira suprema por Wagner em *Tristão e Isolda*" (CANDIDO, 1985, p. 51). Em "**Viva** o verão que vai chegar. / **Viva** a paisagem roxa dos cajueiros que vão florir" (v. 21 e 22), o encadeamento seria proposital, frequentemente utilizado na poesia moderna (BANDEIRA, 1960, p. 3241), insistindo no verbo "viver", que se desassocia do Romantismo ao apresentar o antônimo da morte, demonstrando, mais uma vez, o "antirromantismo" racionalizado no poema cardoziano.

Em diálogo com o prefaciador de *Poemas,* Campos relacionaria o trabalho intelectual que envolve a poesia de Joaquim Cardozo através de "Canção", uma vez que é um poema que demonstra um jogo de elementos naturais que vão além do que lhes é próprio e que demonstra o drama de viver espiritualizado que "serão frequentes coisas dramáticas, e a mesma província, já o sabíamos, é dramática. Nomes dialetos de lugares de infância, de família ou de grupo, ainda que considerados intelectualmente no seu valor estético, podem gotejar tristeza" (ANDRADE, 1947, p. 11-12). Pode-se afirmar que o poema desenvolve o "intelectualismo, e por certo não isento de sensualidade" (*IDEM,* p. 11), através dos elementos da natureza, da localidade e da angústia expressa em seus versos.

O sentimento do sujeito romântico é o sentimento presente, idealizado, mas, no poema, o agora não seria suficiente, pois ele quer "partir, viajar", vivenciar o novo a partir do mar, das jangadas, do futuro. Ao enfatizar o "Espírito" em Joaquim Cardozo, o poema representaria a posição "antirromântica" do poeta, visto que, diferentemente do sujeito romântico, o sujeito moderno não particulariza o seu "eu", a representação desse "eu" é de um sujeito que fala das coisas universais. Desta forma, ao apresentar "Canção", Paulo Mendes Campos destacaria um sentimentalismo reflexivo que se esquiva da espontaneidade, visto que se preocupa com a sua feitura poética, dado que a canção é um gênero que se utiliza de

características românticas, entretanto, o poeta pernambucano traz para o gênero o moderno, o posicionamento intelectual, menos sentimental, porém, não pouco imagético, uma vez que Cardozo utiliza-se de elementos da imagem romântica, da natureza e da sensualidade.

Acerca das informações expostas e discutidas por Campos, o prefácio de Carlos Drummond de Andrade se faz presente como referência para as perspectivas apresentadas, inclusive, como pode ser constatado, Drummond e Campos mantinham contato, circunstância que sugeriria comentários internos sobre a poesia de Joaquim Cardozo. Contudo, mesmo considerando a perspectiva do poeta de Itabira, Campos marcou a sua personalidade com um enfoque mais insistente à estética da poesia cardoziana. A sua concepção acerca do "Espírito" sobressai-se à "Província", pois, como já discutido anteriormente, Paulo Mendes Campos apresenta uma predileção sobre as questões mais universais que envolvem o processo da construção lírica de maneira geral, demanda na qual se associaria com a "Geração de 45" e ao seu apego ao formalismo, pois "os de 45 consideramos, em regra, universalistas [...] Em resumo, o formalismo era o único traço de união, o denominador comum de todos os poetas de 45" (SILVA, 1966). O mesmo é comentado por Milton de Godoy Campos (1966), em sua antologia, na qual aponta serem as duas principais características da geração: a "limpidez de expressão" e o "apuro formal"; em outras palavras, esse aspecto formal estaria inserido nas vertentes de uma feição clássica; de uma alta intelectualidade; e de uma lírica ligada a tradicional luso-brasileira (CAMPOS, 1966, p. 14).

"Recife morto", Mauro Mota

Coincidentemente, no mesmo dia em que a publicação de Paulo Mendes Campos foi divulgada, 21 de março de 1948, Mauro Mota também comparece com a sua resenha, intitulada "Recife morto", a qual faz parte da "Literatura da semana", seção que estimulou as atividades intelectuais repaginando o *Diário de Pernambuco* junto à sociedade local. Diferentemente do que ocorreu com o estudo anteriormente comentado, a publicação assinada por Mauro Mota originou-se do próprio periódico pernambucano; no entanto, não se encontraram outras republicações do estudo em jornais diversos.

Sobre Mauro Mota no âmbito literário, o escritor adquiriu visibilidade a partir do seu envolvimento com o grupo do Recife — Álvaro Lins, Carlos Moreira, Edson Régis, entre outros — e, posteriormente, através da sua atuação no *Diário*. A partir da sua presença nas antologias e nas historiografias literárias brasileiras, é possível observar a influência do jornalista e escritor no cenário, pois Mota também está presente como poeta em diferentes

obras, a começar com a *Antologia da nova poesia brasileira*[43], de Fernando Ferreira de Loanda, na qual o escritor pernambucano é o primeiro a ser citado, comentado e divulgado através de seis produções líricas[44]; tal informação nos leva a crer que Mota de fato era uma personalidade interessante para a "Geração de 45" que estava se formando no Brasil, situação que justificaria o seu aparecimento também na antologia de Milton de Godoy Campos, *Antologia poética da geração de 45* (1966, p. 163):

> As comoventes elegias dedicadas à esposa morta elevaram o nome do poeta Mauro Mota como um dos mais sensíveis da geração nordestina [...] em sua linguagem sem mistério, mostrou-se, com mais personalidade, a paisagem do Recife, suas imagens familiares seus costumes e suas tradições. Os pequenos dramas do homem cotidiano são descritos com naturalidade e espontaneidade, ascendendo a poesia à medida que o drama de cada um se desnuda como verdade. Álvaro Lins caracterizou a sua poesia como uma "espécie de realismo mágico, uma extraordinária capacidade para transfigurar o imediato e o cotidiano em simbologia poética".

A participação de Mauro Mota na "Geração de 45" também foi discutida em *Presença poética do Recife*, de Edilberto Coutinho, no qual o autor destaca que (COUTINHO, 1969, p. XXXIII):

> Para o turista paulistano, a paisagem dos mocambos tem jeito de brincadeira. Assim são os turistas. Depois, viria forte visão acusatória de um João Cabral de Melo Neto, amarrando contemporaneidade, junto a Mauro Mota e alguns outros, a poesia de reivindicação social que o Recife sempre inspirou.

Mais especificamente sobre o poeta, o autor descreve que "Mauro Mota é o melhor exemplo de intelectual a resistir à sedução de outros meios, mantendo-se fiel à província pernambucana. [...] Mauro é o cantor, por excelência, e eterno apaixonado dos subúrbios recifenses" (COUTINHO, 1969, p. xxxv). É evidente que Mota é uma personalidade respeitada e que estava inserido no grupo de escritores da época, representando a sua poesia e a sua região, circunstância reafirmada através das respectivas antologias que apresentam o escritor: *Coletânea de poetas pernambucanos*, de Oliveira e Silva (1951); *Antologia de poetas brasileiros*, de Manuel Bandeira e Walmir Ayala (1967); *O Recife pela voz dos poetas*, de Luiz do Nascimento (1977); *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1982); *Antologia da poesia brasileira contemporânea*, de Carlos Nejar (1986); *Seleta de autores pernambucanos*, de Audálio Alves, Humberto Vasconcelos, Orlando Parahym e Roberto Benjamin (1987).

---

[43] Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, aponta que a obra de Loanda é o primeiro balanço feito pelo novo grupo da "Geração de 45" (BOSI, 2017, p. 497).

[44] Na antologia, são divulgados os poemas de Mauro Mota: "Elegia n. 1°", "Elegia n. 2°", "A Tecelã", "O Paletó", "O Fuzilado" e "O Galo". Essa coletânea representou uma importante contribuição para a literatura brasileira e permitiu a divulgação e apreciação dos trabalhos poéticos de Mauro Mota, um dos expoentes da "Geração de 45".

Assim como apontado em Paulo Mendes Campos, a aparição de Mauro Mota nesses registros demonstraria a relevância do estudo do respectivo escritor, que se apresenta de modo mais quantitativo e com mais evidência nos materiais citados, circunstância que, possivelmente, justifica-se por ser uma personalidade que fez parte do grupo do Nordeste, mostrando-se ativo no âmbito literário e jornalístico. É inquestionável o envolvimento da personalidade no cenário da literatura na época, contudo, aponta-se que Mauro Mota colaborou com mais intensidade e perceptivelmente através de sua atuação na imprensa, pela qual se aproximou com mais resultados e cooperação através das divulgações e discussões que desenvolvia nas páginas dos periódicos brasileiros.

A esse respeito, ou seja, a participação de Mauro Mota no âmbito da imprensa, o jornalista inicia a sua aparição em jornais escolares, como em *O Colegial*, e, posteriormente, colaborou com o *Diário da Manhã* (PE), *Diário de Notícias* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *Jornal de Letras* (RJ); mas foi na década de 40 que Mota destacou-se com mais recorrência na imprensa através do *Diário de Pernambuco*. Contextualizando, é fato que Aníbal Fernandes convidou Mauro Mota, em dezembro de 1947, para exercer o cargo de Secretário de Redação e, posteriormente, assumir a direção do *Diário*, o que propiciou o lançamento do respectivo Suplemento Literário, denominado "Literatura da Semana", e que viria a durar por uma década. Como comentado nesse capítulo, o objetivo do respectivo suplemento era projetar o desenvolvimento literário regional, atribuindo novo valor ao jornalismo, à poesia, ao ensaio, à ficção, isto é, todo processo evolutivo cultural da região do Nordeste, como o próprio Mauro Mota comenta em entrevista ao *O Jornal*, dirigida por José Augusto Guerra, "As margens do Capibaribe" (GUERRA, 1949, p. 3): "A ideia de criar uma página, exclusivamente para acolher as produções do pessoal de casa, a princípio foi recebida com certas reservas e descrenças. Talvez não chegasse ao primeiro mês, mas não se deu assim". Tal proposta estimulou outros periódicos da região, excitando uma febre de renascimento pelo gosto das letras, conseguindo conectar-se com outras localidades para desenvolver este movimento literário em revistas e periódicos (JAMBO, 1975, p. 406): "Por meio de 'Literatura da Semana', Mauro Mota animou jovens escritores de uma forma nunca antes experimentada. Comentava-os, estimulava-os, divulgava-os, ao tempo em que os apoiava em suas próprias células regionais — em suas cidades". Desta forma, de 1947 a 1959, Mauro Mota deu vida a um dos maiores interesses culturais através do suplemento de quatro páginas, com a colaboração de diferentes escritores e jornalistas[45].

[45] César Leal, Carlos Pena Filho, Edson Regis, Padre Daniel Lima, Tadeu Rocha, José César Borba, Vanildo Bezerra, Amaro Quintas, Valdemar Valente, Osmar Lins, Nertan Macedo, Antônio Rangel Bandeira, Jarbas

Considerando a renovadora proposta de Mota no cenário jornalístico e literário, aponta-se que possivelmente a influência de tal projeto espelha-se, em vários aspectos, no trabalho desenvolvido por Gilberto Freyre ao dirigir o periódico *A Província*. No *Livro do Nordeste*, em sua 2° edição, Mauro Mota assina a introdução[46] do livro que marcou a época e a região, e descreve a influência de Freyre também na imprensa, ao objetivar uma organização acessível e apropriada para o veículo de informação. Vejamos (MOTA, 1979, p. 5 Grifo meu):

> Outra referência de Gilberto Freyre nos sistemas de fazer jornal no Recife ocorreu no período em que ele dirigiu *A Província*, em "reação contra o jornal de Estado estandardizado pelo modelo do Rio". Para *A Província,* chamou colaboradores como José Américo de Almeida, Aníbal Fernandes, **Olívio Montenegro**, Luís Jardim, Sylvio Rabello, Manuel Bandeira, o poeta, Manuel Bandeira, o desenhista, Cícero Dias, **Jorge de Lima**, Júlio Belo, Mário de Andrade [...].
> A "reação" era ainda contra o chamado "artigo de fundo", cheio de doutrinações, tipo espanta-leitor, substituído pelo editorial sem palavreado, dizendo direto o que queria dizer. É a favor das reportagens urbanas e suburbanas, do vocabulário simples, servindo para comunicar os fatos e jamais para confundi-los [...].
> O Recife, para o qual se orientavam os repórteres de *A Província,* era o Recife de Gilberto Freyre.

Além de buscar propagar os aspectos sociais, culturais e políticos, Freyre induziu uma adaptação mais apropriada ao cenário, pois um dos seus objetivos de divulgação era expandir o Recife que ali se discutia em todas as camadas sociais da região nordestina. Não será coincidência, então, que se encontra tal perspectiva nas publicações de Mauro Mota, visto que, a respeito da linguagem utilizada pelo jornalista, pode-se afirmar que o escritor é claro e objetivo ao apresentar obras e autores, comunicação que não dificulta o entendimento aos leitores de modo atingível. Analisando as suas diferentes críticas, é possível apontar que o literato valoriza o sistema simbólico que formava a identidade e a essência das províncias, perspectiva que dialoga com o momento crítico literário que rondava o cenário jornalístico, isto é, em consonância com Brito Broca em *A vida literário no Brasil* (1956), entre os séculos XIX e XX, o jornalismo nacional estava se desenvolvendo em estágio de modernização, no qual apresentou duas fases. Na primeira fase, conservava-se, na imprensa, o seu aspecto doutrinário, além de remunerar satisfatoriamente os seus colaboradores, em outras palavras, perspectiva que Gilberto Freyre e, consequentemente, Mauro Mota opunham-se. Em 1900, na segunda fase, o avanço da modernização não preservou, efetivamente, o atributo doutrinário. As colaborações literárias transitavam na imprensa, perdendo cada vez mais espaço, tornando

---

Duarte, Orlando Cavalcanti, Otávio de Freitas Júnior, Moacir de Albuquerque, Fernando Mota, Haroldo Bruno, Antônio Luiz Lins de Barros, etc (NASCIMENTO, 1968, p. 171).

[46] De antemão, esclarece-se que parte do texto presente na introdução do *Livro do Nordeste*, assinado por Mota, já havia sido publicada em seu livro *Geografia literária*, em 1961, anteriormente a 1979, ano em que a 2° edição do *Livro* foi publicado.

as notícias e as reportagens mais interessantes que os artigos aprofundados (BROCA, 1956, p. 207).

No que diz respeito à literatura, no início do século XX, várias inovações na imprensa se manifestaram, acarretando em relevantes alterações. A primeira modificação consistiu na declinação do folhetim, que perdeu espaço para as crônicas[47], justificadas por serem mais curtas, focadas em uma única temática e facilitarem a editoração das páginas sem descontinuar o texto. A segunda modificação, que se inicia gradualmente, foi a utilização de reportagens e entrevistas como fontes informativas, resultando em uma perda do aspecto doutrinário e demonstrando um interesse maior na vida dos autores. Por outro prisma, a terceira inovação na imprensa relacionada à literatura foi direcionada à crítica literária. Mesmo ocupando um espaço permanente e regular nas edições diárias e hebdomadárias dos periódicos, a produção das críticas modificaram-se, adquirindo um teor mais "noticialístico", focado nas novidades literárias (BROCA, 1956, p. 209). Com base na breve contextualização da literatura nos jornais, entende-se a perspectiva crítica de Mauro Mota, que dialoga com a terceira inovação da imprensa no cenário literário. Mota, mesmo apresentando conteúdos literários com uma perspectiva de escritor, exerce o papel de propagador de escritores e das novidades que surgiam na época, através de publicações destinadas a todos de forma objetiva e concisa.

A partir da realidade local de acesso aos novos escritores, o jornal torna-se um órgão influente para a divulgação, facilitação que é compreendida e aproveitada por Mauro Mota, como evidenciado em entrevista anteriormente citada no *O Jornal*, sobre as atividades literárias do Recife (GUERRA, 1949, p. 3):

> Chegamos — diz Mauro Mota — a uma evidente conclusão: mais do que os grupinhos de mesa-de-café, os grêmios e associações lítero-educativas que proliferam com certa intensidade os suplementos literários do Recife vêm contribuindo para a transformação literária do Nordeste. Não temos, é certo, editoras e também não vejo possibilidades de se criar uma de invejável capacidade. A gente do Nordeste é pobre e lê muito pouco. Mas o jornal se infiltra facilmente, é recolhido no interior e pela maioria dos que habitam a capital, qual verdadeiro "pão de espírito". Por longo tempo dominaram as transcrições, tenha-se a impressão de

[47] Antonio Candido, em seus estudos, comenta sobre a influência do jornal sobre a literatura, destacando a relevância da imprensa na criação de novos gêneros literários, como a crônica e o folhetim (CANDIDO, 1985, p. 33):

> Todos sabem - para dar mais um exemplo - a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance. Com a invenção do folhetim romanesco por Gustave Planche na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico 'romance de folhetim', com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensão para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves.

> que no Recife pouco se escrevia, o que não é e nunca foi verdade, ideia de criar uma página exclusivamente para acolher as produções do pessoal de casa [...].

Na mesma entrevista, quando questionado sobre a opinião dos "antigos" em relação à divulgação dos novos escritores nas páginas do periódico, o jornalista respondeu enfatizando a perspectiva de que havia influência de diferentes intelectuais da região em uma mesma geração (GUERRA, 1949, p. 3): “Antigo, propriamente, não — disse ele. Feitos seria melhor. Escritores feitos como Gilberto Freyre, Odilon Nestor, Olívio Montenegro, Luís Delgado, Aníbal Fernandes, Sylvio Rabello, prosseguiram ativamente e observaram o acolhimento aos novos com simpatia e interesse”.

No estudo de Tércio Amaral, intitulado “É impossível substituir uma amizade fraternal” (2021), o pesquisador discute a relação entre Mota e Freyre, destacando e justificando a subordinação de Mauro Mota ao sociólogo pernambucano. Por diversas situações, destacou-se a influência e a posição superior que Gilberto Freyre exercia sobre Mota. Um exemplo dessa amizade fraternal é uma correspondência de Freyre direcionada a Mota, na qual o sociólogo solicita ao jornalista uma publicação "plantada" sobre uma possível nomeação como embaixador brasileiro na Inglaterra. Vejamos (AMARAL, 2021, p. 57):

> Os pedidos de Gilberto Freyre chegam ao ponto para que Mauro Mota plante notícias, sem qualquer tipo de apuração, as empresas concorrentes ao *Diário de Pernambuco*, como é o caso da encomenda endereçada ao colunista social José de Souza Alencar, mais conhecido como Alex. “Caro Mauro”, escreve Gilberto em bilhete no dia 11 de janeiro de 1966, “Favor obter do Alex publicar uma coisa dele mais ou menos o seguinte: “Sabemos que, nos últimos dias, houve duas conversas telefônicas do Presidente Castelo Branco com o nosso conterrâneo Gilberto Freyre. Ignora-se o assunto”, pede o sociólogo. Bilhetes como esse demonstram a relação de confiança e fidelidade de Mauro Mota. De fato, não havia como saber se, de fato, tal conversa com Gilberto Freyre aconteceu e quem ele pretendia atingir com esse tipo de informação/intimidação. Aliás, tal tipo de informação ajudara o sociólogo em demonstrar, em pleno regime militar, que estava muito próximo ao poder.

Essa notícia foi de fato publicada no *Diário de Pernambuco* em 18 de janeiro de 1966 (PORTO, 1966, p. 4). Situações como essa eram recorrentes na relação Freyre-Mota[48], uma amizade que influenciou na posição social em que Mauro Mota se estabeleceu, como Amaral observa: “por meio de sua relação com o sociólogo Gilberto Freyre, [...] Mauro construiu sua identidade pública sob a sombra da obra freyriana, além de cumprir ordens, caprichos e copiar traços da obra do sociólogo e seus trabalhos jornalísticos e científicos” (AMARAL, 2021, p. 9).

[48] No estudo de Amaral, é possível averiguar, por meio das diversas correspondências trocadas entre Gilberto Freyre e Mauro Mota, circunstâncias que evidenciam a subordinação de Freyre em relação a Mota. Em um outro bilhete, o sociólogo chega a ameaçar acionar Assis Chateaubriand, o fundador dos “D.A.”, para reclamar sobre o trabalho de Mauro Mota no *Diário*, pois Freyre expressou sua insatisfação por não ter o mesmo acesso às fontes do Chefe de Redação do jornal, Aníbal Fernandes (AMARAL, 2021, p. 55-56).

De maneira geral, as publicações de Mota apresentam críticas políticas, divulgação de livros, revistas e estudos literários. No que se refere aos estudos literários, o jornalista e poeta pernambucano discutiu sobre diversos escritores renomados, como Augusto do Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Murilo Mendes, Joaquim Cardozo, mas, sobretudo, Mauro Mota também utilizava suas publicações para divulgar grupos e escritores da região, muitas vezes desconhecidos, com o intuito de propagar seus estudos, perspectivas e contribuições nas províncias nordestinas. Por exemplo, em 1948, Mota apresentou matérias que divulgavam os grupos concentrados em diferentes pontos do Nordeste: em “Literatos municipais”, ele problematiza sobre os literatos das diferentes regiões e evidenciava a influência do meio sobre o homem (MOTA, 1948, p. 6); em “Tudo canta em Maceió”, o estudo aponta sobre o grupo de escritores alagoanos que publicaram na época (MOTA, 1948, p. 6); “Registro sobre dois livros do Nordeste”, o jornalista divulga os livros de Lopes de Andrade e Veríssimo de Melo, ambos materiais que apresentam a disposição física da região (MOTA, 1948, p. 6). Essas informações tornam-se relevantes para se compreender a posição e o envolvimento de Mota em suas publicações, um jornalista que equilibradamente utiliza suas habilidades para contribuir com a literatura local.

Durante a década em questão, devido à sua relação com o "Diário dos Associados" e ao ser secretário do periódico em destaque, Mota visitava constantemente o Rio de Janeiro, o que justificava sua aparição em periódicos pernambucanos, assim como em jornais do Rio de Janeiro — *O Jornal, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário Carioca, Jornal do Brasil*, entre outros, embora com menos frequência. Nessas publicações, em sua maioria, noticiavam a sua colaboração em revistas e outras publicações com perspectivas literárias, visto que também estava publicando suas próprias obras. Entretanto, seria através da sua representação como uma das referências culturais e intelectuais da região que Mota se destacaria nas publicações nacionais, apresentando seus estudos que discutiam o “Espírito de Província”[49] e as atividades literárias no Recife[50].

---

[49] No estudo intitulado "Espírito de Província", publicado por Mauro Mota no *Correio da Manhã* (RJ), o autor discute a relação e as problemáticas da região e das personalidades importantes da época (MOTA, 1945, p. 1).

[50] Curiosamente, durante essa mesma década, as visitas de Mauro Mota ao Rio de Janeiro rendiam conteúdos para a seção "Nota pitoresca da semana" do *Correio da Manhã*. Essa seção apresentava diálogos, curiosidades e notícias com teor cômico. Em uma das publicações dessa seção, Mauro Mota é retratado como uma personalidade irreverente, mas, acima de tudo, a matéria destaca a relevância e a confiança atribuída a Mota no cenário político da época. Vejamos: (*CORREIO DA MANHÃ*, 1948, p. 10):

> Quando o escritor português João de Barros e senhora estiveram no Brasil fizeram uma curta visita a Pernambuco. Era governador do Estado nessa época o sr. Carlos de Lima Cavalcanti. E do seu gabinete fazia parte o poeta Mauro Mota, de quem teremos brevemente o livro “Poemas e Elegias”. Lima Cavalcanti chamou Mauro e recomendou:
>
> - Você vai ficar encarregado de mostrar a cidade aos visitantes. Procure fazer a coisa da melhor maneira possível.

Através da seguinte publicação, o referido escritor divulgou o livro cardoziano *Poemas* em seu suplemento literário, no *Diário de Pernambuco,* em 21 de março de 1948 (MOTA, 1948, p. 5):

Figura 11 - "Recife morto", Mauro Mota, 1948.

RECIFE MORTO

Mauro MOTA

Por iniciativa dos amigos de Joaquim Cardoso, acabam de sair no Rio, da "Editora Agir", os "Poemas" do grande poeta pernambucano. Prefacio de Carlos Drummond de Andrade, ilustrações de Luis Jardim e capa de Santa Rosa.

O livro inclue 43 poemas escritos entre 1924 e 1947. Nova edição dele acha-se em preparo no "O Livro Inconsutil", em Barcelona, sob a direção do nosso consul naquela cidade, João Cabral de Melo Neto.

Estas são as informações sobre Joaquim Cardoso editado, porque sobre Joaquim Cardoso poeta nada é preciso dizer mais aqui. O seu "bissextismo" anotado na antologia de Manuel Bandeira poderia existir para gente de longe, mas nunca para a gente do Recife de Cardoso e do Recife dos poemas de Cardoso. Nunca uma terra e um rio foram tão constantes na obra de um poeta e nunca um poeta foi tão constante no amor quase fisico á sua terra e ao seu rio, como é o caso do Recife e do Capibaribe diante de Cardoso e de Cardoso diante do Capibaribe e do Recife.

Mas não se vejs nessa preferencia uma preferencia simplesmente geografica, fraqueza de itinerante ou restrição tematica, mas a capacidade pessoal de emitir um mundo antes só percorrido pela superficie.

Depois de ler este livro, a impressão que nos fica é a de que o Recife era uma cidade mergulhada na escuridão profunda e indevassavel. Passavamos pelas ruas tateando, os olhos inuteis diante das belezas circundantes. Foi Joaquim Cardoso quem acendeu os bicos de lampião nas grandes trevas, deixando-nos como um sonambulo que não sabe onde está no momento de recuperar a consciencia.

Uma das ilustrações de Luis Jardim para os "Poemas" de Joaquim Cardoso

"Agora a ouvir as horas que
[as torres apregoam
vou navegando no mar de
[sombras das velas
e o meu olhar penetra o re-
[flexo, o prodigio,
a humilde proteção dos te-
[lhados sombrios,
o equilibrio burguês dos pos-
[tes e dos mastros,
a ironia curiosa das sacadas.

As janelas das velhas casas
[negras,
bocas abertas desdentadas, di-
[zem versos
para a mudez imbecil dos es-
[paços imoveis.

Vagam fantasmas pelas ve-
[lhas ruas
ao passo que em falsete a
[voz fina do vento
faz rir os cartazes.

Asas imponderaveis, humidos
[veus enormes.
Figuras amplas dilatadas pe-
[lo tempo,
vultos brancos de aparições
[extranhas."

O Recife morto é o Recife liberto e é por isso que a sua alma pura e onipresente é a mesma alma nesses cantos, que não ficarão perdidos dentro do confusionismo das vozes ocasionais porque, como os cavalos das "Espumas do Mar", (um dos mais belos poemas) chegam com a força indomavel para correr na frente dos longos tempos.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1948, p. 5).

Sobre a escolha do título do respectivo estudo, observou-se que, ao analisar as diferentes publicações divulgadas por Mauro Mota na época, constata-se que o poeta dos subúrbios recifenses costumava associar o escritor/poeta com a sua região, como já comentado anteriormente. Isso também se aplica a Joaquim Cardozo, pois além de evidenciar

---

Aconteceu que a senhora do escritor português era de grande curiosidade intelectual: queria saber o nome exato de tudo; não havia um só exemplar de fauna ou da flora pernambucana que lhe passasse despercebido. Conclui-se que o oficial de gabinete se viu em sérios apuros. Mas assim mesmo não se deu por achado, porque chegou à conclusão de que mais valia mentir do que passar por ignorante. Inteligente, espirituoso, Mauro encontrava uma resposta precisa para cada pergunta dos visitantes.

- Que árvore é aquela ali? indagava a sra. João de Barros.

E o poeta, com o maior cinismo:

- É a "cupinacea".
- E aquele pássaro?
- Trata-se do Leotópio, da família dos leotopicínios…

Encantada, a sra. João de Barros ia tomando nota no seu caderninho. Mauro "sabia" tudo. Nomes de animais, fatos históricos — uma hábil salada de mentiras fugia dos seus lábios sem a menor vacilação.

É escusado dizer que tempos depois aparecia em Portugal mais um livro de impressão sobre o Brasil. E desse livro constavam minuciosamente todas as informações e nomes cinicamente inventados pelo poeta pernambucano.

o poema “Recife morto”, Mota também destacou a cidade indicada, o que envolve todo o estudo de Mauro Mota a respeito de *Poemas*, de Joaquim Cardozo.

No primeiro parágrafo do estudo de Mauro Mota, é possível perceber que a crítica já apresenta um juízo de valor, pois ao adjetivar Joaquim Cardozo como um “**grande** poeta **pernambucano**”, Mota estaria certificando ser Cardozo um poeta com qualidades, uma espécie de equilíbrio adjetivo entre o sujeito centralizado, um poeta de grandes qualidades que presentifica a sua origem. Além da adjetivação, Mauro Mota demonstra reconhecimento prévio ao destacar os artistas Drummond, Luís Jardim e Santa Rosa, que funcionam como paratextos do julgamento, pois, como comentado no Capítulo II, a participação dessas personalidades na construção de *Poemas* já atestaria a qualidade da produção.

No segundo parágrafo, além desses artistas, Mauro Mota reafirma a qualidade poética de Cardozo ao mencionar a antologia organizada por João Cabral de Melo Neto, a edição do Livro Inconsútil, na qual já havia publicado *Mafuá do Malungo,* de Manuel Bandeira, e *Acontecimento do Soneto,* de Lêdo Ivo, e agora estaria publicado *Pequena antologia pernambucana*, de Joaquim Cardozo. É importante ressaltar que, até então, a obra organizada por Cabral não possuía título, mas em 8 de maio de 1949, o *Diário* divulgou a produção na seção de Mota, "Literatura da Semana", sob o título "Antologia pernambucana" (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO,* 1949, p. 8):

> Teve o jovem poeta pernambucano João Cabral de Melo, que se acha consulado na Espanha, a iniciativa de homenagear outro poeta pernambucano, esse de 50 anos, Joaquim Cardozo, o mais raro e esquivo dos poetas brasileiros. Vai daí publicar, na sua série de pequenos volumes compostos e impressos à mão, uma breve antologia pernambucana.
> São dez poemas de Joaquim Cardoso, apenas dez, mas cada qual mais vivo e impregnado de atmosfera pernambucana. Os coqueiros de Olinda, os cajueiros e mangueiras do Recife enterram suas raízes nas entranhas da poesia desse bissexto. E há os mangues, as velas de barcaças e jangadas mar afora, subúrbios de província, domingos de verão, calçadas altas e telhados de biqueira - a paisagem que se gravou para sempre na retina do poeta e que está nítida e para sempre na sua poesia.

Além dessa nota, o *Diário* não forneceu mais detalhes sobre a antologia em futuras publicações, e também não foi encontrado nenhum registro de informações em outros jornais do Nordeste. De forma interessante, a notícia sobre a publicação da antologia de Joaquim Cardozo foi divulgada na imprensa carioca, através do jornal *Correio da Manhã*, e também na revista *Sombra*, que publicou dois estudos sobre a antologia em 1949 e 1950[51] (*SOMBRA*, 1949, p. 89):

[51] Em 1950, o estudo é assinado por Barreto da Silveira, em “Poesia de Pernambuco”. Na respectiva publicação que ocupa duas páginas da revista, são comentadas e analisadas algumas produções de Joaquim Cardozo,tais como “Recordações de Tramataia”, “Terra do mangue”, “Canção”, “Cajueiros de setembro”, “Dezembro” e “Olinda” (SILVEIRA, 1950, p. 88-89).

> Acaba de ser publicada numa bela edição do *Livro Inconsútil*, que obedece à direção do poeta João Cabral de Melo Neto, a *Pequena antologia pernambucana*, onde vêm reunidos os mais expressivos poemas regionalistas do poeta pernambucano Joaquim Cardozo. O autor desses versos bonitos e duradouros é um poeta esquivo, que fez a sua estreia em livros aos cinquenta anos de idade com o aparecimento de *Poemas,* quando se incorporou ao grupo dos melhores poetas do país. Desde então se tornou um nome nacional, figurando com destaque no cenário da poesia brasileira, pelo amplo sucesso de crítica que mereceu o seu primeiro caderno de poemas. A primeira fase de sua poesia se caracteriza pela valorização dos motivos locais da paisagem nordestina, e em particular da cidade do Recife, através de uma forma de amplo sentido universal. Mais tarde, procurou dar um conteúdo mais diverso à sua obra, enveredando por uma poesia de valores universais, que se exprimia por uma forma onde se fazia uma experiência mais audaciosa de invenção rítmica, e ao mesmo tempo se aproveitasse a tradição dos poetas clássicos da língua. São porém da primeira fase os poemas reunidos na "Pequena antologia pernambucana", como o próprio título do livro está indicando, através de uma seleção carinhosa de João Cabral de Melo Neto. Os poemas são sem dúvida dos mais belos aparecimentos entre nós com feitio regional, figurando com relevo no conjunto de obra de Joaquim Cardozo, e vêm apresentados com delicada beleza gráfica.

Ao contrário do que acontece na imprensa carioca, a imprensa do Nordeste não dedicou muita atenção à divulgação dessa produção. No entanto, o *Diário de Pernambuco* e o *Diário de Natal* deram maior destaque às obras organizadas por Cabral, direcionadas a Lêdo Ivo e Manuel Bandeira. Essa circunstância suscita reflexões sobre o papel desempenhado por Cardozo na imprensa local.

Ao abordar a inclusão de Joaquim Cardozo na antologia de Manuel Bandeira, o jornalista e poeta demonstra a sua oposição a essa atribuição. Mota destaca que Cardozo sempre esteve presente e ativo com sua poesia para os mais próximos, como evidenciado nas reuniões do Cenáculo *Lafayette*, onde Cardozo era personalidade de destaque nas discussões literárias. Todavia, na época, e talvez ainda nos dias atuais, para ser considerado um poeta ativo, era necessário analisar o número de produções publicadas em editoras e na imprensa. A ausência desses critérios fez de Joaquim Cardozo, para Bandeira, um poeta bissexto.

Mauro Mota utiliza como certificação qualitativa na apresentação do poeta pernambucano, mencionando o meio em que Joaquim Cardozo estava inserido e como tais nomes validam a sua posição como "grande poeta pernambucano". Ao citar colaborações de personalidades relevantes no cenário artístico, como Carlos Drummond de Andrade, Luís Jardim, Santa Rosa, João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira, Mauro Mota estaria assegurando que, antes mesmo dele julgar Joaquim Cardozo na respectiva publicação, esses nomes influentes já haviam julgado e contribuído para a divulgação do poeta que estava em evidência.

De fato, ao longo do texto, Mauro Mota destaca a profunda relação de Joaquim Cardozo com a capital pernambucana através de seus versos. O poeta recifense é retratado como alguém que evoca uma sociedade desatenta com sua própria identidade e importância,

transmitindo o sentimento de reconhecimento e relevância da terra que estava sendo esquecida. Essas sensações são despertadas pelos versos de Joaquim Cardozo, como enfatiza Mota.

Ao ressaltar a essência íntima da província expressa na poesia de Cardozo, Mota também faz uma conexão indireta com a perspectiva de Drummond, que aponta que a lírica do poeta pernambucano não se limita apenas à sua geografia, mas sim apresenta o "Espírito" da "Província". Isso implica que mesmo os conteúdos que envolvem a "Província" na lírica cardoziana são mantidos com racionalidade e intelectualidade em seu processo de construção. Mauro Mota, na respectiva publicação, atenta para o princípio poético e o imagético presente em Joaquim Cardozo. Ademais, o escritor compreende e destaca a relação de Cardozo-Recife e Cardozo-Capibaribe; ambos os elementos são unificados pelo poeta através da poesia, transfigurados em um só, levando a uma revelação, a uma epifania. A transmutação poética faz com que esses dois referenciais geográficos desdobrem outros sentidos na poesia de Cardozo. Assim, Mauro Mota explora cuidadosamente a poesia de Joaquim Cardozo, destacando suas conexões com a região e com a própria essência da província, o que torna sua poesia significativa e relevante para além das fronteiras geográficas.

Sobre o poema “Recife morto”, analiso a produção lírica em “O ‘Recife morto’ de Joaquim Cardozo: um panorama regional na década de 20”, no *O meu canto é de sol*. Neste capítulo, discuto o regionalismo, a urbanização, a cidade antropomorfizada, que é crucificada em nome do progresso, enfatizando as fortes referências à capital pernambucana e destacando os aspectos geográficos da região. O poema é composto por quarenta e seis versos irregulares e foi publicado primeiramente na *Revista do Norte* (1925), sendo incluído posteriormente em *Poemas* (1947) e em diferentes jornais. No caso do *Diário de Pernambuco*, o poema foi publicado na íntegra em três ocasiões, como comentado no Capítulo I. Além disso, a produção cardoziana também esteve presente em antologias que destacam a lírica recifense, como *Presença poética de Recife* (1969), organizada por Edilberto Coutinho; e *Seleta de autores pernambucanos* (1987), organizada por Olímpio Bonald Neto.

De modo geral, conforme mencionado no capítulo publicado, a voz lírica do poema expressa sua insatisfação em relação ao processo de modernização da cidade. Entre os diferentes aparatos utilizados pelo poeta, o sujeito lírico se mostra impessoal, mesmo exalando um sentimento de lamentação; o “eu” não utiliza particularmente pessoas para se lamuriar, mas sim a arquitetura da cidade, representada pelas sacadas, calçadas, casas, torres e lajes, para exprimir uma voz lírica que prateia a herança histórica da cidade que está desaparecendo (LIMA, 2022, p. 214). Com relação ao recorte do poema apresentado por

Mauro Mota em seu estudo, o jornalista e poeta destaca quatro estrofes e quinze versos do poema:

> 15. Agora, ao ouvir as horas que as torres apregoam,
> 16. Vou navegando o mar de **sombra** das vielas,
> 17. E o meu olhar penetra o reflexo, o prodígio,
> 18. A humilde proteção dos telhados **sombrios**,
> 19. O equilíbrio burguês dos postes e dos mastros,
> 20. A ironia curiosa das sacadas.
>
> 21. As janelas das velhas casas negras,
> 22. Bocas abertas desdentadas, dizem versos
> 23. Para a mudez imbecil dos espaços imóveis.
>
> 24. Vagam **fantasmas**, pelas velhas ruas,
> 25. Ao passo que, em falsete, a voz fina do vento
> 26. Faz rir os cartazes.
>
> 27. **Asas** imponderáveis, úmidos véus enormes.
> 28. Figuras amplas, dilatadas pelo tempo,
> 29. **Vultos brancos** de **aparições estranhas,**
>
> (CARDOZO, 1979, p. 16, Grifo meu).

Relacionando os versos divulgados com os comentários de Mauro Mota, nos termos em destaque, pode-se perceber os elementos fantasmagóricos utilizados pelo poeta que estariam (LIMA, 2022, p. 218):

> [....] possivelmente integrado às histórias do universo assombrado da cidade do Recife com suas lendas e mitos, narrativas essas que foram coletadas posteriormente por Gilberto Freyre, no ano de 1955, em *Assombrações do Recife velho*. Tais histórias registradas por Freyre apavoraram, na época, os moradores da capital pernambucana, entretanto, a assombração que apavora o Recife de Cardozo é o seu apagamento por uma modernização pouco afeita a seus traços identitários.

Os elementos fantasmagóricos presentes no poema descrevem os espaços vazios e desolados da cidade. O poeta usa imagens de locais arruinados, ruas empoeiradas e vazios para transmitir a sensação de uma cidade abandonada e habitada apenas por memórias do passado. Essas imagens evocam a ideia de um lugar fantasma, onde os espectros do passado ainda vagam. A recorrente presença de figuras espectrais no poema transmite a presença dos que já partiram, cujas almas ainda assombram a cidade. Essa presença espectral intensifica a atmosfera assombrosa e proporciona uma sensação de melancolia e tristeza profunda. Além disso, o uso de uma linguagem sombria e metafórica contribui para a criação do clima fantasmagórico. O poeta descreve expressões poéticas que evocam um sentido de desolação e morte, onde as características físicas da cidade ganham uma qualidade sobrenatural.

Outro elemento a ser considerado é a escolha das palavras e o ritmo do poema. Cardozo utiliza uma linguagem poética rica e musical, criando uma cadência melancólica que

se assemelha a um lamento. Os procedimentos nos versos se intensificam a partir dos termos que indicariam o sentido sonoro, “falsete”, “voz fina do vento” e o “ouvir as horas”, reforçando a perspectiva de um município agonizante, tentado resistir ao seu trágico apagamento/silenciamento (LIMA, 2022, p. 221); correspondendo a afirmação de que (MOTA, 1948, p. 5):

> Depois de ler esse livro, a impressão que nos fica é a de que o Recife era uma cidade mergulhada na escuridão profunda e indevassável. Passávamos pelas ruas tateando os olhos inúteis diante das belezas circundantes. Foi Joaquim Cardozo quem acendeu os bicos de lampião nas grandes trevas, deixando-nos como um sonâmbulo que não sabe onde está no momento de recuperar a consciência [...]
> O Recife morto é o Recife liberto [...].

O ritmo lento e arrastado contribui para a atmosfera assombrosa do poema, transportando o leitor para a atmosfera desolada e fantasmagórica do Recife morto. Em suma, a produção lírica de Joaquim Cardozo apresenta elementos fantasmagóricos através de descrições de espaços vazios, figuras espectrais, linguagem sombria e ritmo melancólico. O poema cria uma visão poética de uma cidade abandonada e assombrada, evocando sentimentos de tristeza e melancolia profunda.

Entendendo a situação no início do século XX, enquanto a Europa passava por transformações, o Brasil enfrentava um cenário de decadência artística marcada por repetições (CAMPOS, 1966, p. 7-8). No cenário social-cultural de Pernambuco, o Estado passava por mudanças urbanísticas que silenciariam e apagariam a história local, circunstância que, na época, já apresentava efeitos na sociedade, pois já não se reconhecia e exaltava a simbologia da cidade através do seu cenário atual, um Recife que já não era mais o mesmo, um Recife morto. Desta forma, ao publicar “Recife morto” em 1925 e apresentá-lo nacionalmente em 1947 através de *Poemas*, Cardozo acentuaria a presença de um sujeito lírico que tentaria resgatar o Recife que estava apagado, morto, que só era lembrado quando remetido ao passado. Um Recife morto que se libertava das mutilações históricas de um cenário de latifúndio, monocultura e escravismo.

Aprofundando-se sobre o Recife que recorrentemente seria lembrado pelo seu passado, no mesmo estudo, apresento a relação de dois poemas pernambucanos que teriam relevantes aproximações: “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, e “Recife morto”, de Joaquim Cardozo, ambos marcados pela morte da capital de Pernambuco. Mais detalhadamente, no *Livro do Nordeste* (1925), Manuel Bandeira apresenta pela primeira vez o poema que marcaria o seu intenso contato poético com a cidade. Posteriormente, no mesmo livro, especificamente na página seguinte, Cardozo expõe seu estudo como crítico literário a

respeito do poeta da evocação. Curiosamente, após o *Livro*, Joaquim Cardozo publica “Recife morto” na *Revista do Norte*. O ponto crucial para o contato entre os dois poetas seria a utilização do termo que dá nome ao poema cardoziano, presente na última estrofe de “Evocação do Recife”: “**Recife morto,** Recife bom, Recife brasileiro como a casa do meu avô”[52] (BANDEIRA, 1925, p. 123, grifo meu).

Entre os encontros e os desencontros presentes em ambos poetas pernambucanos, pode-se destacar algumas aproximações. Ambos apresentam referências da mesma cidade e lamentam as mudanças urbanísticas através de versos livres, entonação expressiva e linguagem coloquial (LIMA, 2022, p. 226-227). Por outro lado, apesar dessas semelhanças, Joaquim Cardozo, ainda jovem à época, evoca um "Recife morto" original. Sua voz lírica é mais impessoal, apresentando um Recife morto que se mostra no presente após as ocorrências do passado. Cardozo explora o Recife esquecido, lembrado pelas pontes, canais, holandeses e caravelas; ele descreve o íntimo da cidade, o espírito do Recife, com todos os seus elementos fantasmagóricos, agonizantes, históricos e sociais. A "Província" é descrita através de seu "Espírito", distante da superficialidade.

Quanto à denominação de Cardozo como poeta do Rio Capibaribe, destaca-se a discussão de Éverton Correia em seu livro *Joaquim por João*. Nessa obra, Correia discute sobre o rio que envolve ambos poetas pernambucanos, Joaquim Cardozo e João Cabral de Melo Neto (CORREIA, 2022, p. 150-162). Em 25 de março de 1951, o *Diário de Pernambuco* divulga na seção "Álbum de dedicatórias”: “Impressa em *O cão sem plumas*, em João Cabra de Melo Neto: ‘A Joaquim Cardozo, poeta do Capibaribe’” (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO,* 1951, p. 6). Assim, em 1950, *O cão sem plumas* é publicado e apresenta a respectiva dedicatória a Joaquim Cardozo, atribuindo-lhe a nomeação de “poeta do Capibaribe”. No entanto, em 1954, Cabral publica *Rio*, obra que transferiria o título de Joaquim a João, pois; já em 1955, Olívio Montenegro publica a primeira matéria que apresentaria a denominação direcionada a Cabral, em julho de 55, no estudo “O poeta do Capibaribe”, republicado no *O Jornal*, no mês seguinte (MONTENEGRO, 1955, p. 4). Desde então, pouco se viu falar de “Joaquim Cardozo, o poeta do Capibaribe”[53].

---

[52] No capítulo mencionado, apresento detalhadamente sobre como esse contato foi descoberto. Para isso, fiz pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil, buscando os termos “Recife morto”. A pesquisa direcionou-me ao contato entre os dois poetas denominados "poeta do Recife morto" nas páginas do *Diário* (LIMA, 2022, p. 204-205).

[53] Na arguição da banca do exame de qualificação deste trabalho, realizada no dia 24 de abril de 2023, o Prof. Dr. Éverton Barbosa Correia (UERJ) comentou sobre a informação que envolve os dois poetas e o Rio Capibaribe, sugestão que resultou nesse breve apontamento acerca do assunto.

Ao apresentar a ilustração elaborada por Luís Jardim, Mauro Mota estaria relacionando-a com o poema “Espumas do mar”, o qual, no final do estudo, afirma ser um dos mais belos do livro. Em *Poemas,* a respectiva ilustração antecede o poema e representaria as imagens desenvolvidas por Cardozo em seus versos, isto é, os “cavalos ligeiros”, as crinas eriçadas, “a poeira das águas”, as “serenas curvas”, circunstância que enfatizaria o olhar de Mauro Mota a respeito dos aparatos imagéticos desenvolvidos por Cardozo em seu poema.

Em relação aos dois poemas cardozianos citados por Mauro Mota, tanto "Recife morto" quanto "Espumas do mar" compartilham características líricas e uma certa intensidade poética, mas diferem em termos de tema e tom. "Recife morto" retrata uma imagem desolada e abandonada da cidade do Recife, utilizando uma linguagem concisa e direta. O poema evoca um sentimento de abandono, destacando a falta de vida e a decadência da cidade, enfatizando a atmosfera melancólica e desoladora; em termos de estilo, a produção lírica apresenta métricas irregulares e versos livres. Por outro lado, "Espumas do mar" apresenta uma atmosfera mais fluida e poética. O poema descreve a imagem dos cavalos marinhos passando pelas ondas, evocando um senso de movimento, beleza e poder da natureza. O uso de imagens como "a poeira das águas/fazeis levantar" cria uma atmosfera poética e misteriosa. O poema transmite uma sensação de encantamento diante da força e da beleza das espumas do mar; e diferentemente do poema anterior, a respectiva produção lírica é composta por métricas regulares, isto é, redondilhas menores presentes nos setenta versos das quinze estrofes, além da musicalidade marcada. Em resumo, "Recife morto" retrata um cenário urbano desolado, enquanto "Espumas do mar" explora a exuberância e a força da natureza. Ambos os poemas são ricos em imagens e despertam diferentes emoções e reflexões.

Desta forma, pelas aproximações e os afastamentos contidos nos poemas, o jornalista e escritor afirma que, assim como os cavalos de “Espumas do mar”, o Recife não ficará perdido no “confusionismo”, com s mesmo, isto é, a onipresença expressa na poesia cardoziana não se perderia nas problemáticas e confusões contextuais marcadas por um momento; a alma poética do sujeito lírico de Joaquim Cardozo resiste à frente do seu tempo através das forças indomáveis do galope do cavalo, animal símbolo de força.

Com base no estudo de Mauro Mota, pode-se afirmar que suas publicações no jornal adotam uma perspectiva crítica literária analítica e interpretativa. Mota buscaria examinar e avaliar as obras literárias com base em critérios estéticos, históricos e culturais. A crítica literária de Mauro Mota é elogiosa e destaca a importância da obra de Joaquim Cardozo, especialmente sua conexão com o Recife e a capacidade de revelar a essência da cidade através das imagens de seus poemas.

“Os poemas de Joaquim Cardozo”, Olívio Montenegro

A terceira crítica sobre a lírica de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* foi produzida por Olívio Montenegro em 12 de setembro de 1948, com o título “Os poemas de Joaquim Cardoso”. Embora essa análise tenha sido destinada aos “D.A.”, não foi encontrada em outros periódicos, o que será melhor comentado posteriormente.

No âmbito literário, Olívio Montenegro esteve presente na coletânea *Seleta de autores pernambucanos*, organizada por Audálio Alves, Humberto Vasconcelos, Orlando Parahym e Roberto Benjamin, publicada em 1987 pela editora Jornal de Letras. Além disso, sua obra *O Romance brasileiro*[54], na qual comenta sobre distintas narrativas, também lhe rendeu uma citação na *História concisa da literatura brasileira* de Alfredo Bosi (1982). De maneira geral, Montenegro se diferencia dos outros escritores já mencionados, pois se destacou mais como crítico do que como autor literário. Essa distinção pode ser constatada através das diversas publicações periódicas nacionais que enfatizam sua função mais proeminente como crítico. A partir dos anos 30, ele dedicou-se com mais devoção ao cenário da crítica literária, embora tenha publicado romances inicialmente na década de 20. Essa perspectiva crítica e jornalística é o foco desta apresentação sobre Montenegro.

Ao longo do século XX, a imprensa tornou-se a principal referência para o crítico que nasceu no Estado da Paraíba, desenvolveu uma forte ligação com a essência pernambucana. Inicialmente, sua aparição foi limitada à região nordestina, e a sua relação próxima com Gilberto Freyre, Aníbal Fernandes, Sylvio Rabello, Manuel Bandeira, Cícero Dias, Luís Jardim e Álvaro Lins, personalidades que contribuíram para seu envolvimento e reconhecimento no cenário jornalístico e literário.

Mais detalhadamente, a primeira colaboração de Olívio Montenegro na imprensa local ocorreu em 1914, em *O Pernambuco*. Na época, Aníbal Fernandes era redator do periódico e, desde então, estreitou sua relação com Montenegro. O escritor paraibano também colaborou com o periódico *A Província* nos anos 20, jornal organizado por Freyre, como já apresentado no item anterior. Posteriormente, seu envolvimento com o movimento regional e sua relação com Fernandes o direcionou ao *Diário de Pernambuco* em 1940. Em diferentes jornais nacionais, Olívio Montenegro foi apresentado e referenciado por escritores do seu círculo de amizade, a começar com Álvaro Lins, em 1941, já considerado um crítico literário estimado

[54] O livro *O Romance brasileiro* (1953) conta com o prefácio assinado por Gilberto Freyre; além disso, em 1947, o escritor paraibano traduziu para a língua inglesa uma das obras de Freyre, *Interpretação do Brasil* (1947). Esses dados são considerados importantes porque, mais adiante, será comentada a próxima relação entre Montenegro e Freyre.

nacionalmente. Lins equiparou os julgamentos de Montenegro no *Correio da Manhã* com as obras de outros críticos relevantes da época (LINS, 1941, p. 2): “Somente no Recife é que os poemas de *A sombra do mundo* puderam ser lidos e julgados por um Gilberto Freyre, por um Olívio Montenegro, por um Luís Delgado, por um Aníbal Fernandes". Essa não foi a primeira menção a Montenegro que Álvaro Lins fez em periódicos; o crítico pernambucano o citou regularmente em suas publicações críticas no jornal carioca.

Em outras publicações diversas, é possível constatar que Olívio Montenegro recebeu recomendações de outros escritores e críticos por sua atuação, a saber, José Lins do Rego e Gilberto Freyre. Este último acompanhou a sua trajetória e o apresentou aos leitores do *O Jornal* e do *Diário de Pernambuco* em fevereiro de 1942, quando Olívio Montenegro firmava sua colaboração nos “D.A.” e assumia a direção da revista *Diretrizes*, ocupando as páginas dos jornais com seus estudos críticos com mais recorrência em publicações divulgadas aos domingos, nas quais discutia diferentes conteúdos. Desta forma, para uma melhor compreensão do trabalho que seria desenvolvido por Olívio Montenegro, assim como para uma recomendação de qualidade dos seus estudos, Gilberto Freyre publicou “A propósito de críticos”, no qual se dedica a comentar sobre o desenvolvimento crítico de Montenegro (FREYRE, 1942, p. 4):

> [...] Agora a direção da revista *Diretrizes* consegue este quase milagre: fazer que um dos nossos intelectuais mais esquivos, mais felinos, mais presos à doçura do borralho provinciano, se torne o crítico literário efetivo.[...]
> Como a crítica ativa e regular de escritores como o sr. Olívio Montenegro é a própria literatura brasileira que tende a se enriquecer e a se estabilizar — até onde esta estabilização é possível — nos seus motivos originais e nos seus verdadeiros característicos. Ele é dos que dão a difícil atividade de crítico, dignidade criadora e a complexidade psicológica e filosófica, elevando-a do simples parasitismo ou do censorismo rasteiro, embora pretensioso em que conservam os falsos profetas. Dignidade criadora que é também a condição da crítica admirável do sr. Álvaro Lins, no *Correio da Manhã*, a do sr. Tristão de Athayde no “Diários Associados” e a de três ou quatro outros escritores de primeira ordem, hoje dedicados à prática regular em revistas e diários brasileiros de menor ou maior importância.

Gilberto Freyre aproveita o espaço na imprensa para destacar Olívio Montenegro como um crítico literário brasileiro relevante na época, assim como outros renomados já haviam feito — como Lins do Rego e Athayde — circunstância que colabora para a credibilidade atribuída a Montenegro em suas futuras aparições. Em 1946, o crítico paraibano é citado no *O Jornal*, em uma nota que comunica o início da sua colaboração efetiva no periódico carioca *Diário de Notícias*. Essa informação é interessante porque a imprensa sudestina passar a considerar e apontar eruditos que não estão no eixo central da capital da

República, ampliando o reconhecimento de intelectuais fora do centro do país e modificando o significado das expressões "província" e "metrópole". Vejamos (*O JORNAL*, 1946, p. 3):

> Está definitivamente assentada a entrega do rodapé de crítica literária de um dos diários desta capital ao escritor pernambucano, Olívio Montenegro [...] Nome pouco familiar ao público da capital da República, os amigos de Olívio Montenegro não se cansam, porém, de ver nele uma das mais notáveis organizações de crítico da nossa atual literatura. O rodapé que agora lhe foi confiado será, portanto, excelente oportunidade para que estabeleça contacto com os leitores do Rio e dê uma demonstração dos seus recursos de erudição e argúcia. Olívio Montenegro é, aliás, outro escritor provinciano chamado a atuar na imprensa carioca, o que não deixa de ser mais uma prova de que os termos "província" e "metrópole" não têm mais expressão no Brasil, e que a rua do Ouvidor já deixou de ser o único corredor capaz de conduzir à glória literária neste vasto país de poetas e bacharéis.

Ocupar páginas em jornais cariocas não foi apenas uma conquista para Olívio Montenegro, mas também para todos aqueles que faziam parte do grupo da região nordestina, pois permitiu expandir os estudos locais e divulgar a intelectualidade existente fora da capital do país, que até então era limitada apenas à sua centralidade. Nesse contexto, uma matéria assinada pelo pseudônimo “Z.”, utilizado por Aníbal Fernandes na seção “Cousas da cidade” no *Diário de Pernambuco*, intitulada “Um escritor e um crítico da província”, em outubro de 1946, celebra a presença de Olívio Montenegro no *Diário de Notícias* (FERNANDES, 1946, p. 4):

> A escolha do nome de Olívio Montenegro para crítico literário de um grande jornal do Rio de Janeiro repercute no Recife com a mais viva simpatia.
> Olívio Montenegro sempre quis ser um escritor da província, como Gilberto Freyre, Sylvio Rabello, Odilon Nestor, Luiz Cedro, Julio Belo, Luiz Delgado e outros ligados ao Recife, e aqui se deixando ficar a vida toda.
> [...] Olívio Montenegro, que sempre se destacou pela objetividade e a seriedade de sua crítica, leva para o *Diário de Notícias* as melhores qualidades do crítico: a cultura literária, o bom gosto no escrever, a ausência de qualquer preconceito e o amor à literatura.

De maneira geral, nas publicações no *Diário* e nos periódicos cariocas, Montenegro abordava diversas problemáticas, como política, literatura, filosofia, educação, sociologia, arte, entre outras; contudo, a maioria de seus estudos se dedicava à literatura. Dentre as personalidades estudadas e comentadas pelo crítico paraibano, destacam-se além de Joaquim Cardozo, nomes como Sylvio Rabello, Aurélio Buarque de Holanda, Josué de Castro, Bezerra de Freitas, Cícero Dias, Rachel de Queiroz, Luís de Camões, Richard Wright, Stendhal, Friedrich Nietzsche, Fiódor Dostoiévski, Edgar Allan Poe, H. G. Wells, Virginia Woolf, Michel de Montaigne, José Guimarães Rosa, Ivan Pedro de Martins, Lúcio Cardoso e Lima Barreto. Essa lista evidencia um dos pontos fortes da crítica literária de Montenegro, que é a sua capacidade de estabelecer diálogos entre diferentes obras e autores, apontando conexões e

influências que contribuiriam para uma compreensão mais ampla do cenário literário. Montenegro demonstra um olhar atento para os movimentos literários e as transformações estéticas, buscando identificar tendências e inovações nas obras analisadas. Portanto, as diferentes personalidades comentadas pelo escritor na imprensa ressaltam os conhecimentos e seu interesse multifacetado no cenário artístico.

A linguagem utilizada por Olívio Montenegro em suas publicações está de acordo com o estilo desenvolvido e inspirado por Gilberto Freyre, no qual utiliza um vocabulário acessível e de fácil compreensão. Em sua grande maioria, as críticas são apresentadas inteiramente em uma única página, o que facilita a leitura integral do estudo.

Vale destacar que, no início da atuação de Olívio Montenegro no *Diário de Notícias*, devido a fazer parte dos "D.A.", o periódico carioca republicou alguns estudos assinados pelo escritor que haviam sido originalmente publicados no *Diário de Pernambuco*, inclusive, há publicações com quase um ano de diferença entre as datas das publicações nos jornais. Contudo, a resenha elaborada acerca de *Poemas*, destinada aos "D. A.", não foi encontrada em outros periódicos além do jornal centenário pernambucano. Essa circunstância levanta reflexões sobre o quanto *Poemas*, obra de estreia de Cardozo, pode ter sido ignorado por outros veículos de imprensa. Abaixo, veja a resenha "Os poemas de Joaquim Cardozo", escrita por Olívio Montenegro:

Figura 12 - "Os poemas de Joaquim Cardoso", Olívio Montenegro, 1948.

Os poemas de Joaquim Cardoso

Olivio MONTENEGRO

(Para os "D. A.")

Em regra o publico para livro de versos é muito reduzido entre nós e mais reduzido, hoje, parece, do que antigamente, sobretudo quando se trata de uma poesia de poucos efeitos verbais, com essa especie de harmonia que toca mais à sensibilidade do que aos ouvidos.

Daí não causar nenhuma surpresa que o livro "Poemas" de Joaquim Cardoso, editado pela Livraria Agir, tenha passado em um tão respeitoso e grave silencio. Mas não duvido que o autor prefira de bom grado esse silencio quase religioso em torno do seu livro à publicidade espalhafatosa que no Brasil ordinariamente faz o sucesso de tanto livro mediocre, como se a tolice humana precisasse mais de consagração do que o talento.

E com isto aquele poeta dá sinal de um nobre pudor, principalmente numa época de tanta anarquia intelectual em que já não se chega muitas vezes a saber o valor exato das palavras.

Para um autor que não faz da gloria o seu caso pessoal, e não procura a arte senão como um meio de chegar a uma expressão maior de si mesmo e da vida, a uma mais certa dimensão da sua personalidade, não é o sucesso o que antes de tudo importa; mas a verdade do que ele exprime. Autores dessa especie, ao contrario do que por vezes acontece mesmo entre grandes talentos, não correm jamais o risco de cair em um estado de idolatria diante da propria obra, e concentrar-se nela como na verdade eterna, satisfeitos de retribuir à natureza o bem particular de lê-los trazidos à existencia terrena com o bem universal dos seus livros. Com essa garantia de lhe que, sem humildade nenhuma, eles levam para a posteridade.

Porque esses grandes homens quando falam muito de si mesmos e da sua obra, todo o dia descobrindo um detalhe mais interessante, uma nova particularidade do seu genio, não é tanto pelos contemporaneos, que nem sempre merecem essa confiança; é sobretudo por causa da posteridade; para que a posteridade quando se voltar ansiosa para eles não seja ludibriada pelos erros de nenhum critico, e encontre com segurança a fonte por excelencia. Não sei, mas não alcanço compreender que o ridiculo de certas vaidades possa servir ao talento, ao espirito, ao genio que seja! Que o homem, inteligente, de uma inteligencia feita para os altos problemas da historia e da arte, possa vir a encerrar-se num só conflito: o conflito entre o seu interesse e a sua vaidade.

De sorte que quando me deparo com um livro em que não é um autor, com todos os orgulhos de autor, mas um homem com todas as inocencias e todos os misterios do homem que vem ao encontro do leitor, não ponho limites à minha admiração.

Conhecia de Joaquim Cardoso poemas esparsos, varios deles nem publicados ainda, e vistos em mãos de amigos, que os guardava com um zelo misterioso. Mas somente agora, com o livro publicado pela "Agir", é que se pode ver toda a medida do poeta: distinguir entre o que poderia parecer um gosto literario simplesmente, um diletantismo, e o que exprime antes um temperamento, uma verdade imperiosa de poeta.

A virtude por excelencia da poesia não é condensar em palavras de um imprevisto poder emocional, ou em imagens de um sólido relevo, trechos naturais de vida da mesma natureza [illegible] do sonho; a sua virtude maior estaria antes no poder de intensificar em idéias ou aprofundar em mistério, fatos e impressões da vida comum. Todo o escritor que chegue uma vez a essa plenitude de inspiração, a esse entusiasmo criador ele manifesta-se poeta.

Joaquim Cardoso em muitos dos seus poemas dá sinal dessa estranha e bela força. A intelectualização da sua sensibilidade poetica não o faz transcendental e hermetico na sua poesia. Não o leva, como acontece a tantos poetas abstracionistas, à completa [illegible] da imagem poetica. Mesmo porque a força poetica da sua imaginação ainda é do tipo romantico.

Não é a vida nos quadros geometricos da arte pura, mas a vida como uma experiencia profundamente elaborada pela inteligencia e pelos sentidos, de um gosto ao mesmo tempo carnal e mistico o que ele procura refazer, pela imaginação, nos seus poemas. Não se trata aqui de um pintor de abstrações, e o que, por outro lado, existe nos seus versos de inquietação sensual, raramente um pensamento vivo e puro não espiritualiza em inteligencia contemplativa o desejo da carne.

Não sei tambem de poeta que traduzisse em versos de uma voz mais pungente as formas mortas-vivas da sua cidade do que Cardoso em varios dos seus poemas sobre o Recife. Ou sobre velhas ruas do Recife. O poema "Velhas ruas" abre, por exemplo, com esses versos de uma admiravel sugestão:

Velhas ruas!
Cumplices da treva e dos ladrões.
Escuras e estreitas, humildes pardieiros
Quanta gente esquecida e abandonada!

As varandas se alongam
Num gesto atento e imovel de quem espreita
Rumor, sombra de passos que passaram,
Tacto de mãos ligeiras invisiveis!

Mas são os ultimos poemas do livro, "O soldado", "O relogio", "Figuras do vento", em que a sensibilidade poetica desse autor mais se apura naquelas qualidades de ritmo e de [illegible] à palavra toda a mágica vida da idéia e do sentimento que as conduzem.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1948, p. 4).

De início, Montenegro aproveitou o espaço para apontar o silêncio da crítica acerca do primeiro livro de Cardozo. Mesmo que o poeta pernambucano tivesse a colaboração da divulgação de Drummond, Bandeira, entre outras personalidades importantes da literatura nacional, o escritor e jornalista escancara aquilo que considera equívocos da crítica na época.

Segundo Montenegro, a crítica estava voltada a promover ruidosamente escritores e obras que não mereciam os holofotes direcionados a eles. Esses escritores se autointitulavam como grandes talentos, mas não produziam obras de qualidades inquestionáveis, criando uma espécie de "anarquia intelectual". Em contraste, Joaquim Cardozo esquivou-se do início ao fim de sua carreira literária da vaidade de ser um autor celebrado, o que o destacava entre os demais, mas o afastava da esfera crítica que preparava o espaço do literato para a posteridade.

Sobre a posteridade mencionada por Montenegro, a importância da divulgação frequente de obras e autores como Joaquim Cardozo é colaborar para que, no futuro, os críticos que desenvolveram trabalhos a respeito dos diferentes escritores tenham qualidade e segurança para auxiliar os futuros estudiosos em suas pesquisas. De acordo com Olívio Montenegro, a possibilidade de aferir valor a *Poemas*, produção de um poeta que até então restringia suas produções ao seu grupo seleto de amigos e conhecidos, oferecia à crítica a oportunidade de “distinguir entre o que poderia parecer um gesto literário simplesmente, um diletantismo, e o que exprime antes um temperamento, uma vontade imperiosa de poeta” (MONTENEGRO, 1948, p. 4).

Além disso, para Montenegro, o silêncio da crítica dizia mais sobre o próprio julgamento do que sobre a poesia de Joaquim Cardozo. A apreciação apresentada nos jornais da época aparentemente buscou evitar a complexidade de uma lírica profunda que exigisse estudos teóricos mais elaborados, considerados muitas vezes ultrapassados e que levariam mais tempo para serem desenvolvidos, aliás, o tempo era visto como inimigo das notícias na imprensa. Além disso, interessava à crítica de jornais a disputa por espaço e as suas polêmicas entre os escritores e estudiosos, algo que Joaquim Cardozo aparentemente não se envolvia.

Com base nessas problemáticas apontadas por Olívio Montenegro, o escritor exalta o papel do crítico literário que apresenta um teor doutrinário, como ocorria entre os séculos XIX e XX, uma vez que, em seus anos iniciais, a imprensa brasileira ela formada por literatos, o que acentuou o caráter literário nos periódicos e nas revistas nacionais; entretanto, posteriormente, os jornais e revistas passaram a se diferenciar em suas publicações e colaboradores. De acordo com Brito Broca (1959), muitos dos escritores precisaram tangenciar o caráter puramente doutrinário, no que concerne à literatura, abordando também outras temáticas para manter-se financeiramente através da escrita (BROCA, 1956, p. 210). Por isso, principalmente a partir da segunda fase da modernização da imprensa, as publicações se dividiram entre aquelas de caráter essencialmente literário e as de cunho mais mundano. Essa ocorrência se justifica porque as críticas em periódicos estavam preocupadas com a receptividade do público, principalmente em relação à literatura brasileira, que

geralmente busca exprimir a sensibilidade nacional em suas produções; uma concepção que se afasta da desejada por Olívio Montenegro.

Propriamente sobre a poesia cardoziana, o escritor paraibano afirma que "de sorte que quando me deparo com um livro em que não é um autor, com todos os orgulhos de autor, mas um homem com todas as incertezas e todos os mistérios do homem que vem ao encontro do leitor, não ponho limites à minha admiração". Tal comentário sugere colocar o homem Cardozo à frente do escritor; desta forma, Montenegro tocaria na concepção de um poeta que apresenta problemáticas da vida sublimada à produção poética, fato que direcionaria a lírica cardoziana a uma aproximação relativa ao romantismo, movimento em que tal perspectiva evidenciou-se com mais recorrência.

Mais adiante, Olívio Montenegro destaca o trabalho desenvolvido por Cardozo, que se dedica à sensibilidade e aos sentidos. Mesmo Joaquim Cardozo destacando sua intelectualidade incomum, o poeta não tornaria a sua poesia incompreensível nem exageradamente transcendente, pois equilibraria os sentidos carnais e místicos, além de uma imaginação que se assemelharia ao romântico, segundo Montenegro. essa posição difere da de Campos, que afirmou ser a poesia de Cardozo "antirromântica". De fato, a poesia cardoziana apresenta oposições, dependendo da sua perspectiva. Em relação à forma, o poeta desenvolve a construção dos versos de maneira que se opõe ao que comumente é visto no romântico. Apesar disso, a valorização da natureza, sua pureza e as emoções que muitas vezes são exaltadas mostram que a poesia cardoziana também apresenta um exercício de imaginação que toca o romântico em certos aspectos. Vale ressaltar que nenhum estilo é totalmente desconectado dos seus antecessores, o que torna compreensível alguns pontos de contato entre diferentes movimentos e estilos.

Além desses procedimentos, ao final do texto, o crítico aponta tensões que permeiam as produções de Joaquim Cardozo em *Poemas*: a inquietação sensual, na qual Cardozo utiliza "raramente um pensamento vivo e puro não espiritualmente em inteligência contemplativa o desejo da carne". Tal afirmação destaca que o poeta manipula elementos que, à primeira instância, apresentam-se com uma linha interpretativa de pureza cristalizada. O "nobre pudor" do poeta concilia suas habilidades com formas noturnas rodeadas de mistérios que se cristalizam nas imagens apresentadas. A inquietação sensual, presente na poesia cardoziana, é exposta em seus versos afastados da vaidade carnal.

A segunda tenção, que foi exposta inicialmente por Mauro Mota, também será discutida através de outros estudos críticos além de Montenegro, pois considera-se uma das perspectivas que mais evidentes na poesia cardoziana, como comenta Olívio Montenegro:

“Não sei também de poeta que traduzisse em versos de uma voz mais pungente as formas mortas-vivas da sua cidade do que Cardoso em vários dos seus poemas sobre o Recife”. O crítico comenta brevemente o transcendentalismo presente na poesia de Joaquim Cardozo ao tratar da sua terra natal, no qual diferentes elementos, materiais e imateriais, são humanizados pelo poeta, seja através da “ironia curiosa das calçadas”, de “Recife morto”, ou através dos “coqueiros doidos/De Tramataia", de “Recordações de Tramataia”. A lírica do poeta instiga a imaginação e os sentidos de quem observa os seus versos. Assim como ocorre com a perspectiva sensualista da poesia de Joaquim Cardozo, a caracterização imaginativa de elementos considerados desproporcionais à sua exibição é apresentada em Cardozo de modo sutil e delicado. A leveza em seus versos transmite ocorrências consideradas românticas para Montenegro.

Os comentários de Olívio Montenegro sobre o processo de construção poética adotado por Joaquim Cardozo destacam duas estrofes e oito versos do poema "Velhas ruas", o segundo poema apresentado em *Poemas*, que exprime uma atmosfera melancólica e evoca a imagem das ruas antigas e abandonadas. O título e primeiro verso, "Velhas ruas!", com o uso do adjetivo antes do substantivo, evoca a ideia de decadência e desgaste. As ruas são retratadas como antigas, carregando consigo histórias e memórias. No segundo verso, "Cúmplices da treva e dos ladrões,”, a expressão sugere que as ruas são coniventes com a escuridão e a atividade criminosa. Isso pode ser interpretado como uma metáfora para a sensação de insegurança e abandono que envolve esses espaços. Em "Escuras e estreitas, humildes pardieiros" (v. 3), as ruas são descritas enfatizando a atmosfera sombria e claustrofóbica. A palavra "pardieiros" sugere humildade e deterioração, fazendo referência a casas modestas e abandonadas. "Quanta gente esquecida e abandonada!", último verso da primeira estrofe, destaca a presença de pessoas esquecidas e abandonadas nessas ruas. Essa imagem evoca um sentimento de solidão e marginalização, sugerindo que as ruas são habitadas por aqueles que foram deixados de lado pela sociedade.

Na segunda estrofe posta em destaque, "As varandas se alongam/Num gesto atento e imóvel de quem espreita", as varandas são personificadas, assumindo uma postura de vigilância e expectativa; essa personificação intensifica a sensação de que há uma atmosfera de mistério e suspeita nessas ruas abandonadas. Por último, "Rumor, sombra de passos que passaram,/Tato de mãos ligeiras invisíveis.", destacam a presença residual de atividades passadas nas ruas. O "rumor" e a "sombra de passos" sugerem a existência de pessoas que já estiveram lá, mas agora são apenas memórias. O "tato de mãos ligeiras invisíveis" reforça a ideia de ações sutis e imperceptíveis que ocorreram no passado. Ou seja, no geral, os versos

do poema "Velhas ruas" retratam uma atmosfera de abandono, solidão e decadência, na qual Joaquim Cardozo utiliza imagens evocativas para transmitir uma sensação de melancolia e desolação diante do esquecimento e da marginalização presente nessas ruas antigas. Como se pode perceber, os versos destacados por Olívio Montenegro justificariam os seus apontamentos acerca da personificação das "formas mortas-vivas", perspectiva recorrente quando se trata de poemas que envolvem a província.

As considerações de Olívio Montenegro enfatizam os últimos poemas do livro, incluindo "O soldado", "O relógio" e "Figuras do vento", no quais "a sensibilidade poética desse autor mais se apura naquelas qualidades de ritmo e de sonoridade à palavra toda a mágica vida da ideia e do sentimento que as conduzem". Sobre os poemas destacados, pode-se comentar brevemente que "O Soldado", inserido em "Anjos da paz", é uma reflexão sobre a contradição entre a violência da guerra e a busca pela paz. A voz lírica questiona a verdadeira natureza dos supostos anjos da paz e chama a atenção para as consequências devastadoras da guerra, ao mesmo tempo em que expressa o desejo de um mundo melhor; o poema "O relógio", de Joaquim Cardozo, retrata uma atmosfera sombria, explorando temas como a passagem do tempo, a solidão e a morte, através das imagens poéticas evocativas que transmitem a sensação de mistério, desequilíbrio e melancolia diante da efemeridade da existência e do destino trágico; no poema "Figuras do vento", apresenta-se uma reflexão sobre as diferentes manifestações e simbolismos do vento, no qual sugere imagens de delicadeza e alteridade que evocam a ideia de ilusão e transitoriedade amplificando a sensação de liberdade e movimento, destacando a natureza efêmera do vento. Imagens que transmitem a ideia de força e fertilidade, simbolizando a capacidade de o vento trazer transformações e promover o crescimento que expressam uma dimensão emocional, associando o vento às memórias e aos sentimentos. Assim, mesmo não utilizando a classificação de "Espírito", denominada por Drummond, Olívio Montenegro aponta o conceito como uma das tensões que regem a poesia de Cardozo, ou seja, as problemáticas universais que expressam os diversos sentimentos humanos. Além disso, ao enfatizar o sentimento expresso pela sonoridade, Montenegro destacaria algo que difere os três poemas de "Velhas ruas": a métrica padronizada — "O Soldado" e "O Relógio" através da redondilha maior e "Figuras do vento" com redondilhas menores —; essa escolha métrica e a melodia marcante ressaltariam os passos do soldado, a contagem do relógio e a leveza do movimento que o vento transmite, poemas que capricham nas rimas tônicas e externas, diferentemente da proposta de "Velhas ruas".

O estudo assinado por Olívio Montenegro acentua a multiplicidade presente no poeta das "Velhas ruas", enfatizando a sensibilidade do homem-autor Joaquim Cardozo, que

problematiza as questões universais e sentimentalistas, característica que deslizaria para o romantismo, entretanto, segundo Montenegro, também está presente em Joaquim Cardozo a "intelectualização da sua sensibilidade", o que o afasta do romantismo e o aproxima do modernismo. O que torna a poesia cardoziana singular para Montenegro é sua habilidade em intensificar e aprofundar as ideias acerca das impressões comuns da vida, por meio da intelectualização e do sentimentalismo.

Com base nos comentários de Montenegro a respeito da crítica literária da época, é possível compreender as problemáticas que cercavam o cenário, no qual os críticos apresentavam interesses divergentes. Alguns buscavam análises mais embasadas com relações teóricas, enquanto outras produções críticas tinham um caráter mais noticioso. Ademais, a partir das críticas apresentadas neste capítulo, alguns pontos se aproximam e outros se afastam, o que garante leituras que atestam a profundidade das produções de Joaquim Cardozo. Mesmo que seus poemas não apresentem complexidades interpretativas para leitores diletantes, a poesia cardoziana se destaca por sua dualidade em ser complexa para os estudos mais profundos que analisam seu processo de produção, estilo e estética. Isso se justifica pelo fato de que suas produções líricas apresentam simultaneamente a linguagem cotidiana e literária[55]. Em outras palavras, a poesia de Cardozo utiliza conotação, ambiguidade, autorreferencialidade, estética, complexidade e sistematicidade, mas também incorpora elementos da linguagem cotidiana, como transitividade, denotação, referencialidade e pragmatização. Portanto, os poemas de Joaquim Cardozo podem ser apreciados e compreendidos por diferentes leitores, sejam eles especialistas ou diletantes, a partir de distintas perspectivas.

"Os *Poemas* de Joaquim Cardozo", Jorge de Lima

Em 1º de janeiro de 1949, a última crítica da década de 40 direcionada à lírica de Joaquim Cardozo foi publicada no *Diário*, intitulada "Os *Poemas* de Joaquim Cardozo". Sobre a divulgação desse estudo, o texto foi primeiramente publicado no periódico carioca *A Manhã*, a saber, que esse jornal também estava inserido no grupo de jornais ativos dos "Diários Associados". Desta forma, os leitores do Rio de Janeiro tiveram acesso ao material no final do ano de 1948, em 23 de dezembro. Mais uma vez, o jornal pernambucano demonstra um diálogo com a crítica que tinha como matriz a região Sudeste, uma vez que o *Diário* produziu diferentes materiais acerca de Joaquim Cardozo em distintos momentos, mas,

[55] A discussão e diferenciação entre a linguagem cotidiana e literária podem ser constatadas em Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria* (2010, p. 39).

como já pontuado, não foi visto o movimento inverso de publicação, isto é, as publicações sobre *Poemas* que tiveram origem no jornal da praça e foram republicadas em periódicos sudestinos que faziam parte dos "D. A.", mesmo sendo um periódico que era formado por colaboradores que conheciam Joaquim Cardozo em suas diferentes faces e tinham muito a contribuir acerca do poeta, situação que demonstraria desinteresse e descredibilização da imprensa da região Sudeste quanto a imprensa da região Nordeste.em relação à imprensa da região Nordeste.

Diferentemente do modo como os estudos anteriores foram apresentados, considerou-se aqui mais adequado inverter a ordem de apresentação do escritor Jorge de Lima, discutindo primeiramente sua atuação no âmbito jornalístico e, posteriormente, no âmbito literário. Interessantemente, na década de 40, entre os escritores até aqui discutidos, Jorge de Lima é o mais citado, entre os quatro, nos diferentes periódicos do Brasil. O fato curioso sobre tal informação é que Lima não tem a sua figura marcada como um homem dos jornais; sua atuação na literatura sobressai em relação à sua contribuição na imprensa. Talvez por isso, o escritor tenha sido recorrentemente citado nos periódicos, e sua influência como poeta, romancista, ensaísta e médico[56] aguçava as menções expressas.

Em suas diferentes publicações na imprensa, Jorge de Lima apresentava uma linguagem razoavelmente simples, no entanto, mesmo que seu vocabulário não excedesse o nível de incompreensão, o conteúdo de alguns de seus artigos era considerado inadequado para o canal utilizado. As publicações assinadas por Lima e expostas nos jornais brasileiros eram escritas de forma literária e mais direcionadas ao público seletivo do âmbito literário. Por exemplo, na matéria publicada no periódico *A Manhã*, intitulada "Medidas de ritmos", o escritor comenta sobre simetria e figuras do ritmo (LIMA, 1948, p. 4): "Em cada figura simétrica repete-se uma unidade dinâmica que não muda; o tema, elemento invariável em qualquer transformação. Assim, as leis mais gerais derivam da ideia de unidade, as de correspondência e de continuidade possuíam a noção do tema". Como se pode observar, Jorge de Lima utiliza terminologia e teorias que não são de ampla compreensão dos leitores em periódicos, mas, dependendo do conteúdo, a linguagem utilizada pelo escritor alagoano se mostra mais acessível.

Em geral, a perspectiva crítica apresentada por Jorge de Lima pode ser classificada como resenhas, nas quais Jorge de Lima demonstra mais sua posição e habilidades como escritor literário do que propriamente como crítico. Isso se justifica pelo fato de que, em seus

[56] Importante salientar que muitos desses periódicos divulgavam a clínica médica de Jorge de Lima em suas seções publicitárias, o que elevou ainda mais o número de ocorrências com o seu nome.

inúmeros estudos, sua principal atuação era divulgar temáticas e conteúdos de seu interesse, como economia, religiosidade, democracia, civilização; ele ocasionalmente destacava alguns escritores, mas de maneira menos incisiva. A propósito, assim como foi pontuado em Paulo Mendes Campos, em alguns de seus estudos, Jorge de Lima não costumava apresentar o nome dos escritores que discutia nos títulos de suas publicações. Em vez disso, ele comumente destacava um personagem da narrativa, o nome da obra ou os elementos que marcam a produção, colocando o autor em segundo plano; como demonstração, Jorge de Lima discutiu sobre a publicação "*Odisseia"*, acerca da obra de Homero; a matéria intitulada "Zoologia, duendes e criaturas", discute sobre *Margarida La Rocque* (1949), de Dinah Silveira de Queiroz; "Ode ao coxo veloz", a qual comenta sobre *Bernanos no Brasil* (1938-1945), de Hubert Sarrazin; "*Mitos socialistas*" (1938), o nome da obra de Thierry Maulnier apresenta-se como título do estudo; "Os amigos das pulgas", ao comentar sobre *O domador de pulgas* (1936), de Max Jiménez; "Elogio de uma poeta" (1948), no qual apresenta José Maria Delgado Tubino. Apesar disso, o escritor destacou o próprio poeta e sua obra *Poemas* no título do estudo, intitulado "Os *Poemas* de Joaquim Cardozo".

É importante lembrar que Jorge de Lima vivenciou relevantes acontecimentos que influenciaram não só suas publicações na imprensa, mas também sua atuação na política brasileira e suas obras literárias. O escritor alagoano viveu toda a Era Vargas e as ocorrências do pós-Primeira Guerra, assim como a Segunda Guerra Mundial, problemáticas que influenciaram nos estudos que discutia. Ele publicou com recorrência sobre o humanismo, o totalitarismo, a civilização e, com bastante ênfase, sobre o cristianismo. A presença do cristianismo em Jorge de Lima não se limita a uma mera adoção de símbolos e temas religiosos. Sua abordagem é marcada por uma profunda espiritualidade, uma busca pelo transcendente e uma reflexão sobre o papel da fé na vida humana. Um exemplo marcante é a *Invenção de Orfeu* (1952), uma extensa obra permeada por referências bíblicas e simbolismos religiosos. Por meio de sua escrita, ele explora os aspectos simbólicos e metafísicos do cristianismo, criando uma obra literária que transcende os limites da religião e dialoga com questões universais sobre a existência e a espiritualidade. Com base nessas informações, entende-se sua discussão e o seu envolvimento peculiar com o modernismo, e a influência na sua arte dos cenários e problemáticas que sondavam a época.

Por outro lado, no âmbito literário, Jorge de Lima tem o seu percurso estabilizado e assistido de forma crescente. O escritor tem a sua primeira obra publicada em 1914, intitulada *XIV Alexandrinos,* o que inicialmente o diferencia dos três escritores anteriormente comentados. Ao publicar o estudo acerca da poesia de Joaquim Cardozo, Lima já apresentava

uma posição relativamente estável como escritor, consolidado na historiografia e na crítica literária. Aliás, em várias obras historiográficas, observa-se a aproximação de Jorge de Lima com a de Joaquim Cardozo; por exemplo, na *Apresentação da poesia brasileira*, de Manuel Bandeira, o poeta da "Evocação" descreve brevemente a poesia cardoziana e, em seguida, apresenta mais demoradamente a lírica de Jorge de Lima, na qual destaca o livro do poeta, *Poemas* (1927), concordando com os apontamentos feitos por José Lins do Rego, que demonstram uma aproximação de Jorge de Lima com a região, relação esta que será comentada da seguinte maneira (BANDEIRA, 1967, p. 163):

> "Eu poderia dizer", escreveu José Lins do Rego, "que com esse caderno dos *Poemas* o Nordeste teve o seu primeiro livro de poesia. O Nordeste dos cangaceiros, do Rio de São Francisco, de lampião, do padre Cícero, da *Great Western Brazil Railway*, dos engenhos-banguês, das procissões, das bonecas de pano que se vendem nas feiras, de todo a sentimentalidade tão característica de nossa gente". Alguns dos poemas desse livro e do que se lhe seguiu, *Novos Poemas*, garantem ao seu autor um nome duradouro em nossa poesia, porque figuram entre as melhores e mais saborosas interpretações da paisagem e da alma brasileira.

Jorge de Lima também está presente em *A literatura no Brasil*, no volume acerca do modernismo, de Afrânio Coutinho; e Alfredo Bosi apresenta o poeta em "Jorge de Lima poeta em movimento" (2016) e em *História concisa da literatura brasileira* (1982), no qual o crítico comenta sobre os primeiros poemas de Lima publicados e que se aproximam da perspectiva provinciana. A partir dos seus comentários, interpreta-se que teria havido uma "evolução" ao afastar-se do parnasianismo e se aproximar do modernismo, quando passou a residir no Rio de Janeiro (BOSI, 2017, p. 183). Discorda-se da perspectiva apresentada por Alfredo Bosi, uma vez que certamente entende-se que houve uma mudança acerca das produções literárias de Jorge de Lima com o decorrer do tempo, modificações que se justificariam ao considerar que o poeta alagoano amadureceu literariamente, descobrindo novas formas, estéticas e vivências em suas obras. Essa situação não diminui a qualidade de suas produções iniciais; pelo contrário, é sobre essas produções e suas contextualizações que aqui pretende-se discutir mais detalhadamente.

Nos anos 20, ainda residindo em Maceió, Jorge de Lima, assim como outros poetas, publicou poemas em periódicos antes de suas publicações oficiais em livros, ocorrência que, ao observar alguns de seus poemas que foram publicados em jornais da região, acentuou-se a perspectiva regional em sua lírica. Desta forma, compreendendo a agitação cultural da época, buscou-se referências que apontassem a relação do poeta alagoano com a literatura modernista que estava em voga no momento. Essa pesquisa direcionou a uma publicação de Aníbal Fernandes, divulgada em 13 de maio de 1928, "As aspirações em torno de um livro",

no *Diário de Pernambuco*, matéria que dedica seu espaço a comentar sobre a falta de discussões e divulgação acerca do *Livro do Nordeste* (FERNANDES, 1928, p. 1): "[...] muita pouca gente conhece o livro. Sobre a vida do Nordeste brasileiro, em todos os seus aspectos, não se publicou no Brasil nada que se possa comparar. A dura verdade é que o livro interessou a muito pouca gente". Mesmo demonstrando insatisfação acerca dos diferentes leitores críticos da época que ignoraram o livro, Fernandes apresenta entusiasmo ao observar que o estudo assinado por Gilberto Freyre, "Vida social no Nordeste", inserido no *Livro do Nordeste*, estaria tornando-se referência para as produções literárias que estavam sendo produzidas e publicadas no momento. Isto é, o "ensaio de Gilberto, tão pouco lido e tão pouco divulgado, está desenvolvendo entre nós uma verdadeira literatura que se tem publicado no Nordeste". A saber, Aníbal Fernandes está se referindo, primeiramente, a José Américo de Almeida, com *A Bagaceira*, e "agora Jorge de Lima publica dois poemas, 'Essa negra fulô' e 'Banguês', os quais são também inspirados no estudo do escritor pernambucano". De modo didático e com intuito de atestar a sua afirmação, o jornalista faz a seguinte comparação (FERNANDES, 1928, p. 1):

> Escreveu Gilberto: "perdeu a paisagem aquele seu ar ingênuo dos flagrantes de Koster e de Hinderson para adquirir o das modernas fotográficas e avenidas..."
> "Já se não sucedem entre léguas de canaviais os casarões vastos de outrora, de uma alvura franciscana de cal e às vezes de cor de ocre amarelo, tendo perto o longo telheiro avermelhado do engenho e a casa de purgar e a de farinha a capela também muito branca de cal: elevando-se usinas. Os arrivistas da paisagem fumando insolentemente charutos negros, enormes..."
> Pois, Jorge de Lima, encantadoramente, em verso, essas ideias:
> "Cadê você meu país Nordeste
> Que eu não vi nessa usina Central
> Leão de minha terra?
> Ah! Usina, você engoliu os banguezinhos
> Do país das Alagoas!
> Você é grande, Usina Leão!
> Você é forte, Usina Leão!
> As suas turbinas tem o diabo no corpo!"
> "o meu banguezinho era tão diferente,
> Vestidinho de branco, o chapeuzinho
> Do telhado sobre os olhos,
> Fumando o cigarro do bueiro pra namorar
> a mata virgem."

Sobre a amostra comparativa feita por Fernandes, de fato, há de se considerar a referência de Gilberto Freyre nas produções literárias que surgiam na região durante a época. Porém, a fonte primária de tais reflexões não foi tão bem divulgada e aceita como os poemas do alagoano — que eram "cheios de colorido" e pitoresco, como o próprio Fernandes pontuou. Ao final da publicação posta no *Diário*, o jornalista já observava uma visibilidade diferenciada do que considerada com a publicação do *Livro do Nordeste* (FERNANDES,

1928, p. 1): “A arte de Jorge de Lima ganha dia em dia em independência e audácia. É um poeta de quem a tirania das escolas não consegue a menor subserviência e para quem todos os preconceitos em arte desapareceram”.

O contato entre Jorge de Lima e Gilberto Freyre apresentou outros estudos que se fundamentam em uma mesma concepção, a influência da perspectiva freyriana na poesia do poeta alagoano. A respeito disso, Vagner Camilo comenta sobre tal contato, em “*Poemas Negros*: um diálogo poético de Jorge de Lima e Gilberto Freyre” (CAMILO, 2003, p. 224-231). Ademais, vale ressaltar que a respectiva obra, *Poemas Negros*, de Jorge de Lima, publicada em 1947 — na qual apresenta alguns poemas de Lima escritos dos anos de 1927 a 1947, curiosamente, “Essa negra fulô” e “Banguês”, estão entre os trinta e nove[57] poemas publicados na obra — conta com o prefácio escrito por Freyre, ocorrência que, mais uma vez, aproximaria ambos escritores e apontaria interferências do pernambucano sobre o alagoano.

Além deste fato, Jorge de Lima, em entrevista concedida a Homero Senna, publicada no *O Jornal*, no ano de 1945[58], — também republicada no *Diário* — comenta sobre a literatura nacional e o movimento existente na região do Nordeste. O escritor não é incisivo ao responder alguns questionamentos, mas afirma existir tal movimento, assim como existiu em São Paulo, porém, realizado de maneira distinta. Vejamos (SENNA, 1945, p. 1):

> - Quer dizer que por ocasião da Semana da Arte Moderna estava onde?
> - Em Alagoas.
> - Não participou, então, do movimento?
> - Não, muito embora o tenha apoiado desde o início. E o apoiei por uma razão muito simples: é que aquilo que os rapazes de São Paulo faziam era o que nós do Nordeste também achávamos que precisava ser feito. Havia então o sentimento generalizado da necessidade de uma renovação [...]. Talvez não soubéssemos direito o que queríamos - como observaria mais tarde Aníbal Machado - mas sabíamos muito bem o que queríamos. Aliás, essa necessidade de renovação, que é uma coisa biológica, mais tarde seria notada dentro do próprio Modernismo, que não ficaria circunscrito à fase folclórica, regionalista e do poema-piada, mas procuraria outras soluções mais universais e permanentes.

Ao ser indagado sobre o grupo que se reunia na época, Homero Senna pergunta se havia um possível “orientador” do movimento nordestino que liderava os demais escritores, e Jorge de Lima responde (SENNA, 1945, p. 1):

> Não, cada um agia por si, fato que de resto, se observou em todo o Modernismo, onde, de um modo geral, não houve chefes. Não passamos a fazer literatura

[57] Entre os poemas presentes na obra, dezesseis já haviam sido editados e publicados em edições anteriores, enquanto os vinte e três poemas apresentam caráter inédito.

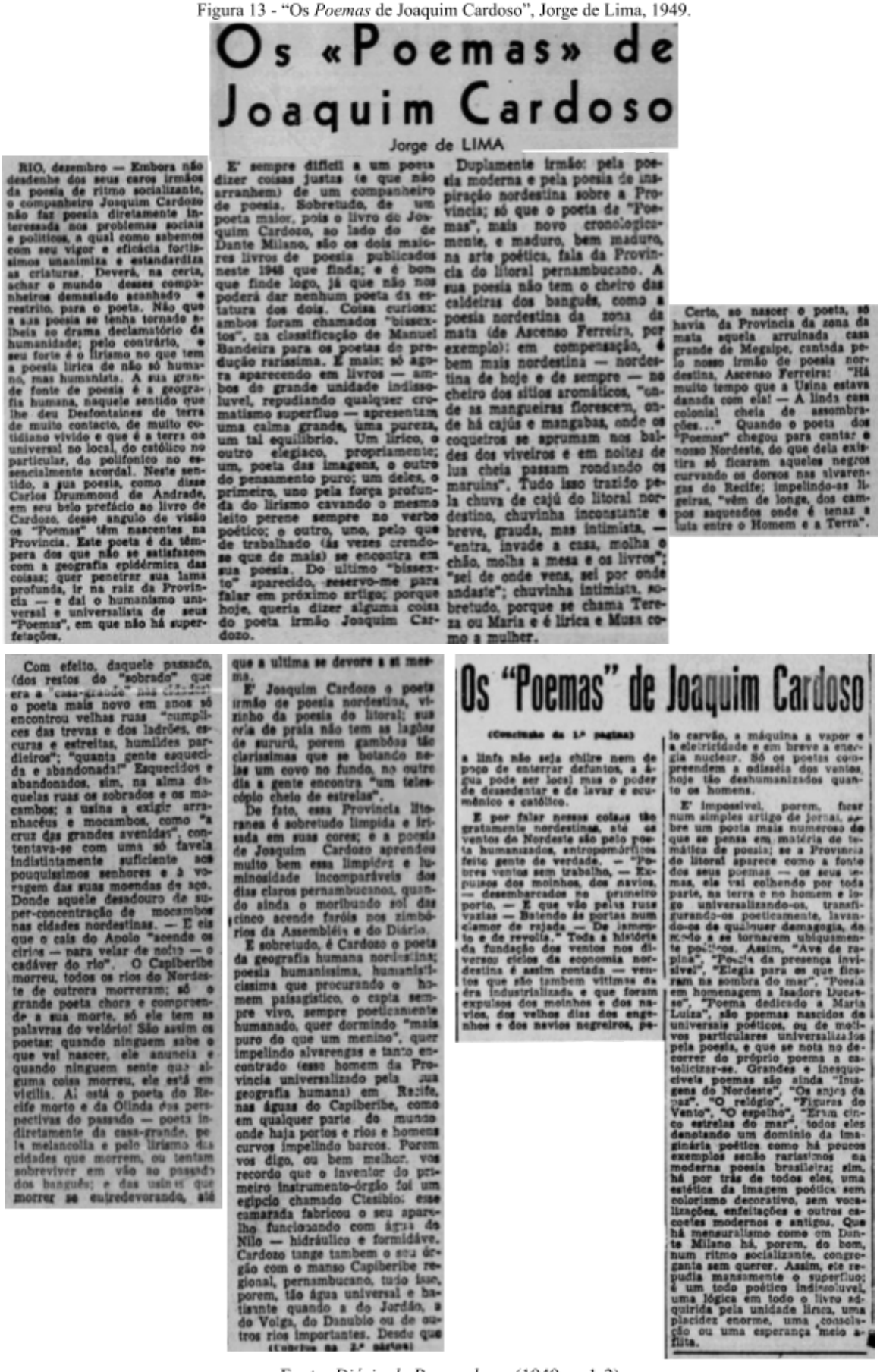
[58] No *O Jornal*, a matéria intitulada “Não acredite nos especialistas em poesia! Adverte Jorge de Lima” foi publicada no dia 29 de julho de 1945. Posteriormente, no dia 5 de agosto de 1945, o *Diário de Pernambuco* republicou a entrevista, o que aponta um interesse pelos comentários apresentados por Lima. na entrevista, Lima abordou visões relevantes acerca da literatura e as influências destacadas na época (SENNA, 1945, p. 1-2).

> modernista para imitar os nossos confrades de São Paulo e daqui. Abandonamos os velhos moldes porque também em Maceió, como em todo o Nordeste, àquele tempo, amadureceu e tomou forma, no espírito dos escritores, o desejo de fazer alguma coisa nova e diferente do que então se perpetrava por esse Brasil afora, na poesia, no romance, no ensaio, etc.

Na entrevista, Jorge de Lima não aponta Gilberto Freyre como um possível "líder" do grupo literário nordestino, até porque, mesmo Freyre demonstrando interesse pela literatura, o escritor pernambucano desenvolvia os seus estudos de modo mais abrangente, direcionados ao social, ao econômico, ao histórico e ao cultural; apesar disso, é indiscutível que tais pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo inspiraram uma visão divergente do que comumente era tida na região. À vista do comentário de Lima sobre as ações individualizadas do grupo nordestino, talvez estaria sendo apontado um dos fatores nos quais resultou em um conjunto de escritores que tinham interesses em comum e que passaram despercebidos ou sem a devida atenção, diferente do que ocorreu em São Paulo; possivelmente, ações e medidas mais organizadas resultariam em efeitos diferentes para os grupos.

Jorge de Lima publica a sua extensa crítica sobre o seu “poeta irmão Joaquim Cardozo”, a qual se destaca entre as demais, não apenas por ser Jorge de Lima uma personalidade importante para a lírica brasileira, mas também pelo fato de seu estudo apresentar apontamentos particulares acerca da lírica cardoziana que contribuem de forma significativa para o entendimento da poesia do autor pernambucano. Publicada em primeiro de janeiro de 1949, a crítica ocupou duas expressivas páginas do *Diário de Pernambuco.* Vejamos:

Figura 13 - "Os *Poemas* de Joaquim Cardoso", Jorge de Lima, 1949.



Os «Poemas» de Joaquim Cardoso

Jorge de LIMA

RIO, dezembro — Embora não desdenhe dos seus caros irmãos da poesia de ritmo socializante, o companheiro Joaquim Cardozo não faz poesia diretamente interessada nos problemas sociais e políticos, a qual como sabemos com seu vigor e eficácia fortíssimos unanimiza e estandardiza as criaturas. Deverá, na certa, achar o mundo desses companheiros demasiado acanhado e restrito, para o poeta. Não que a sua poesia se tenha tornado alheia ao drama declamatório da humanidade; pelo contrário, o seu forte é o lirismo no que tem a poesia lírica de não só humano, mas humanista. A sua grande fonte de poesia é a geografia humana, naquele sentido que lhe deu Desfontaines de terra de muito contacto, de muito cotidiano vivido e que é a terra do universal no local, do católico no particular, do polifonico no essencialmente acordal. Neste sentido, a sua poesia, como disse Carlos Drummond de Andrade, em seu belo prefácio ao livro de Cardozo, desse angulo de visão os "Poemas" têm nascentes na Provincia. Este poeta é da têmpera dos que não se satisfazem com a geografia epidérmica das coisas; quer penetrar sua lama profunda, ir na raiz da Provincia — e dai o humanismo universal e universalista de seus "Poemas", em que não há superfetações.

E' sempre difícil a um poeta dizer coisas justas (e que não arranhem) de um companheiro de poesia. Sobretudo, de um poeta maior, pois o livro de Joaquim Cardozo, ao lado do de Dante Milano, são os dois maiores livros de poesia publicados neste 1948 que finda; e é bom que finde logo, já que não nos poderá dar nenhum poeta da estatura dos dois. Coisa curiosa: ambos foram chamados "bissextos", na classificação de Manuel Bandeira para os poetas de produção raríssima. E mais: só agora aparecendo em livros — ambos de grande unidade indissoluvel, repudiando qualquer cromatismo superfluo — apresentam uma calma grande, uma pureza, um tal equilibrio. Um lírico, o outro elegiaco, propriamente; um, poeta das imagens, o outro do pensamento puro; um deles, o primeiro, uno pela força profunda do lirismo cavando o mesmo leito perene sempre no verbo poético; o outro, uno, pelo que de trabalhado (ás vezes crendo-se que de mais) se encontra em sua poesia. Do ultimo "bissexto" aparecido, reservo-me para falar em próximo artigo; porque hoje, queria dizer alguma coisa do poeta irmão Joaquim Cardozo.

Duplamente irmão: pela poesia moderna e pela poesia de inspiração nordestina sobre a Provincia; só que o poeta de "Poemas", mais novo cronologicamente, e maduro, bem maduro, na arte poética, fala da Provincia do litoral pernambucano. A sua poesia não tem o cheiro das caldeiras dos banguês, como a poesia nordestina da zona da mata (de Ascenso Ferreira, por exemplo): em compensação, é bem mais nordestina — nordestina de hoje e de sempre — no cheiro dos sitios aromáticos, "onde as mangueiras florescem, onde há cajús e mangabas, onde os coqueiros se aprumam nos baldes dos viveiros e em noites de lua cheia passam rondando os maruins". Tudo isso trazido pela chuva de cajú do litoral nordestino, chuvinha inconstante e breve, grauda, mas intimista, — "entra, invade a casa, molha o chão, molha a mesa e os livros"; "sei de onde vens, sei por onde andaste"; chuvinha intimista, sobretudo, porque se chama Tereza ou Maria e é lírica e Musa como a mulher.

Certo, ao nascer o poeta, só havia da Provincia da zona da mata aquela arruinada casa grande de Megaipe, cantada pelo nosso irmão de poesia nordestina, Ascenso Ferreira: "Há muito tempo que a Usina estava dando com ela! — A linda casa colonial cheia de assombrações..." Quando o poeta dos "Poemas" chegou para cantar o nosso Nordeste, do que dela existira só ficaram aqueles negros curvando os dorsos nas silvarengas do Recife; impelindo-as ligeiras, "vêm de longe, dos campos saqueados onde é tenaz a luta entre o Homem e a Terra".

Com efeito, daquele passado, (dos restos do "sobrado" que era a "casa-grande" [illegible] o poeta mais novo em anos só encontrou velhas ruas "cumplices das trevas e dos ladrões, escuras e estreitas, humildes pardieiros"; "quanta gente esquecida e abandonada!" Esquecidos e abandonados, sim, na alma daquelas ruas os sobrados e os mocambos; a usina a exigir arranhacéus e mocambos, como "a cruz das grandes avenidas", contentava-se com uma só favela indistintamente suficiente aos pouquissimos senhores e à voragem das suas moendas de aço. Donde aquele desadouro de super-concentração de mocambos nas cidades nordestinas. — E eis que o cais do Apolo "acende os cirios — para velar de noite — o cadáver do rio". O Capiberibe morreu, todos os rios do Nordeste de outrora morreram; só o grande poeta chora e compreende a sua morte, só ele tem as palavras do velório! São assim os poetas: quando ninguem sabe o que vai nascer, ele anuncia e quando ninguem sente que alguma coisa morreu, ele está em vigilia. Ai está o poeta do Recife morto e da Olinda das perspectivas do passado — poeta indiretamente da casa-grande, pela melancolia e pelo lirismo das cidades que morrem, ou tentam sobreviver em vão ao passado dos banguês; e das usinas que morrer se entredevorando, até que a ultima se devore a si mesma.

E' Joaquim Cardozo o poeta irmão de poesia nordestina, vizinho da poesia do litoral; sua voz de praia não tem as lagôas de sururú, porem gambôas tão claríssimas que se botando nelas um covo no fundo, no outro dia a gente encontra "um telescópio cheio de estrelas".

De fato, essa Provincia litorânea é sobretudo limpida e irisada em suas cores; e a poesia de Joaquim Cardozo aprendeu muito bem essa limpidez e luminosidade incomparáveis dos dias claros pernambucanos, quando ainda o moribundo sol das cinco acende faróis nos zimbórios da Assembléia e do Diário.

E sobretudo, é Cardozo o poeta da geografia humana nordestina; poesia humanissima, humanistíssima que procurando o homem paisagistico, o capta sempre vivo, sempre poeticamente humanado, quer dormindo "mais puro do que um menino", quer impelindo alvarengas e tanto encontrado (esse homem da Provincia universalizado pela sua geografia humana) em Recife, nas águas do Capiberibe, como em qualquer parte do mundo onde haja portos e rios e homens curvos impelindo barcos. Porem vos digo, ou bem melhor, vos recordo que o inventor do primeiro instrumento-órgão foi um egipcio chamado Ctesibio: esse camarada fabricou o seu aparelho funcionando com águas do Nilo — hidráulico e formidável. Cardozo tange tambem o seu órgão com o manso Capiberibe regional, pernambucano, tudo isso, porem, tão água universal e bastante quando a do Jordão, a do Volga, do Danubio ou de outros rios importantes. Desde que

(Conclue na 2.ª página)

Os "Poemas" de Joaquim Cardoso

(Conclusão da 1.ª página)

a linfa não seja chilre nem de poço de enterrar defuntos, a água pode ser local mas o poder de dessedentar e de lavar é ecumênico e católico.

E por falar nessas coisas tão gratamente nordestinas, até os ventos do Nordeste são pelo poeta humanizados, antropomórficos feito gente de verdade. — "Pobres ventos sem trabalho, — Expulsos dos moinhos, dos navios, — desembarcados no primeiro porto, — E que vão pelas ruas vazias — Batendo ás portas num clamor de rajada — De inverno e de revolta." Toda a história da fundação dos ventos nos diversos ciclos da economia nordestina é assim contada — ventos que são tambem vitimas da era industrializada e que foram expulsos dos moinhos e dos navios, dos velhos dias dos engenhos e dos navios negreiros, pelo carvão, a máquina a vapor e a eletricidade e em breve a energia nuclear. Só os poetas compreendem a odisséia dos ventos, hoje tão desumanizados quanto os homens.

E' impossivel, porem, fazer num simples artigo de jornal, sobre um poeta mais numeroso do que se pensa em matéria de temática de poesia; se a Provincia do litoral aparece como a fonte dos seus poemas — os seus temas, ele vai colhendo por toda parte, na terra e no homem e logo universalizando-os, transfigurando-os poeticamente, lavando-os de qualquer demagogia, de modo a se tornarem ubiquamente poéticos. Assim, "Ave de rapina", "Poesia da presença invisivel", "Elegia para os que ficaram na sombra do mar", "Poesia em homenagem a Isadora Duncan", "Poema dedicado a Maria Luiza", são poemas nascidos de universais poéticos, ou de motivos particulares universalizados pela poesia, e que se nota no decorrer do próprio poema a catolicizar-se. Grandes e inesquecíveis poemas são ainda "Imagens do Nordeste", "Os anjos da paz", "O relógio", "Figuras do Vento", "O espelho", "Eram cinco estrelas do mar", todos eles denotando um dominio da imaginária poética como há poucos exemplos serão raríssimos na moderna poesia brasileira; sim, há por trás de todos eles, uma estética da imagem poética sem colorismo decorativo, sem vocalizações, enfeitações e outros cacoetes modernos e antigos. Que há mensuralismo como em Dante Milano há, porem, do bom, num ritmo socializante, congregante sem querer. Assim, ele repudia mansamente o supérfluo; é um todo poético indissoluvel, uma lógica em todo o livro adquirida pela unidade lírica, uma placidez enorme, uma conclusão ou uma esperança meio aflita.

Fonte: *Diário de Pernambuco* (1949, p. 1-2).

O artigo de jornal assinado por Jorge de Lima demonstra, inicialmente, uma aproximação pessoal entre os poetas, situação que não descredibiliza os apontamentos desse autor acerca da poesia cardoziana, uma vez que, na mesma década da respectiva publicação, Lima foi indicado a receber o "Grande Prêmio de Poesia" pela Academia Brasileira de Letras, ocorrência que destaca o reconhecimento institucional do escritor alagoano. Sabendo que Jorge de Lima já era considerado um poeta conceituado na época, é interessante observar que o autor de *Invenção de Orfeu* aproveitou o início da crítica para destacar a semelhança entre a sua poesia com a de Cardozo, a qual, de acordo com Jorge de Lima, apresenta-se como superior em algumas perspectivas. À vista disso, mesmo sendo Joaquim Cardozo um poeta até então considerado "bissexto", e Lima um poeta aclamado nacionalmente desde a década de 30, o autor do estudo equipara-se com o escritor de *Poemas*, acentuando a expressiva colaboração de Cardozo na literatura nacional.

Observando as possíveis aproximações entre o poeta pernambucano e o alagoano, pode-se destacar a obra *Literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho e colaboração de Péricles Ramos, na qual, ao comentar sobre o grupo do Nordeste, Ramos destaca sete principais representantes do "Modernismo no Nordeste", são eles: Ascenso Ferreira, Joaquim Cardozo, Gilberto Freyre, Luíz da Câmara Cascudo, Jorge Fernandes e Jorge de Lima. Por sinal, entre os representantes, Ramos comenta brevemente sobre a grande maioria, entretanto, estende os seus comentários a respeito de dois dos poetas, Cardozo e Lima (RAMOS, 1970, p. 141-152). A respeito de ambas poesias, que poderia justificar a aproximação feita pelo escritor do estudo, Ramos aponta em Jorge de Lima os "fins espirituais", o folclore, a preocupação com a estética e a inquietação sobre o mundo em formação, isto é, pontos em que os poetas em destaque se tocam. Ainda assim, o fato de Péricles Ramos inserir Joaquim Cardozo e Jorge de Lima entre poetas do Modernismo apontaria uma necessidade de encaixar dois poetas que, de maneira geral, não se encaixam totalmente em um estilo específico, inclusive, esta é mais uma perspectiva de aproximações entre eles.

Além desses pontos, Cardozo e Lima se aproximam em mais um cenário: as suas mudanças líricas ao se afastar de suas regiões de origem, que resultou em uma visão distorcida do que viria a ser uma "evolução". Em outras palavras, desde o prefácio de *Poemas*, Drummond apontou a mudança poética em Cardozo, comparando suas produções iniciais com as elaboradas próximas à publicação da obra, entendimento que aguçou apontamentos acerca de um possível "amadurecimento" do poeta pernambucano. Neste sentido, Paula e Santos (2018) comentam em "Figurações sociais de Jorge de Lima na construção dos *Poemas Negros"* sobre o mesmo cenário que esse poeta se insere (2018, p.

22): “se refletirmos dessa maneira, o Jorge de Lima de Maceió será sempre o jovem e imaturo poeta provinciano, enquanto o Jorge de Lima da Capital Federal será o experiente poeta que criou a *Invenção de Orfeu*”. Ou seja, mais uma vez a posição de quem se situa no Nordeste é reduzida, na qual julgam os poetas Lima e Cardozo como imaturos quando estão no Nordeste, falando do Nordeste; por outro lado, quando vão ao Rio de Janeiro, são considerados melhores. Com base nessas problemáticas e aproximações vistas entre os dois poetas das províncias, entende-se o porquê o poeta do Rio São Francisco julga aproximar-se do poeta do Rio Capibaribe.

Falando ainda sobre cotejo, Jorge de Lima evidencia os dois maiores livros de poesia publicados em 1948, são eles: *Poemas,* de Joaquim Cardozo, e *Poesias*, de Dante Milano. O crítico aproveita para destacar a importância de ambos escritores e os pontos de encontros e desencontros entre as suas poesias, a começar com o título de "bissextos" atribuído por Bandeira em sua antologia, e que, coincidentemente, publicam os seus primeiros livros autorais na mesma época. Cintra, em seu capítulo presente em *O meu canto é de sol,* comenta sobre tal aproximação entre os escritores (CINTRA, 2022, p. 23):

> No entanto, se são diversos os motivos pelos quais os historiadores aproximam os dois poetas, Lima levanta um aspecto interessante: ambos poetas de excelência, tardiamente publicaram livros autorais [...] Manuel Bandeira, que também coteja Cardozo e Milano no que se refere às escassas publicações, com sua maledicência deliciosa, encontra outra justificativa para o silêncio editorial do poeta carioca, que não lhe justificou um lugar em sua antologia de bissextos: “[...] Milano escreve muito. Só que não publica seus poemas, porque é ‘durinho’, como lhe chama o Ovalle” (BANDEIRA, 1946, p. 6).

A partir dessas duas nivelações, primeiramente com o próprio Jorge de Lima e posteriormente com Dante Milano, Lima destaca Cardozo como personalidade importante para a literatura nacional, pois compara não com o intuito de diminuir ou dilatar a poesia cardoziana, mas como aparato para estimular o reconhecimento qualificativo da lírica de Joaquim Cardozo.

No decorrer do estudo, Lima afirma que a poesia de Joaquim Cardozo não é interessada nas temáticas políticas e sociais, ou seja, o autor da crítica suprime as abordagens do poeta do “Recife morto”, que lamenta a mutilação da cidade transfigurada após várias medidas e planejamentos políticos que descaracterizaram a cidade, e ignora a produção do poeta que descreve o espaço que a industrialização ocupa na sociedade, instigando a reflexão sobre o meio social que a questionável evolução ocupa ao fazer desaparecer os homens em

“Autômatos”; o comentário também exclui a produção cardoziana que destacou a luta do homem e a terra trazida pelos bojos negros para a cidade, em “As alvarengas”[59].

A principal perspectiva nesse ensaio refere-se àquilo que o crítico e poeta alagoano denomina de “geografia humana” na lírica de Cardozo, utilizando como referência teórica Pierre Deffontaines[60], geógrafo francês que ocupou a cadeira de geografia na Universidade de São Paulo em 1935, e que tinha como um dos seus campos de pesquisa justamente a “geografia humana”, ciência que estuda a relação sociedade-espaço, isto é, um estudo que aborda diferentes ramificações de pesquisas em que o homem está inserido em seu meio, situação que inclui a perspectiva social, cultural, econômica, ambiental, histórica, antropológica, entre outras.

Ao aproximar as produções de Cardozo com o estudo de Deffontaines, Jorge de Lima destaca o aprofundamento dos temas presentes na poesia cardoziana, no que se refere a "Província". Nessa abordagem, a poesia de Cardozo não se restringe apenas aos aspectos geográficos superficiais e às características da região. Pelo contrário, ela também se dedica à ciência que está sendo desenvolvida e que dá “o devido valor ao coeficiente relativo ao passado” (DEFFONTAINES, 1959, p. 5). Isto é, a representação da "Província" em Cardozo transcende o conhecimento superficial e adentra os fundamentos lógicos da geografia humana. Suas produções não se limitam a retratar meramente os aspectos geográficos epidérmicos e suas características, mas sim envolvem todos os campos inseridos nessa ciência. Essa abordagem mais profunda permite uma melhor compreensão da perspectiva de Joaquim Cardozo ao humanizar os elementos vivos e não-vivos da terra. Em suas obras, Cardozo ressalta a importância de entender a interação entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, trazendo uma visão mais abrangente e enriquecedora da vida na "Província".

Além disso, mesmo dedicando o seu artigo de jornal à geografia humana que está presente na lírica do poeta do litoral pernambucano, ao destacar a poesia “humaníssima” que Joaquim Cardozo nos apresenta em *Poemas*, Jorge de Lima reforça o estudo de Carlos Drummond de Andrade naquilo que afirma ser o “Espírito”, o tema principal da poesia de

---

[59] Nesse sentido, é importante lembrar o caricaturista Joaquim Cardozo, que ironizou e problematizou conteúdos políticos no *Diário de Pernambuco* em 1914. Embora a sua atuação como caricaturista tenha diminuído, as questões políticas e sociais continuam presentes em suas produções, mas agora de maneira diferente, manifestando-se através da literatura.

[60] A perspectiva de Deffontaines assemelha-se às contribuições de Sérgio Buarque de Holanda e de Gilberto Freyre, que apresentam uma influência positivista, culturalista e liberalista, uma postura que estava em destaque na Europa e também estava sendo discutida no Brasil na época. Aprofundando-se nos estudos do geógrafo francês, Deffontaines discute em suas análises feitas no território brasileiro questões como o “superpovamento”, o “débito de homens”, o "desgaste ou enriquecimento da Terra pelo homem”. Essa perspectiva levanta o questionamento: “O crescimento constante e cada vez mais rápido do efetivo humano, não fará com que a terra toda se transforme numa vasta armadilha para a humanidade?” (DEFFONTAINES, 1959, p. 5).

Cardozo, conforme o autor de “No meio do caminho”, tendo em vista que é a temática “que se confunde com a sua natureza e o seu entendimento pessoal das coisas humanas. Esse tema sofrerá inúmeras variações, e exposto sob formas diferentes parecerá diverso, tão diversos quanto os sucessivos objetos a que se aplique a visão” (ANDRADE, 1947, p. 10). Desta forma, mesmo Jorge de Lima apresentando um estudo que predominantemente exalta a temática da geografia humana, a característica “humanisticíssima” insere-se no “Espírito”, assim como a “geografia humana” está também no "Espírito", não apenas pela justificativa de a respectiva ciência também abordar o campo antropológico, mas por observar que as coisas humanas são seguramente apresentadas nos poemas de Joaquim Cardozo de distintas maneiras, inclusive através da alma nordestina.

Considerando os apontamentos minuciosos sobre o modo como Joaquim Cardozo descreve a geografia humana partindo da região Nordeste, Jorge de Lima faz longos comentários que preconizam a relação do poeta pernambucano com os elementos geográficos do Estado, humanizando o litoral, a flora, o aroma, o rio, o vento, as águas, as ruas e todas as unidades que interessavam ao sujeito lírico. Ao qualificar a geografia humana cardoziana, Jorge de Lima auxiliou não só com a descrição do que se encontrava na poesia cardoziana, mas acima de tudo, apresentou a “Província” integrada ao "Espírito" nessa obra.

Para uma melhor compreensão, desde o prefácio de Drummond, a crítica sudestina, diferentemente da nordestina, só havia apresentado estudos que qualificaram com mais predominância a temática direcionada ao “Espírito”, por exemplo, o estudo de Paulo Mendes Campos, que faz parte da relação de compartilhamento dos “D. A.”, não apontou a “Província”, presente na lírica de Joaquim Cardozo, ignorando a qualidade expressa também nessa temática. Com base nisso, entre os estudos críticos que até aqui foram apresentados, Jorge de Lima, possivelmente, expõe o primeiro estudo na imprensa carioca — e republicado no *Diário* — que coloca em evidência a questão regional nesse poeta nordestino, comprovando a excelência expressa não só na temática voltada ao “Espírito”, mas também à “Província”, pesquisa que descreve alguns dos estudos que estavam sendo discutidos esporadicamente no Brasil.

CONCLUSÃO

Ao examinarmos o impacto da recepção de Joaquim Cardozo na região nordestina, constatamos que a crítica literária publicada no *Diário de Pernambuco* desempenhou um papel relevante nos estudos de sua obra, reconhecendo Cardozo como um poeta representativo desse Estado e, até mesmo do país. O estudo que aqui apresentamos permitiu traçar o percurso social, cultural e histórico, contextualizando a essência local expressa na literatura e no jornalismo de Pernambuco. Desde o início de sua relação com o periódico, nas caricaturas de 1914, até sua consolidação como poeta de destaque, o *Diário* acompanhou sua trajetória profissional e pessoal, marcando sua posição no cenário literário e destacando as várias facetas de Joaquim Cardozo, tanto em sua carreira de engenheiro quanto nas artes e na literatura.

Tratando-se de um momento único para escritores, a publicação do seu primeiro livro, a rasa quantidade de artigos e resenhas publicados no *Diário de Pernambuco*, ou seja, na terra natal de Cardozo, demonstra o desinteresse dos críticos de jornais em comentar e divulgar a poesia cardoziana, que merecia uma participação maior da crítica literária brasileira da época. Mesmo o *Diário* investindo em um Suplemento que contribuiria com a divulgação de escritores como Joaquim Cardozo, a centralidade existente na imprensa acerca dos conteúdos que se originaram no Rio de Janeiro e em São Paulo continuariam perpetuando-se, como foi possível demonstrar a partir das ações discutidas nas análises que aqui propusemos a respeito das republicações que ocorriam do Sul para o Nordeste, mas não do Nordeste para o Sul.

A discussão sobre *Poemas* revelou-se fundamental para compreender a multiplicidade, a capacidade poética e a complexidade estilística de Joaquim Cardozo, características incomuns na estreia de um autor, mas que ressaltam a relevância dessa obra e, consequentemente, dos estudos que a envolvem. Como foi discutido, a participação de nomes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Luís Jardim e Santa Rosa demonstram que tais colaborações antecedem a qualificação da literatura pernambucana, de Cardozo e de *Poemas*. Isto é, todo o movimento desenvolvido na época deveria resultar em um lançamento marcante para a poesia nacional, possivelmente, este ponto era almejado, porém, de modo geral, a crítica jornalística atuou com os seus discretos estudos e poucos comentários acerca da poesia cardoziana.

Com base nas quatro publicações de destaque apresentadas e discutidas, pode-se entender que inicialmente, na década de 40, a crítica presente no jornal pernambucano

direcionada a *Poemas* tinha como base, direta ou indiretamente, forte relação com o prefácio de Carlos Drummond de Andrade. No entanto, além do prefaciador, e, coincidentemente, à exceção de Paulo Mendes Campos, três dos quatro escritores expostos, Mauro Mota, Olívio Montenegro e Jorge de Lima, escritores dos respectivos Estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, apontam um contato com Gilberto Freyre, o que demonstra a posição relevante que Freyre exercia na região. Inclusive, esses mesmos escritores colaboraram com o periódico dirigido pelo sociólogo pernambucano, *A Província*, jornal que apresentava suas particularidades e inovações já discutidas anteriormente, e que influenciaria em uma perspectiva mais social, histórica e cultural ao tratar da literatura de Joaquim Cardozo. No caso de Mauro Mota e Olívio Montenegro, embora tenham abordagens distintas em relação à poesia de Cardozo, ambos escritores tinham um contato próximo com Freyre e desenvolveram estudos que destacavam a poesia de Joaquim Cardozo como símbolo da região. Em Mota, a ênfase recai na representação da região, enquanto Montenegro destacaria a conjunção entre sentimentalismo e intelectualismo desenvolvida por Cardozo. Os dois breves estudos ocuparam uma página do *Diário de Pernambuco*, mas apresentaram comentários de profundidade que acentuam a originalidade de quem marca uma época. É interessante notar que essas críticas foram limitadas ao *Diário de Pernambuco* e não foram republicadas em outros jornais, situação que impossibilitou expor nacionalmente considerações feitas por pessoas da própria região, falando sobre um poeta local, mas que se restringiram àquele contexto.

Sob outra perspectiva, o mineiro Paulo Mendes Campos, por sua vez, difere dos demais nesse sentido, circunstância que acentuaria a participação de Gilberto Freyre àqueles da região nordestina e o afastaria dos que não se originam da região. Além disso, Campos foi o único que ignorou a "Província" na poesia cardoziana, pois apenas citou a temática atribuída por Drummond, mas nada acrescentou sobre o conteúdo, ou seja, com base nesta posição, entende-se que Campos atribui o "bom-gosto" do poeta Joaquim Cardozo apenas à temática que envolve o "Espírito" cardoziano, divergentemente do que se viu nos outros escritores.

A partir dos textos de Paulo Mendes Campos e de Mauro Mota, é possível definir como a crítica se comportava na época em relação à poesia de Joaquim Cardozo. O primeiro crítico, Campos, foca seus comentários na temática que Drummond denomina de "Espírito", exaltando as reflexões humanas presentes na poesia de Cardozo e ressaltando o cuidado com os aparatos linguísticos utilizados pelo poeta. Por outro lado, Mauro Mota foca no sentimentalismo expresso através da representação da região na poesia cardoziana, a chamada "Província" segundo Drummond. Ambos críticos avaliam a poesia de Joaquim Cardozo a

partir das duas linhas interpretativas contidas no prefácio de Carlos Drummond de Andrade, o que destaca a contribuição do poeta mineiro nos estudos sobre o poeta pernambucano.

Considerando a perspectiva de Campos e Mota em meio às novidades que surgiam na esfera literária na década de 40, Campos aproveita o espaço para avaliar negativamente as novidades que ocorriam na poesia e no comportamento dos escritores, e através de Joaquim Cardozo, Paulo Mendes Campos destaca o sentimento que a poesia e o comportamento cardoziano transmite, o resgate do belo, do "bom-gosto", da ausência do imediatismo e da valorização da obra acima do escritor. Em contrapartida, mas também dialogando com o resgate através da poesia de Joaquim Cardozo, Mauro Mota aponta a proteção à identidade da região, na qual a poesia cardoziana transmite, como comentado anteriormente, a preservação à essência pernambucana. Desta forma, pode-se afirmar que os respectivos leitores apresentam a poesia cardoziana como múltipla, ao mesmo tempo que se diferencia das produções de seus contemporâneos, possuindo uma caracterização própria, não podendo ser assinalada em qualquer grupo ou movimento, circunstância que destaca Joaquim Cardozo no cenário literário.

Sobre a sua multiplicidade, observaram-se divergências entre os escritores ao comentar sobre a aproximação da lírica de Cardozo com o moderno e o romântico, em outras palavras, Paulo Mendes Campos destaca o "antirromantismo" em Cardozo, ao modificar as características consideradas românticas para a racionalização e o escapar da espontaneidade. Por outro lado, Olívio Montenegro discute a poesia de um homem que vem a frente do autor, exaltando um sentimentalismo próximo do romântico que racionaliza a sua construção, no entanto, destaca a experiência de quem sentiu na vida os sentimentos expressos. Em consonância com ambos escritores, Jorge de Lima destaca a "geografia humana" em Joaquim Cardozo, o que acentua a perspectiva do meio inserido, com a racionalização da ciência e das suas problemáticas. À vista disso, entende-se que a poesia cardoziana relaciona-se com diferentes interpretações, por isso, não se encaixa em nenhuma estilística específica, situação que justificaria a multiplicidade que se manifesta em seus poemas e permeia as páginas do *Diário de Pernambuco.*

Com base nessas informações, foi possível observar as aproximações e os afastamentos entre os leitores de Joaquim Cardozo que não estão inseridos no âmbito da imprensa, discutidos no Capítulo II, assim como os quatro escritores em destaque nas páginas no *Diário*. Essa observação resultou na constatação de que os escritores se diferenciam entre si, mais pelo canal utilizado em seus apontamentos, do que propriamente pela relevância e o aprofundamento de tais discussões. De maneira geral, os estudos que não são publicados em

periódicos apresentam uma amplitude discursiva que escapa das limitações diagramáticas impostas pelo cenário da imprensa, no entanto, em se tratando dos textos de Campos, Mota, Montenegro e Lima, pode-se afirmar que esses escritores cumpriram com a proposta estabelecida pelo jornal pernambucano, ao mesmo tempo em que apresentam um aprofundamento que vai além das publicações meramente noticiosas. Portanto, argumenta-se que esses estudos podem ser considerados tão relevantes quanto as produções que não foram destinadas à crítica jornalística.

REFERÊNCIAS

Artigos de jornais, revistas e publicações

Álbum de dedicatórias. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 25 de março de 1951, p. 6.

Antologia pernambucana, **Sombra**, Rio de Janeiro, junho de 1949, p. 89.

Antologia pernambucana. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 8 de maio de 1949, p. 8.

As tarefas atuais dos P.C.B.. **A Ordem**, Rio de Janeiro, maio-junho de 1956, p. 435.

CAMPOS, Paulo Mendes. A propósito de um artigo. **Diário de Pernambuco**, Recife, Suplemento, 13 de junho de 1948, p. 1.

_____. De um caderno. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1948, p. 3.

_____. Os bissextos. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1946, p. 2.

_____. Sobre poesia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 31 de março de 1946, p. 2.

_____. Um poeta de bom-gosto. **Diário de Pernambuco**, Recife, Suplemento, 18 de março de 1948, p. 1-2.

_____. Um poeta de bom-gosto. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 14 de março de 1948, p. 3.

CAMPOS, Renato Carneiro. Uma injustiça de doer. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1º de janeiro de 1972, p. 4.

Canção, **Diário de Pernambuco**, Recife, Jornal de Poesia, Suplemento, 21 de março de 1948, p. 14.

CARDOZO, Joaquim. O escultor José Pedrosa. **Diário de Pernambuco**, Recife, Secção, 18 de fevereiro de 1945, p. 2.

Composição. **Diário de Pernambuco**, Recife, Secção 2, 19 de julho de 1953, p. 1.

CORDEIRO, Sidrack de Holanda. Homenagem ao poeta. **Diário de Pernambuco**, Recife, Cartas à Redação, 9 de julho de 1980, p. A-8.

DAVI, Carlos. Moços. **Diário de Pernambuco**, Recife, Suplemento, 25 de setembro de 1949, p. 8.

Esquecimento, **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 de outubro de 1978, p. A-6.

FERNANDES, Aníbal. As aspirações em torno de um livro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de maio de 1928, p. 1.

_____. Um escritor e um crítico da província. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 de outubro de 1946, p. 4.

Figuras do vento. **Diário de Pernambuco**, Recife, Secção 2, 6 de agosto de 1944, p. 1.

FORTUNA, Felipe. Cardozo, a equação do lirismo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: 7 de março de 1987, p. 8.

FREYRE, Gilberto. A propósito de críticos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de abril de 1942, p. 4.

_____. A propósito de um poeta recifense. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28 de maio de 1953, p. 4.

_____. A respeito de mineiros. **Diário de Natal**, Natal, 14 de outubro de 1953, p. 5.

_____. Acerca do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 7 de junho de 1925, p. 3.

_____. Resposta a um 'pernambucano desapontado'. **Diário de Pernambuco**, Recife, 25 de novembro de 1945, p. 14.

GUERRA, José Augusto. As margens do Capibaribe. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1949, p. 3.

IVO, Lêdo. O poeta Jorge Cooper. **Diário de Pernambuco**, Recife, Suplemento, 8 de janeiro de 1950, p. 6.

Joaquim Cardozo em alemão. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 15 de abril de 1951, p. 8.

Joaquim Cardozo morre aos 81 anos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 de novembro de 1978, p. 1.

LEAL, César. A luz na poesia de Joaquim Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, Diário Literário, 25 de fevereiro de 1960, p. 7.

_____. Emílio Moura, **Diário de Pernambuco**, Recife, Crítica de Poesia, Terceiro Caderno, 13 de dezembro de 1964, p. 1.

LIMA, Jorge de. Medidas de ritmos. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1948, p. 4.

_____. Os Poemas de Joaquim Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, Suplemento, 1º de janeiro de 1949, p. 1-2.

LIMA, Laurênio. Algumas vantagens da antologias. **Diário de Pernambuco**, Recife, Secção 2, 10 de outubro de 1954, p. 1.

LINS, Álvaro. Justificação de um poeta. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1941, p. 2.

Luís Jardim, o pintor do Recife. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1936, p. 3.

MONTENEGRO, Olívio. O poeta do capibaribe. **Diário de Pernambuco**, Recife, 31 de julho de 1955, p. 4.

_____. Os poemas de Joaquim Cardoso. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 de setembro de 1948, p. 4.

MORAES, Vinícius. Do not say good-bye. **Leitura**, Rio de Janeiro, março de 1945, p. 17.

MOTA, Mauro. Espírito de Província. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1945, p. 1.

_____. Literatos municipais. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 16 de maio de 1948, p. 6.

_____. Recife morto. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 21 de março de 1948, p. 5.

_____. Registro sobre dois livros do Nordeste. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 20 de junho de 1948, p. 6.

_____. Tudo canta em Maceió. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 6 de junho de 1948, p. 6.

Nota pitoresca da semana. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 7 de março de 1948, p. 10.

O cego. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 7 de dezembro de 1947, p. 4.

PORTO, Costa. Embaixador 'natural'. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 de janeiro de 1966, p. 4.

Recife Morto, **Diário de Pernambuco**, Recife, Antologia poética no Recife, Secção 2, 15 de setembro de 1957, p. 10.

Revista IPASE, **Sombra**, Rio de Janeiro, agosto de 1948, p. 85.

ROCHA, Tadeu. Registro bibliográfico. **Diário de Pernambuco**, Recife, Suplemento, 13 de fevereiro de 1949, p. 8 e 4.

SAMPAIO, J. J. Gomes. O movimento intelectual e outros assuntos da atualidade. D**iário de Pernambuco**, Recife, 8 de dezembro de 1926, p. 4.

SENNA, Homero. Não acredite nos especialistas em poesia! Adverte Jorge de Lima. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 de julho de 1945, p. 1-2.

SILVEIRA, Barreto. Poesia de Pernambuco. **Sombra**, Rio de Janeiro, julho de 1950, p. 88-89.

Soneto essencial. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura, 19 de janeiro de 1975, p. 8.

Soneto somente. **Diário de Pernambuco**, Recife, Literatura, 9 de novembro de 1975, p. 13.

Tarde no Recife, **Diário de Pernambuco**, Recife, Antologia poética no Recife, Secção 3, 11 de maio de 1952, p. 8.

Um novo crítico. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1946, p. 3.

Uma obra prima brasileira. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1948, p. 40.

Bibliografia

AMARAL, Tércio de Lima. **É impossível substituir uma amizade fraternal:** as conquistas de um intelectual em uma biografia de Mauro Mota (1908-1983). 2021. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. [Prefácio]. CARDOZO, Joaquim. **Poemas**. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

BANDEIRA, Manuel (org.). **Antologia de poetas bissextos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde Editora, 1946.

_____. A versificação da Língua Portuguesa (verbete). **Enciclopédia Delta Larousse**. Tomo VI. Rio de Janeiro: Delta, 1960. p. 3239-3249.

_____. Evocação do Recife. In: FREYRE, Gilberto (org.). **Livro do Nordeste**. Recife: 1925, p. 121-123.

BANDEIRA, Manuel; Carpeaux, Otto Maria. **Apresentação da poesia brasileira**: seguida de uma antologia em versos. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Paralelo, 1972.

BILAC, Olavo; PASSOS, Sebastião Guimarães. **Tratado de Versificação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1956.

BISHOP, Elizabeth. **An Anthology of Twentieth-Century Brazilian Poetry**. Middletown: Wesleyan University, 1972.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1956.

CAMILO, Vagner. (2003). Poemas negros Um diálogo poético de Jorge de Lima e Gilberto Freyre. **Revista USP**, (59), 224-231.

CAMPOS, Milton de Godoy (Org.). **Antologia poética da geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

CANDIDO, Antonio. **Na Sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

CARDOZO, Joaquim. **Poemas**. Rio de Janeiro: Agir editora, 1947.

_____. **Poesia completa e prosa**: Joaquim Cardozo. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.

_____. **Poesias Completas**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CINTRA, Elaine Cristina (2020). Um estudo sobre a presença lírica de Joaquim Cardozo nas histórias de literatura brasileira: algumas observações. **Gláuks -** Revista De Letras E Artes, v. 19, p. 69-88, 2019.

_____. O poema e o livro: a recepção da poesia de Joaquim Cardozo em perspectiva. In: CINTRA, Elaine Cristina; CORREIA, Éverton Barbosa (org.). **O meu canto é de sol**: Joaquim Cardozo pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda, 2022, p. 13-36.

CINTRA, Elaine Cristina; SANTOS, Maxwell Amorim dos. Duas elegias de Joaquim Cardozo. **Texto Poético**, 15(28), 429–452.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes. Mourão e Consuelo Santiago. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

CORREIA, Éverton Barbosa. **Joaquim por João**: Cardozo na poesia de Cabral; prefácio Antonio Carlos Secchin. - 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, Faperj, 2022.

_____. Prelúdio e elegia de uma despedida como o hipocampo de Joaquim Cardozo. In: CINTRA, Elaine Cristina; CORREIA, Éverton Barbosa (org.). **O meu canto é de sol**: Joaquim Cardozo pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda, 2022, p. 39-74.

CORREIA, Éverton Barbosa; RAMOS, Vinícius Esteves. (2019). Levantamento textual para edição crítica do livro Poemas de Joaquim Cardozo. **Gláuks** - Revista De Letras E Artes, 19(2), p. 48-68.

COUTINHO, Afrânio. **Da crítica e da nova crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

COUTINHO, Edilberto. **Presença poética do Recife**: crítica e antologia poética. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: FUNDARPE, 1983.

DEFFONTAINES, Pierre. DEFFONTAINES, Pierre. Posições da geografia humana - por que geografia humana?. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 32, São Paulo: 1959, p. 3–16. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1242. Acesso em: 20 jan. 2023.

FERNANDES, Aníbal. **Estudos pernambucanos**. Recife: Editora Massangana, 1982.

FREYRE, Gilberto (org.). **Livro do Nordeste**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

_____. **O mundo que o português criou**. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1940.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. Editora Ática: São Paulo, ed. 8, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Drummond mais seis poetas e um problema**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

JAMBO, Arnoldo. **Diário de Pernambuco**: história e jornal de quinze décadas. Recife: Diário de Pernambuco, 1975.

LIMA, Késsia Kelle Flor de. O “Recife morto” de Joaquim Cardozo: um panorama regional na década de 20. In: CINTRA, Elaine Cristina; CORREIA, Éverton Barbosa (org.). **O meu canto é de sol**: Joaquim Cardozo pela crítica literária contemporânea. São Paulo: Alameda, 2022, p. 201-229.

LOANDA, Fernando Ferreira de. **Antologia da nova poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1965.

LUCCHESI, Marco. A mais longa viagem. **Poesia completa e prosa**: Joaquim Cardozo. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007, p. 131-147.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**, vol. II: 1940-1981. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. Modernismo. São Paulo: Cultrix, 1995.

MONTEIRO, Luiz Carlos. O fôlego poético múltiplo de Joaquim Cardozo. **Suplemento Cultural do Diário Oficial**. Estado de Pernambuco, Recife, v. 12, p. 25-26, ago. 1997.

MOTA, Mauro. [Prefácio]. FREYRE, Gilberto (org.). **Livro do Nordeste**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979, p. 4-5.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco**. Recife: Imprensa Universitária, 1967, (Vol. 9).

_____. **História da imprensa de Pernambuco**. 2.ed. Recife: UFPE, Empresa Universitária, 1968. V.1.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**, ou Helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAULA, Leandro Francisco de; SANTOS, Daniele. Figurações Sociais de Jorge de Lima na construção de Poemas Negros. **ÍCONE**: REVISTA DE LETRAS (UEG. SÃO LUÍS DO MONTES BELOS), v. 18, p. 13-33, 2018.

PEREIRA, Nilo. **Pernambucanidade**. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1983, v. 1.

PY, Fernando. **Chão da crítica**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984.

_____. "Joaquim Cardozo". In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de (org.). **Poetas do Modernismo**: antologia crítica. Brasília: Ministério da Educação e Cultura; INL, 1972. (vol. 4) p. 159-213.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Joaquim Cardozo. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1970, v. 5.

ROCHA, João César de Castro. **Crítica literária**: em busca de um tempo perdido?. Chapecó: Argos, 2011.

SILVA, Domingos Carvalho da. **Eros & Orfeu**. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966.

VICENTE, Silvana Moreli. **Cartas provincianas**: correspondências entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. 2007. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.